CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* MESTRADO EM AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO

AMBIENTE E QUALIDADE DE VIDA: UM ESTUDO NO CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS (CTG) NOVA QUERÊNCIA DE BOA VISTA/RR

Silvana Aparecida Mendes Matsdorff

Lajeado, novembro de 2013

Silvana Aparecida Mendes Matsdorff

AMBIENTE E QUALIDADE DE VIDA: UM ESTUDO NO CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS (CTG) NOVA QUERÊNCIA DE BOA VISTA/RR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, do Centro Universitário UNIVATES, como parte da exigência para obtenção do grau de Mestre em Ambiente e Desenvolvimento na área de concentração Espaço e Problemas Socioambientais

Orientadora: Profª. Drª. Claudete Rempel
Coorientador: Prof. Dr. Luís Fernando Laroque

Lajeado, novembro de 2013

Silvana Aparecida Mendes Matsdorff

AMBIENTE E QUALIDADE DE VIDA: UM ESTUDO NO CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS (CTG) NOVA QUERÊNCIA DE BOA VISTA/RR

A banca examinadora abaixo aprova a dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, do Centro Universitário UNIVATES, como parte da exigência para obtenção do grau de Mestre em Ambiente e Desenvolvimento na área de concentração de Espaço e Problemas Socioambientais:

Profª. Drª. Claudete Rempel - Orientadora
Univates

Prof. Dr. Luís Fernando da Silva Laroque – Coorientador
Univates

Prof. Dr. Valdir José Morigi
Univates

Profª. Drª. Silvana Martins
Univates

Prof. Dr. Marco Antonio Bettine de Almeida
Universidade de São Paulo (USP)

Lajeado, novembro de 2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, professora Drª. Claudete Rempel, pela dedicação, paciência e maestria em orientar, mesmo que em muitos momentos, à distância. Admiro-te pela competência, determinação e pela forma simples, mas firme com que conduziu a orientação, incentivando-me e me mostrando caminhos precisos em todos os momentos, fazendo-me sentir segura e confiante.

Ao professor Dr. Luís Fernando da Silva Laroque, meu coorientador, que com sua sabedoria, dedicação e disponibilidade atendeu às minhas necessidades na pesquisa, desde o primeiro momento com apoio teórico e posteriormente com o cuidado minucioso nas contribuições e observações na construção desse estudo.

À professora Drª. Silvana Martins e ao professor Dr. Eduardo Périco que compuseram a banca de qualificação do projeto, contribuindo significativamente com o processo de pesquisa e com meu conhecimento.

A todos os professores e professoras do Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento pelos conhecimentos compartilhados.

À Aline Diesel e Diorge Marmitt, secretários do PPGAD, sempre disponíveis e gentis em auxiliar quando necessário.

Aos colegas de curso, oriundos de Roraima, Maranhão, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul, pela oportunidade de estar e aprender com vocês. A experiência foi muito gratificante!

Agradeço especialmente às colegas de curso, hoje amigas, Patrícia Grisa e Elizangela Monteiro, pessoas que tive a grata oportunidade de conhecer e por quem cultivo um carinho especial. Agradeço por terem sido em local tão distante de meu lar, um apoio e uma companhia para o estudo, para a conversa, para o compartilhamento de alegrias, dúvidas e angústias, para o riso - tão necessário para desestressar e nos equilibrar emocionalmente - e até para comemorar meu

aniversário num sábado frio de julho, com direito a passeio, *fondue* e bom vinho. Vocês estarão sempre em meu coração, em minha memória!

Ao Sr. Irno Araldi, Patrão do CTG Nova Querência que abriu as portas do Centro para que eu pudesse realizar a pesquisa com tranquilidade. À Inês, secretária do CTG e à Dilce, que foram sempre disponíveis a me auxiliar em tudo que foi necessário. Aos participantes do Centro que aderiram à pesquisa, gentilmente compartilhando seus sentimentos e conhecimentos, permitindo dessa maneira que esse estudo se concretizasse.

À professora Simone Batista, Diretora do Centro Estadual de Formação dos Profissionais da Educação de Roraima (CEFORR) e à Secretária Estadual de Educação e Desportos (SEED), professora Lenir Rodrigues, que autorizaram minha licença para capacitação.

Ao meu pai Pedro Ançay Mendes (*in memoriam*), que apesar do pouco estudo, foi um homem extremamente sábio e sempre me incentivou a galgar meu espaço. Enfatizou a importância da busca pelo saber, me fazendo observar que ser mulher nessa sociedade machista que vivemos não é tarefa fácil e que o conhecimento poderia me proporcionar maior liberdade.

À minha mãe, D. Zenaide, pelo apoio incondicional sempre que precisei me ausentar, auxiliando no cuidado dos meus filhos. Pelos abraços amorosos e acolhedores na presença e pelas ligações quase que diárias na ausência, para saber se eu estava bem. Obrigada pelo incentivo e pelas palavras de apoio!

Aos meus filhos Alexandre e Leonardo, que me motivam diariamente com seu amor, seus sorrisos, seus abraços e beijos, suas histórias e gestos propositais para me fazer sorrir e por saberem compreender minhas ausências, mesmo que elas ocorram no compartilhamento do mesmo ambiente em alguns momentos.

Ao meu esposo e companheiro Robson, por ser paciente e grande incentivador em todas as iniciativas que defini para minha vida até o momento.

A todos a minha sincera gratidão!

RESUMO

A qualidade de vida é uma compreensão pessoal, de como o indivíduo percebe o mundo e a si próprio. Diz respeito ao bem-estar físico, psicológico e social do ser humano e tem relação com sua cultura, com seus valores, condição econômica, expectativas de vida, relação com o ambiente e políticas públicas. O presente estudo visou identificar a qualidade de vida de participantes de uma comunidade de sentidos denominada Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Nova Querência, localizado no município de Boa Vista/RR, bem como suas percepções sobre a contribuição desse ambiente para a promoção de sua qualidade de vida. A pesquisa qualiquantitativa de corte transversal ocorreu no período de outubro a novembro de 2012. Os participantes que tinham frequência mínima de três vezes ao mês no Centro foram convidados a fazer parte da pesquisa, sendo que 59 pessoas participaram por adesão. Foi utilizando o instrumento de avaliação *World Health Organization Quality of Life* (*WHOQOL-Bref*) da Organização Mundial de Saúde (OMS) para analisar as respostas referentes à qualidade de vida nos domínios: físico, psicológico, ambiental e das relações sociais dos maiores de 18 anos e entrevistas e grupos focais com pessoas de diferentes faixas etárias para identificar as suas percepções sobre a influência do Centro em sua qualidade de vida. As médias das respostas dos participantes do CTG para o instrumento *WHOQOL-Bref* apontaram para uma boa qualidade de vida em todos os domínios analisados, sendo que o maior escore encontra-se no domínio social e o menor, no domínio físico, com as seguintes médias: Domínio físico: 63,47 ±1,55; Domínio psicológico: 69,81 ±1,44; Domínio social: 79,08 ±2,03 e Domínio ambiental: 69,25 ±1,88. A relevância das relações sociais para a qualidade de vida dos participantes do estudo foi observada também nas análises de seus relatos.

Palavras-chave: Qualidade de vida. Ambiente. Centro de Tradições Gaúchas (CTG).

ABSTRACT

The quality of life is a personal understanding of how the individual perceives the world and himself. It relates to the physical, psychological and social health of human beings and is related to their culture, their values, economic conditions, life expectations, relationship with the environment and public policy. The present study aimed identify the quality of life of participants in a community senses called "Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Nova Querência", located in the city of Boa Vista / RR, identifying their perceptions about the contribution of this environment to promote their quality of life. The qualitative and quantitative research of cross-sectional cut occurred between October-November 2012. The participants who had minimum of three times a month at the Center were invited to join the research. 59 people participated by accession. It was used the assessment tool World Health Organization Quality of Life (WHOQOL-Bref) of the World Health Organization (WHO) to analyze the responses relating to the quality of life domains: physical, psychological, environmental and social relations of over 18 years and interviews and focus groups with people from different age to identify their perceptions about the influence of the Center in their quality of life. The average responses of the participants from CTG to the instrument WHOQOL-Bref indicated for a good quality of life in all areas analyzed, with the highest score in the social domain and the lowest in the physical domain, with the following averages: physical domain: 63.47 ±1.55; psychological domain: 69.81 ±1.44; social domain: 79.08 ±2.03 and environmental domain: 69.25 ± 1.88. The relevance of social relations for the quality of life of the participants of the study was also observed in the analyses of its reports.

Keywords: *Quality of life. Environment.Centro de Tradições Gaúchas (CTG)*

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A - Adolescentes

ADM - Administradores

CTG - Centro de Tradições Gaúchas

J - Jovens

MA - Participantes mais antigos

OA - Orientadores de atividades físicas e culturais

OMS - Organização Mundial de Saúde

P - Pais

QV - Qualidade de vida

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

X- Xirus

WHO - World Health Organization

WHOQOL-Bref – World Health Organization Quality of Life Bref

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 10

2 A RELAÇÃO INTRÍNSECA ENTRE QUALIDADE DE VIDA E AMBIENTE 15

2.1 Qualidade de vida no contexto da interdisciplinaridade 15

2.2 Qualidade de vida: Conceito ampliado de saúde 16

2.3 As Conferências Internacionais da Promoção da Saúde e suas diretrizes . 19

2.4 Ambiente e qualidade de vida 24

2.5 Expectativa de vida, atividades físicas e qualidade de vida 26

2.6 Origem e expansão dos CTGs 28

2.7 O CTG Nova Querência como ambiente integrador e divulgador de cultura 33

2.8 O CTG como ambiente educativo 35

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 39

3.1 Tipo de pesquisa 39

3.2 Método 40

3.3 Campo de investigação 40

3.4 Coleta dos dados 41

3.5 Análise dos dados 43

3.6 Critérios éticos 44

3.7 As entrevistas individuais e coletivas 46

4 AS PERCEPÇÕES DOS PARTICIPANTES DO CTG NOVA QUERÊNCIA DE BOA VISTA-RR SOBRE QUALIDADE DE VIDA E INFLUÊNCIA DO AMBIENTE 50

4.1 O perfil dos participantes do CTG Nova Querência de Boa Vista-RR 50
4.2 Representações do ambiente do CTG Nova Querência para os participantes. 52
4.3 O conceito de qualidade de vida para os participantes da pesquisa e a influência do CTG Nova Querência de Boa Vista-RR nesse contexto 59
4.4 A participação no CTG e o reflexo na vida familiar dos participantes da pesquisa 67

5 QUALIDADE DE VIDA DOS PARTICIPANTES DO CTG NOVA QUERÊNCIA DE BOA VISTA-RR A PARTIR DO INSTRUMENTO *WHOQOL-BREF* 72

6 CONCLUSÕES 79

REFERÊNCIAS 82

APÊNDICES 95

ANEXOS 98

1 INTRODUÇÃO

Viver de maneira plena, sentindo-se bem em seu ambiente físico e social, estando satisfeito consigo e com suas conquistas pessoais, tendo saúde e acesso aos bens e serviços indispensáveis para a vida é uma aspiração e uma tarefa complexa para o ser humano. A qualidade de vida é um tema que tem recebido atenção especial nos últimos anos, por antropólogos, sociólogos, políticos e profissionais da saúde.

O presente estudo tem como tema: Ambiente e qualidade de vida de participantes de Centro de Tradições Gaúchas. Entendido como um conceito polissêmico, a qualidade de vida é interpretada e sentida pelas pessoas de maneira diferente, dependendo de sua cultura, de suas crenças, acesso a conhecimentos, posição social e conjunto de valores, podendo variar também para o mesmo indivíduo em diferentes momentos de sua existência.

No decorrer do tempo, têm sido levantadas questões e debates sobre a intrínseca relação entre qualidade de vida e saúde, tendo como estratégia principal, o conceito de Promoção da Saúde, que compreende a qualidade de vida como um conceito ampliado de saúde. A saúde nesse contexto é compreendida como um bem social e como um conceito positivo, que enfatiza os recursos sociais, ambientais e pessoais, bem como as capacidades físicas do indivíduo e comunidade e não somente como a ausência de doença. Nesse sentido, o questionamento que permeia esse estudo é: Participar do Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Nova Querência, contribui para a qualidade de vida, nos âmbitos social, físico, psicológico e ambiental de seus frequentadores?

Compreende-se que a promoção da saúde e consequentemente a busca pela melhoria da qualidade de vida é responsabilidade de todos. Além da necessidade da

implementação de políticas públicas pelo Estado, indivíduos e sociedade devem estar imbuídos do desejo de promover ações que melhorem a qualidade de vida individual e coletiva. A organização e participação em espaços organizados nos quais as pessoas possam se reunir para se confraternizar, conversar, compartilhar sonhos, dificuldades e desejos, participar de atividades físicas e culturais, desfrutar de boa gastronomia, reviver e compartilhar sua cultura, enfim, participar de momentos de lazer, constitui-se como uma alternativa.

Em Boa Vista, Roraima, o Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Nova Querência, fundado em 1981, representa um desses espaços. Sociedade sem fins lucrativos, o CTG busca divulgar as tradições e o folclore da cultura gaúcha, além de oferecer diversas atividades físicas para seus sócios e comunidade. O Centro possui cerca de 400 sócios, dentre eles, sócios fundadores, sócios patrimoniais e sócios transitórios ou contribuintes. Essa comunidade de sentidos visa à integração social dos participantes, que no caso de Roraima não se constitui somente de gaúchos, mas de pessoas das mais diversas naturalidades.

O CTG Nova Querência promove jantares semanalmente e festas em diferentes períodos do ano, sendo a mais tradicional e esperada pela sociedade roraimense, a programação da Semana Farroupilha, que ocorre no mês de setembro. Uma semana de festa com apresentações de danças tradicionais, missa crioula, concurso de prendas[1], bailes com a participação de bandas tradicionalistas gaúchas, degustação da culinária gaúcha, italiana e alemã, dentre outras manifestações culturais que divulgam e valorizam a cultura rio-grandense.

Espaço promotor de lazer e de compartilhamento de saberes, compreende-se que o CTG Nova Querência representa uma comunidade de sentidos, plural e educativa, na qual sujeitos de diversas culturas se encontram, vivenciando um processo constante de construção e reconstrução social. Nessa dinâmica de reviver e divulgar a cultura, adaptando-a arealidade, é promovida uma interação que gera um processo de sentimento de pertinência à sociedade e bem-estar pessoal. Esse sentimento, aliado a tantos outros de ordem física, social, psicológica e ambiental integram o construto do conceito de qualidade de vida.

Diante do exposto, o presente estudo teve como objetivo geral, identificar a qualidade de vida dos participantes do CTG Nova Querência de Boa Vista nos

[1] “Jóia, relíquia, presente de valor. Em sentido figurado, moça gaúcha” (LOPES NETO, sd).

aspectos físico, psicológico, social e ambiental, bem como a influência do referido ambiente nesse processo. Para tanto, foi aplicado o instrumento de avaliação da qualidade de vida, denominado *WHOQOL-Bref*, desenvolvido por um grupo de pesquisadores da área da saúde, na Organização Mundial de Saúde (OMS), validado no Brasil por Fleck em 2000 após aplicação do referido instrumento com uma amostra de 300 indivíduos, na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Também foram realizadas entrevistas com os administradores e orientadores de atividades físicas e culturais do Centro, bem como Grupos Focais, com participantes de diferentes faixas etárias. Participaram da pesquisa, por adesão, os frequentadores mais assíduos do Centro, com participação mínima de três vezes ao mês.

Os objetivos específicos do estudo foram:

a) Identificar quais domínios relativos à qualidade de vida dos participantes do CTG apresentam os maiores escores;
b) Identificar as motivações dos participantes em frequentar o CTG Nova Querência;
c) Investigar as percepções dos participantes do CTG Nova Querência sobre a contribuição desse ambiente para a promoção da sua qualidade de vida e repercussão em seu ambiente de trabalho e familiar;
d) Identificar o perfil de migrantes sulistas e demais participantes do CTG Nova Querência;
e) Detectar diferenças entre a qualidade de vida dos migrantes sulistas e demais participantes do CTG.

O interesse pela temática qualidade de vida se deu, primeiramente, pelo fato do assunto estar relacionado com a formação acadêmica da autora, que é professora de Educação Física e Pedagoga. Também, pelo fato do Centro de Tradições Gaúchas tratar-se de um ambiente plural, no qual se desenvolvem ações e práticas de ensino e de aprendizagem em diferentes contextos, seja pelo processo de divulgação e compartilhamento da cultura, como por meio das relações que lá se estabelecem, promovendo um amplo aprendizado tanto das crianças, quanto dos adolescentes, jovens e adultos no que diz respeito ao ser, ao fazer e principalmente ao conviver.

Esses elementos, além de representarem ingredientes de grande importância

para a constituição de uma sociedade melhor, têm íntima relação com a função e a vivência da autora como educadora. Outro aspecto importante para aproximação dessa temática foi o fato da autora ser migrante de Santa Catarina, pois seus pais, no início da década de 80, escolheram Roraima para viver, por vislumbrarem a possibilidade de, no novo Estado, na ocasião, Território Federal, poderem oferecer melhores condições de vida para a família composta por sete pessoas.

Neste contexto, foi observado, no decorrer destes pouco mais de 30 anos, que o Estado de Roraima recebe pessoas de diversas partes do Brasil para desenvolver diferentes atividades profissionais. Muitas das pessoas economicamente ativas no Estado utilizam a maior parte do seu tempo para o trabalho, privando-se de momentos voltados para a socialização em ambiente que lhes proporcione lazer, integração social e descontração, o que aperfeiçoaria a sua qualidade de vida.

O CTG Nova Querência, em Roraima, é uma comunidade na qual se reúnem, além de pessoas que migraram da região Sul do Brasil, outras que se integraram a esse grupo por diversos motivos como casamento, amizade, admiração pelas práticas culturais ali desenvolvidas ou exclusivamente para participar de alguma atividade específica como natação, hidroginástica, futebol e dança. Nesse ambiente, elas participam de atividades físicas, esportivas, recreativas e culturais, bem como de eventos como reuniões formais e informais, festas, jantares e outras atividades nas quais, além de vivenciarem momentos de lazer e socialização, compartilham ideias, anseios, angústias e alegrias.

Com base nessas observações foi despertado o interesse em pesquisar se um ambiente organizado no sentido de integrar pessoas e estimular a participação em diversas atividades pode melhorar sua qualidade de vida. De posse dos dados, será possível verificar também, se os sujeitos da pesquisa têm consciência a respeito do que é qualidade de vida e se as atividades que desenvolvem em seu cotidiano têm lhes proporcionado uma vivência significativa, com saúde e bem-estar, permitindo-lhes que sejam mais felizes, realizados e produtivos.

As seguintes hipóteses são apresentadas nesse estudo:

a) Os participantes em atividades no CTG Nova Querência de Boa Vista apresentam bons níveis de qualidade de vida nos aspectos físico, psicológico, ambiental e das relações sociais;

b) Os participantes do CTG Nova Querência percebem esse ambiente como promotor de sua qualidade de vida com repercussão em seus ambientes de trabalho e familiar.

São abordadas no decorrer desse estudo, algumas concepções teóricas que fundamentaram essa dissertação. A princípio, no capítulo 1 é discorrido sobre qualidade de vida no contexto da interdisciplinaridade; qualidade de vida como conceito ampliado de saúde e serão apresentadas as Conferências Internacionais da Promoção de Saúde que ocorreram no decorrer do tempo e suas diretrizes, destacando-se que uma das estratégias prioritárias para a promoção da saúde é a criação de ambientes sustentáveis.

Na sequência é abordado o tema Ambiente e Qualidade de Vida, partindo-se do princípio que o discurso ambiental não representa somente um entendimento voltado ao ambiente natural, abarcando também o processo social, por meio do qual ele é construído e transmitido. É discutido também sobre a relação da expectativa de vida, das atividades físicas e a qualidade de vida. Nessa perspectiva, destaca-se a dança como uma das alternativas para a promoção da saúde, do lazer e da integração social, sendo esta, uma das principais atividades desenvolvidas em ambientes como os CTGs.

Dando sequência, no capítulo 2 é apresentada uma breve contextualização histórica sobre a origem e expansão dos CTGs e o surgimento do CTG Nova Querência de Boa Vista-RR. Sobre o Centro em Roraima, são destacadas suas características principais, a promoção da integração social e a divulgação da cultura gaúcha, bem como o fato de o mesmo se apresentar como um ambiente educativo.

No capítulo 3 encontram-se descritos os procedimentos metodológicos, como e quando ocorreram as aplicações dos instrumentos de coleta de dados e como se deram as análises dos mesmos. No capítulo 4 são apresentados os resultados e discussões do estudo sobre a percepção dos participantes do CTG Nova Querência de Boa Vista-RR a respeito do que é qualidade de vida e influência do ambiente em questão para o bem-estar dos frequentadores e suas relações familiares. No capítulo 5 são descritos os resultados e discussões sobre os escores da qualidade de vida dos participantes do Centro, a partir da aplicação do instrumento *WHOQOL-Bref*. No capítulo 6 são apresentadas as considerações finais sobre esse estudo.

2 A RELAÇÃO INTRÍNSECA ENTRE QUALIDADE DE VIDA E AMBIENTE

Qualidade de vida é um conceito amplo e multidimensional, que tem relação com a cultura, valores pessoais, políticas públicas e ambiente. Neste item, serão apresentados e discutidos os seguintes temas: Qualidade de vida no contexto da interdisciplinaridade; Qualidade de vida: conceito ampliado de saúde; As Conferências Internacionais da Promoção da Saúde e suas diretrizes; Ambiente e Qualidade de Vida; Expectativa de vida, atividades físicas e qualidade de vida; Origem e expansão dos CTGs e o CTG Nova Querência como ambiente integrador e divulgador de cultura e como ambiente educativo.

2.1 Qualidade de vida no contexto da interdisciplinaridade

O panorama mundial modifica-se de maneira muito rápida. Concomitantemente com o avanço da tecnologia e a velocidade da difusão das informações, problemas das mais diversas ordens surgem ou se agravam a cada dia, tornando complexa a vivência humana. Desigualdades sociais, acelerado crescimento demográfico, fome, pobreza, a globalização difundindo e impondo a cultura das grandes potências e influenciando na cultura de povos e países menos desenvolvidos, conflitos gerados pela busca do poder e do capital, são alguns dos exemplos que podem ser citados.

Nesse cenário, pode-se afirmar também, que se vive no mundo da produção, da transformação e divulgação do conhecimento, porém, ainda de forma fragmentada. Partindo do princípio que a realidade é complexa e multifacetada, que qualquer acontecimento relativo ao ser humano apresenta diversas dimensões,

compreende-se que a análise dessas dimensões deva ser feita de forma integrada, numa perspectiva interdisciplinar, para a compreensão integral dos fenômenos sociais (VILELA; MENDES, 2003).

Ao se fazer referência à qualidade de vida, pode-se dizer que se faz menção à saúde individual e coletiva em todos os seus aspectos. “Etimologicamente, o termo saúde, em latim *sallus,* significa são, inteiro; em grego, o significado é inteiro, real, integridade” (VILELA; MENDES, 2003, p. 528-529). Partindo desse pressuposto, não se poderia conceber a fragmentação da saúde humana em física, social e mental, mas há a necessidade de entendê-la, pesquisá-la e buscar alternativas para sua complexa rede de demandas a partir de uma visão holística, interdisciplinar.

> A interdisciplinaridade na área da Saúde Coletiva coloca-se como exigência interna, uma vez que seu objeto de trabalho – a saúde e a doença no seu âmbito social – envolve concomitantemente: as relações sociais, as expressões emocionais e afetivas e a biologia, traduzindo, por meio da saúde e da doença, as condições e razões sócio-históricas e culturais dos indivíduos e grupos (VILELA; MENDES, 2003, p. 529).

Nesse contexto, apesar de tema complexo, a interdisciplinaridade tem se apresentado como alternativa para a construção do conhecimento, numa perspectiva de diálogo e enriquecimento entre os diversos saberes, de maneira a atender a complexidade e os desafios apresentados pelo mundo atual, dentre eles, os relacionados à saúde e demais problemas socioambientais (GOMES; DESLANDES, 1994; MINAYO, 1994).

2.2 Qualidade de Vida: Conceito ampliado de saúde

Sentir-se bem e feliz pode ser considerado um dos maiores objetivos de qualquer ser humano. Para tanto, vários aspectos relacionados à vida de cada pessoa devem ser observados, tais como as condições básicas de moradia, saúde, alimentação, acesso a bens e serviços, poder aquisitivo, segurança, educação, lazer, relações afetivas e sociais, ambiente saudável, realizações pessoais, expectativas em relação à vida e tudo o mais que cada pessoa julgue necessário para seu bem-estar, para sua qualidade de vida.

Em 1964, o presidente dos Estados Unidos, Lyndon Johnson declarou que “[...] os objetivos não podem ser medidos através do balanço dos bancos. Eles só

podem ser medidos através da qualidade de vida que proporcionam às pessoas" (LYNDON JOHNSON apud FLECK et al., 1999, p. 20). Assim, foi empregada a expressão qualidade de vida pela primeira vez. A crescente preocupação com o conceito se deu primeiramente entre cientistas sociais, filósofos e políticos. Na sequência, fez parte de um movimento das ciências humanas e biológicas, para valorizar parâmetros mais amplos da saúde humana, em virtude do acelerado avanço tecnológico da Medicina e áreas afins e consequente desumanização das mesmas (FLECK et al., 1999).

Outro fato esclarecido por Scattolin (2006), é que o termo qualidade de vida, foi utilizado objetivando criticar as políticas estimuladoras do crescimento econômico desordenado, causador de prejuízos ao meio ambiente e de agravos às condições de vida. Como, ter uma boa vida era considerado sinônimo de crescimento econômico, consequentemente a qualidade de vida tinha relação direta com a aquisição de bens materiais. Dessa forma, havia um distanciamento do conceito de vida com qualidade como direito de todos.

A concepção de qualidade de vida relacionada ao crescimento econômico foi tomando outro enfoque após a Segunda Guerra Mundial, quando iniciou um processo de formulação das políticas sociais visando à felicidade, bem-estar e qualidade de vida. Aliado a esse fato, a OMS redefine o termo saúde e incorpora noções de bem-estar físico, social e emocional, iniciando também as primeiras discussões acerca da possibilidade de se mensurar o bem-estar. Nessa perspectiva, o conceito de qualidade de vida e seus indicadores foram se ampliando, deixando de ter como base os estilos de vida, e passando a ter uma orientação centrada nos fatores sociais e ambientais (SCATTOLIN, 2006; BRASIL, 2002).

Apesar de não haver consenso a respeito do conceito de qualidade de vida, a subjetividade, a multidimensionalidade e a presença de dimensões positivas e negativas (como exemplo: a mobilidade e dor respectivamente), são apontados como os três aspectos fundamentais do construto qualidade de vida, por meio do qual um grupo de especialistas de vários países, reunidos na Organização Mundial de Saúde (OMS) a definiram como sendo "[...] a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações" (*THE WHOQOL GROUP* apud FLECK, 2000, p. 34).

Para Coimbra (1985), a qualidade de vida pode ser definida, como o grau de satisfação atingido pelos indivíduos ou população, no que diz respeito às suas necessidades consideradas fundamentais. Neste sentido, ela apresenta-se como a somatória de fatores decorrentes da interação entre sociedade e ambiente, atingindo a vida no que concerne às suas necessidades biológicas, psíquicas e sociais inerentes ou adquiridas. Corroborando essa ideia, temos:

> [...] a análise da qualidade de vida aborda uma representação social criada a partir de parâmetros subjetivos (bem-estar, felicidade, amor, prazer, realização pessoal) e objetivos, cujas referências são a satisfação das necessidades básicas e das necessidades criadas pelo grau de desenvolvimento econômico e social de determinada sociedade (ALMEIDA; GUTIERREZ; MARQUES, 2012, p. 62).

Compreendido como um termo polissêmico, resultado de uma construção social, com marcas culturais, a qualidade de vida, segundo Minayo, Hartz e Buss *(*2000), abrange muitos significados, que refletem os valores, experiências e conhecimentos individuais e da coletividade nas diferentes épocas, em diferentes espaços e por meio das diferentes histórias vividas. Para os autores:

> Qualidade de vida é uma noção eminentemente humana, que tem sido aproximada ao grau de satisfação encontrada na vida familiar, amorosa, social e ambiental e à própria estética existencial. Pressupõe a capacidade de efetuar uma síntese cultural de todos os elementos que determinada sociedade considera seu padrão de conforto e bem-estar (MINAYO; HARTZ; BUSS, 2000, p. 8).

O conceito de qualidade de vida, portanto, é complexo, difere em seu significado dependendo da época, da cultura e do indivíduo, sendo que o mesmo indivíduo pode percebê-la de maneira diversa em diferentes momentos da vida. Está relacionada com a percepção que cada um tem de si e dos outros, bem como do mundo que o rodeia, podendo ser avaliada por meio de critérios como a educação, a formação de base, a atividade profissional, as realizações pessoais, as competências adquiridas, o otimismo e a saúde (LEAL, 2008). Reitera-se, portanto, que o entendimento sobre o que seja qualidade de vida "[...] depende da carga de conhecimento do sujeito, do ambiente em que ele vive, de seu grupo de convívio, da sua sociedade e das expectativas próprias em relação a conforto e bem-estar" (ALMEIDA; GUTIERREZ; MARQUES, 2012, p. 19).

É importante ressaltar, que na literatura médica, expressões como condição

de saúde, funcionamento social, condição de vida e estilo de vida, são termos utilizados como sinônimos para a expressão qualidade de vida (FLECK et al., 1999; MINAYO; HARTZ; BUSS, 2000). Ademais, nos últimos anos, estudiosos da medicina social e dos movimentos pioneiros da saúde pública, têm discutido com mais ênfase a intrínseca relação entre qualidade de vida e saúde, tendo como estratégia principal, o conceito de Promoção da Saúde (BUSS, 2000).

2.3 As Conferências Internacionais da Promoção da Saúde e suas diretrizes

Representando uma alternativa para enfrentar os múltiplos problemas que afetam a saúde humana, visando à melhoria da qualidade de vida, algumas das estratégias prioritárias para a promoção da saúde são “[...] a constituição de políticas públicas saudáveis, a criação de ambientes sustentáveis, a reorientação dos serviços de saúde, o desenvolvimento da capacidade dos sujeitos individuais e o fortalecimento de ações comunitárias” (CARVALHO; GASTALDO, 2008, p. 2030). Nesse processo, há uma “[...] responsabilização múltipla, seja pelos problemas, seja pelas soluções propostas para os mesmos” (BUSS, 2000, p. 165-166), em relação ao Estado, à comunidade e aos indivíduos.

Um dos primeiros autores a fazer referência ao termo promoção da saúde foi Singerist, em 1946 (SINGERIST apud BUSS, 2000, p. 166), quando afirmou que “[...] a saúde se promove proporcionando condições de vida decentes, boas condições de trabalho, educação, cultura física e formas de lazer e descanso”, porém, o conceito moderno de promoção da saúde surgiu e se desenvolveu nos últimos anos, especialmente nos países em desenvolvimento, principalmente no Canadá, Estados Unidos e países da Europa Ocidental (BUSS, 2000).

Esse moderno movimento de promoção da saúde surgiu, mais especificamente a partir da divulgação do “Informe Lalonde”, em 1974 no Canadá. O referido documento considerava que as ações voltadas ao campo da saúde deveriam objetivar, além do acréscimo de anos à vida, maiores possibilidades do indivíduo usufruir o seu viver, ressaltando a necessidade e a importância do aumento da equidade econômica e social (CARVALHO, 2002).

Este foi o primeiro documento oficial com a denominação de promoção da saúde. O “Informe Lalonde” tinha como fundamento o conceito de “campo da

saúde", decomposto em quatro componentes da saúde, de maneira ampla: "[...] a biologia humana (genética e função humana); o ambiente (natural e social), o estilo de vida (comportamento individual que afeta a saúde) e a organização dos serviços de saúde" (HEIDMANN, et al., 2006, p. 353).

Foram realizadas também, quatro importantes Conferências Internacionais após a divulgação do Informe Lalonde, que trataram sobre o assunto: Ottawa, em 1986, Adelaide, em 1988, Sundsvall, em 1991 e Jacarta, em 1997. Nessas Conferências, foram desenvolvidas as bases políticas e conceituais da promoção da saúde (BUSS, 2000).

A publicação do Ministério da Saúde intitulado "As cartas da Promoção da Saúde" (BRASIL, 2002), reúne os documentos de referência, resultantes do processo de discussão e construção dos conceitos fundamentais sobre o contexto da promoção da saúde. Dentre eles, a Carta de Intenções elaborada na Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, realizada em Ottawa, no Canadá em 1986, que teve como objetivo contribuir para se atingir Saúde para Todos, no ano de 2000 e anos subsequentes, reforçando a proposta já lançada na Conferência de Alma-Ata em 1978. Na "Carta de Ottawa", promoção da saúde é definida como:

> O processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo. Para atingir um estado de completo bem-estar físico, mental e social os indivíduos e grupos devem saber identificar aspirações, satisfazer necessidades e modificar favoravelmente o meio ambiente. A saúde deve ser vista como um recurso para a vida, e não como objetivo de viver. Nesse sentido, a saúde é um conceito positivo, que enfatiza os recursos sociais e pessoais, bem como as capacidades físicas. Assim, a promoção da saúde não é responsabilidade exclusiva do setor saúde, e vai para além de um estilo de vida saudável, na direção de um bem-estar global (BRASIL, 2002 p. 19-20).

Compreendida como peça central no que diz respeito ao direcionamento das estratégias de promoção da saúde e orientadora das Conferências subsequentes, a "Carta de Ottawa" reconhece a educação em saúde como parcela do entendimento sobre a promoção da saúde, tendo em seu conjunto, cinco estratégias de abrangência: políticas públicas saudáveis, ambientes favoráveis à saúde, reorientação dos serviços de saúde, reforço da ação comunitária e desenvolvimento de habilidades pessoais (BRASIL, 2002; HEIDMANN et al., 2006; BUSS, 2000).

Anteriormente à Conferência vigorava a concepção de que o sujeito tinha responsabilidade por sua saúde ou falta dela, uma vez que se visualizava a necessidade de se corrigir comportamentos como forma de promover a saúde. Em Ottawa, porém, foi afirmado que todas as decisões em torno das políticas públicas, em qualquer nível de governo têm influência positiva ou negativa sobre a saúde da população. Nesse contexto, foi proposta a formulação e implementação de políticas públicas saudáveis, visando à saúde como prioridade política em todos os níveis de governo e com responsabilização pelas consequências das mesmas sobre a saúde da população (BUSS, 2000).

A estratégia de criação de ambientes favoráveis à saúde trouxe a proposta de proteção ao meio ambiente e conservação dos recursos naturais (HEIDMANN et al., 2006), além da necessidade de "[...] acompanhamento sistemático do impacto que as mudanças no meio ambiente produzem sobre a saúde, bem como a conquista de ambientes que facilitem e favoreçam a saúde, como o trabalho, o lazer, o lar, a escola e a própria cidade" (BUSS, 2000, p. 171).

Na estratégia reorientação dos serviços de saúde para a promoção da mesma, propõe-se um enfoque voltado para a saúde, superando o modelo biomédico, centrado na doença. Para tanto, foram propostas mudanças no processo de formação dos profissionais de saúde, bem como profundas transformações nas linhas de financiamento e na organização dos sistemas de saúde (*WHO* apud HEIDMANN et al., 2006; BUSS, 2000).

Foi identificado, como aspecto primordial para o alcance da estratégia de desenvolvimento de habilidades e atitudes pessoais como fator de promoção da saúde, a divulgação de informações sobre a saúde, devendo esta ocorrer no lar, no trabalho, na escola e em outros espaços de participação coletiva. Nesse contexto, há um resgate da dimensão de educação em saúde e um avanço em relação à ideia de *empowerment* (BUSS, 2000), entendido como o fortalecimento das populações, por meio do desenvolvimento da criticidade e da ampliação de sua participação nos processos de decisão (CARVALHO, 2002; ANDRADE; VAITSMAN, 2002). Ou seja, a capacitação das pessoas para que possam exercer o controle de fatores determinantes da sua saúde, bem como, para que tenham poder político individual e coletivo (BUSS, 2000).

A Carta de Ottawa também confirma, um conjunto de valores como resultado de estratégias para a melhoria da qualidade de vida e saúde, dentre eles: “[...] vida, saúde, solidariedade, equidade, democracia, cidadania, desenvolvimento, participação e ação conjunta, entre outros” (*WHO* apud HEIDMANN et al., 2006, p. 354).

A II Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde aconteceu em Adelaide, na Austrália em 1988, da qual foi elaborada a Declaração de Adelaide. Nessa Declaração, foram reafirmadas “[...] as cinco linhas de ação da Carta de Ottawa, consideradas interdependentes, mas destacou que as políticas públicas saudáveis estabelecem o ambiente para que as outras quatro possam tornar-se possíveis” (BRASIL, 2002 p. 35).

É afirmada em Adelaide, a responsabilidade internacional e a visão global da promoção da saúde, estabelecendo que “[...] devido ao grande fosso existente entre os países quanto ao nível de saúde, os países desenvolvidos teriam a obrigação de assegurar que suas próprias políticas públicas resultassem em impactos positivos na saúde das nações em desenvolvimento” (BUSS, 2000. p. 171). A Declaração de Adelaide afirma também o seguinte:

> Para superar as desigualdades existentes entre as pessoas em desvantagem social e educacional e as mais abastadas, requer-se políticas que busquem incrementar o acesso daquelas pessoas a bens e serviços promotores de saúde e criar ambientes favoráveis, estabelecendo-se alta prioridade aos grupos mais desprivilegiados e vulneráveis, reconhecendo como peculiar a cultura de povos indígenas, minorias éticas e imigrantes (BRASIL, 2002 p. 35-36).

Em Adelaide foram identificadas quatro áreas prioritárias para a promoção de ações imediatas em políticas públicas saudáveis: apoio à saúde da mulher; alimentação e nutrição; tabaco e álcool e criação de ambientes favoráveis, reforçando-se a necessidade de articulação intersetorial para a definição de estratégias ecológicas visando a conservação dos recursos naturais e a sustentabilidade (HEIDMANN et al., 2006; BRASIL, 2002).

Realizada em Sundsval, na Suécia, em 1991, a III Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde “[...] foi a primeira conferência global a focar diretamente a interdependência entre saúde e ambiente em todos os seus aspectos” (*WHO* apud BUSS, 2000, p. 171). Por meio das discussões, é afirmada a importância de um

ambiente favorável para a promoção da boa saúde e a responsabilidade de todos para a criação desses ambientes (BRASIL, 2002).

O tema ambiente foi tratado no evento de uma maneira ampla, não o restringindo à dimensão física, mas enfatizando as dimensões: social, econômica, política e cultural (BUSS, 2000; HEIDMANN et al., 2006). Fez referência, portanto, a todos os espaços nos quais as pessoas vivem: "[...] a comunidade, suas casas, seu trabalho e os espaços de lazer e engloba também as estruturas que determinam o acesso aos recursos para viver e as oportunidades para ter maior poder de decisão" (BUSS, 2000, p. 172).

A Carta de Sundsval conclui "[...] que os temas de saúde, ambiente e desenvolvimento humano não podem estar separados. Desenvolvimento implica na melhoria da qualidade de vida e saúde, ao mesmo tempo que, na preservação da sustentabilidade do meio ambiente" (BRASIL, 2002, p. 44).

Foi em Jacarta, na Indonésia, em 1997, que aconteceu a IV Conferência Internacional de Promoção da Saúde, na qual foi elaborada a Declaração de Jacarta. Esta foi a primeira Conferência para a qual foram convidados representantes do setor privado, uma vez que tinha como objetivo central resgatar e atualizar as discussões sobre o "reforço da ação comunitária", definido anteriormente na Carta de Ottawa. Foi concluído que a promoção da saúde é uma responsabilidade de todos, devendo ser realizada em conjunto com a população e para isso, as pessoas necessitam ter direito à voz e acesso ao conhecimento e aos processos de tomada de decisões (BUSS, 2000; HEIDMANN et al., 2006; BRASIL, 2002; BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2007). Em Jacarta também foi definido que:

> Os pré-requisitos para a saúde são: paz, abrigo, instrução, segurança social, relações sociais, alimento, renda, direito de voz das mulheres, um ecossistema estável, uso sustentável dos recursos, justiça social, respeito aos direitos humanos e equidade. A pobreza é, acima de tudo, a maior ameaça à saúde (BRASIL, 2002, p. 49).

Mais do que uma responsabilidade individual, com enfoque comportamental ou na necessidade de mudanças de estilo de vida, concorda-se que "[...] a saúde deve estar na agenda de prioridades dos políticos e dirigentes em todos os níveis e setores, que devem tomar consciência de suas decisões e responsabilidades" (*WHO* apud HEIDMANN et al., 2006, p. 354). Ressalta-se, portanto, que "[...] a promoção e

proteção da saúde dos povos é essencial para o contínuo desenvolvimento econômico e social e contribui para a melhor qualidade de vida e para a paz mundial" (BRASIL, 2002, p. 33).

Reafirma-se assim, que a promoção da saúde é responsabilidade de todos: indivíduo, comunidade, Estado, Nações, instituições privadas, associações comunitárias e organizações não governamentais. A saúde, portanto, "[...] é um bem público, construído com a participação solidária de todos os setores da sociedade" (BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2007, p. 88). É importante também que se compreenda o real significado do termo saúde, conceituando-o não como a ausência de doença simplesmente, mas como uma concepção ampla de saúde, abordando a qualidade de vida em todos os seus aspectos: físico, social, emocional, psicológico, financeiro, ambiental, entre outros. Para tanto, há que se diminuir as iniquidades existentes no acesso a bens e serviços e fortalecer o *empowerment* da população, para que todos os cidadãos possam "[...] conquistar o direito à vida com ética e dignidade humana" (HEIDMANN et al., 2006, p. 357).

2.4 Ambiente e qualidade de vida

Compactuando com a ideia de Marinho (2005), entende-se que o discurso ambiental não representa somente o discurso voltado ao ambiente natural, abarcando também o processo social, por meio do qual ele é construído e transmitido. Bem como com Sachs (2001, p. 75) quando afirma que "[...] desenvolvimento humano [...] supõe a extensão de todos os direitos – inclusive econômicos, sociais e culturais – ao conjunto de cidadãos. [...] o desenvolvimento implica a cidadania universal efetiva [...]. O mesmo autor assevera que "No sentido forte da palavra, o desenvolvimento implica progressos simultâneos, nos âmbitos social, ambiental e econômico [...]" (SACHS, 2003, p. 63).

Nessa perspectiva, Capra (2006) destaca a necessidade de haver uma mudança de paradigma, deixando-se de ver o mundo de maneira estanque, desarticulada e desassociada e passando a ter uma visão holística desse mundo, concebendo-o como um todo que se integra, com problemas que são interdependentes e interligados. Para essa percepção ele denomina visão ecológica, usando o termo ecologia num sentido mais profundo e mais amplo do usual. Para o

autor:

> A percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos dependentes desses processos) (CAPRA, 2006, p. 25).

O referido autor também evidencia a sustentabilidade como única solução viável para os problemas da humanidade, uma vez que a partir de uma visão sistêmica, todos os problemas e soluções aos mesmos estão relacionados. Para tanto, cita Lester Brown, que definiu sustentabilidade da seguinte forma: “Uma sociedade sustentável é aquela que satisfaz suas necessidades sem diminuir as perspectivas das gerações futuras” (LESTER BROWN apud CAPRA, 2006, p. 24). A partir desse conceito, concorda-se com Capra quando esse conclui que “[...] este em resumo, é o grande desafio do nosso tempo: criar comunidades sustentáveis - isto é, ambientes sociais e culturais onde podemos satisfazer as nossas necessidades e aspirações sem diminuir as chances das gerações futuras” (CAPRA, 2006, p. 24).

Partindo do princípio que o indivíduo e o meio ambiente têm ligação intrínseca, esse ambiente, portanto, promove impactos sobre a saúde dos indivíduos e populações, podendo esses impactos ser positivos ou negativos. Além da responsabilidade de nossos líderes em reconhecer que todas as suas ações afetam a sociedade e o ambiente de forma geral (CAPRA, 2006), bem como de toda a sociedade compreender que a saúde da população - a partir do conceito ampliado - e do ambiente é responsabilidade de todos; dentre várias iniciativas importantes e necessárias, avaliar e mudar os modos de vida, de lazer e trabalho é um dos aspectos considerados essenciais.

Tanto o lazer quanto o trabalho e as demais atividades do ser humano, devem ser fontes de saúde. “A saúde é um direito humano fundamental, e a consecução do mais alto nível possível de saúde é a mais importante meta social mundial, cuja realização requer a ação de muitos outros setores sociais e econômicos, além do setor saúde” (BRASIL, 2002, p. 33). Para tanto, a implementação de ações que assegurem benefícios para a saúde da população é urgente e necessária, uma vez que tais ações repercutirão tanto no bem-estar do indivíduo, quanto das pessoas com as quais ele se relaciona.

2.5 Expectativa de vida, atividades físicas e qualidade de vida

Dados e evidências têm mostrado que a expectativa de vida vem aumentando nos últimos tempos. Vários são os fatores que têm influenciado nessa realidade. O avanço tecnológico, o controle de doenças por meio de campanhas de vacinação e administração de medicamentos, o acesso à informação, dentre outros, são alguns aspectos que podem ser elencados. Os dados da Tábua de Mortalidade - Ambos os Sexos, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), informam que a expectativa de vida do brasileiro atualmente é de 73,5 anos de idade.

Portanto, viver muito, já não se constitui em possibilidade remota. A questão, porém é definir com que qualidade se viverá esses anos? O que será feito pelos cidadãos e o que cada um fará por si para viver melhor? Um dos aspectos que podem ser considerados como indispensável para uma qualidade de vida positiva, é a boa aptidão física, definida como sendo:

> Um estado dinâmico de energia e vitalidade que permite a cada um não apenas a realização das tarefas do cotidiano, as ocupações ativas das horas de lazer e enfrentar emergências imprevistas sem fadiga excessiva, mas, também, evitar o aparecimento das funções hipocinéticas, enquanto funcionando no pico da capacidade intelectual e sentindo uma alegria de viver (GUEDES, 1995, p. 52).

Araújo e Araújo (2000) apontam que estudos epidemiológicos e documentos institucionais mostram a diminuição da mortalidade e a melhoria da qualidade de vida em populações adultas que praticam atividades físicas regularmente e consequentemente têm maior aptidão física. A prática regular em atividades físicas proporciona bem-estar durante e depois da atividade, uma vez que é possível esquecer-se momentaneamente os problemas. Melhora a autoconfiança, pelo fato das atividades serem desafiadoras e também proporciona interação social e apoio mútuo entre os indivíduos envolvidos. Esses elementos interferem positivamente na saúde mental e no humor individual (PELUSO; ANDRADE, 2005).

Almeida, Gutierrez e Marques (2012) alertam, porém, que para se garantir o bem-estar é necessário adequar a prática de atividades físicas às necessidades, condições físicas e expectativas dos sujeitos, bem como ao ambiente nos quais elas acontecem, visto que há uma grande variedade dessas atividades, as quais produzem diferentes consequências a quem as pratica.

Sobre a dimensão psicológica, compreende-se que a atividade física atua na melhoria da autoestima, do autoconceito, da autoimagem, das funções cognitivas e de socialização. Tem influência também, na qualidade do sono, na diminuição do estresse e da ansiedade e na diminuição do consumo de medicamentos (MATSUDO; MATSUDO; BARROS NETO, 2000; PELUSO; ANDRADE, 2005).

Porém, vive-se um momento no qual os fatores tempo e consumo regem a vida de grande parcela da humanidade. Imersos em inúmeras atividades diárias, principalmente em busca do capital, o tempo é constantemente cronometrado. Aliado a esse fator, a tecnologia é utilizada para facilitar diversas ações, para que sejam realizadas em menor tempo possível, trazendo muitos benefícios como a comodidade e o conforto para o ser humano, mas em contrapartida ocasionando uma diminuição considerável e crescente das atividades motoras de forma geral, bem como menor atenção do sujeito à saúde pessoal e empobrecimento da vida social, cultural e emocional, consequentemente repercutindo em sua qualidade de vida (MARINHO, 2005).

Apesar das mudanças de hábitos da população, observa-se que a relação entre atividade física e saúde está a cada dia ganhando maior enfoque no que diz respeito à qualidade de vida (ARAÚJO; ARAÚJO, 2000). O corpo pensado pelo sujeito na perspectiva da qualidade de vida compreende as formas de se relacionar, de interagir, de refletir com e no ambiente. A vida ativa envolve uma série de questões, dentre elas, as ambientais, de relações sociais e de saúde (HÄDRICH; RUSCHEINSKY, 2007). Observa-se, portanto, que:

> A par das evidências de que o homem contemporâneo utiliza-se cada vez menos de suas potencialidades corporais e de que o baixo nível de atividade física é fator decisivo no desenvolvimento de doenças degenerativas sustenta-se a hipótese da necessidade de se promoverem mudanças no seu estilo de vida, levando-o a incorporar a prática de atividades físicas ao seu cotidiano (ASSUMPÇÃO; MORAIS; FONTOURA, 2002, p. 1).

Compactuando dessa ideia, destaca-se a importância da dança nesse cenário, como uma atividade física que proporciona inúmeros benefícios ao ser humano, tanto em nível biológico, como psicológico e social, aperfeiçoando a qualidade de vida, pois conforme afirma Garaudy (apud PETO, 2000, p. 35) “[...] os homens dançaram e continuam dançando em todos os momentos solenes de sua

existência". A dança para o mesmo autor "[...] é uma das raras atividades humanas em que o homem se encontra totalmente engajado – corpo, espírito e coração. É um meio de meditação e um esporte completo". Lima e Silva Neto (2011, p. 42) reforçam essa ideia, afirmando que:

> Dançar envolve mais do que simplesmente se movimentar. Na dança, estão inseridas possibilidades múltiplas de contato com o mundo em uma linguagem particular que propicia interação, comunicação, movimentação corporal e de uma atuação física no ambiente (LIMA; SILVA NETO, 2011, p. 42).

Nesse contexto, compreende-se que é importante que sejam oferecidos ambientes que proporcionem à população, a possibilidade de participar em diferentes atividades, que além de todos os benefícios inerentes a cada uma delas, promovam a integração das pessoas, num clima de descontração, alegria e lazer, de maneira a melhorar a sua qualidade de vida, pois além do que já foi exposto, concorda-se com a seguinte afirmativa: "De forma geral, pode-se argumentar que as pessoas que têm maior contato social vivem mais e com melhor saúde do que as pessoas com menor contato social" (DRESSLER; BALIEIRO; SANTOS, 1997, p. 303). Nessa perspectiva, entende-se que os CTGs representam ambientes que podem oferecer esses benefícios à população.

2.6 Origem e expansão dos CTGs

Criados com o objetivo de recuperar valores rurais do passado, os Centros de Tradições Gaúchas – CTGs, são sociedades civis que buscam valorizar, cultuar e divulgar as tradições da cultura gaúcha (OLIVEN, 1991). Juntamente com a criação, em 1948, do primeiro CTG (o 35 CTG, em Porto Alegre/Rio Grande do Sul), surge o "tradicionalismo", reconhecido como movimento cultural que tem o gaúcho e o seu modo de vida no ambiente rural como referência (BRUM, 2009).

O primeiro Centro de Tradições Gaúchas, denominado 35 CTG, como referência ao ano em que foi deflagrado o Movimento Farroupilha[2], foi fundado no

[2]O Movimento Farroupilha, é um episódio bastante discutido na historiografia gaúcha. Deflagrado em 1835, em virtude do descontentamento com o governo centralizador do Império do Brasil, os liberais gaúchos uniram-se num movimento revolucionário que propunha a igualdade política através do sistema federativo. Durante os dez anos de guerra civil, os Farrapos chegaram a fundar uma república separatista. Com o estado economicamente arrasado e a população descontente, em 1845,

dia 24 de abril de 1948, em Porto Alegre (OLIVEN, 1993). Seus fundadores eram na maioria, estudantes secundários do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, vindos do interior do Rio Grande do Sul, descendentes de pequenos proprietários rurais ou de estancieiros já em processo de decadência econômica. Na fundação do CTG eles foram liderados pelo trio João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes, Luiz Carlos Barbosa Lessa e Glaucus Saraiva (HARTMANN, 2011).

Esse grupo de estudantes vivia um paradoxo naquela ocasião. Por um lado, se sentiam fascinados com as inovações advindas da indústria cultural norte-americana, por outro, viam a sua raiz cultural ameaçada de ser esquecida e se inquietavam com a imposição de uma nova cultura, tão adversa à sua (OLIVEN, 1991). A cultura norte-americana foi inserida de maneira intensa no Brasil, após a Segunda Guerra Mundial, com expressão "[...] na música, no disco, no cinema, nas histórias-em-quadrinhos, na moda, na gíria, em tudo" (BARBOSA LESSA, 1993, p. 75).

Conforme afirmou Barbosa Lessa (apud OLIVEN, 1991) "[...] no fundo, preferíamos a segurança que somente nosso pago[3] sabia proporcionar, na solidariedade dos amigos, na alegria de encilhar um pingo[4] e no singelo convívio das rodas de galpão[5]". Daí a necessidade de fundarem uma associação onde pudessem se integrar e de certa forma se sentir "protegidos" da cultura que tomava conta do Rio Grande do Sul (BRUM, 2009; DACANAL, 2003).

O 35 CTG surgiu inicialmente com a proposta de ser uma academia tradicionalista restrita a 35 membros, porém, a ideia que prevaleceu foi de ser uma associação que acolhesse a todos que quisessem integrá-la. Passaram então a se reunir nas tardes de sábado, a princípio num galpão improvisado na casa do pai de um dos integrantes. Nas reuniões eles reproduziam os hábitos do interior, como a conversa (*charla)* em torno de um fogo de chão, contando histórias (causos) de guerra, de caçadas e pescarias, de serviços no campo, amores e assombrações. Tocavam acordeon e viola, tomavam chimarrão[6], preparavam e comiam churrasco,

---

um acordo de paz foi estabelecido, sob condição de indenização do Império do Brasil aos chefes farrapos (HARTMANN, 2011).

[3]Lugar em que se nasceu, o lar, o rincão, a querência; o povoado, o município em que se nasceu ou onde se reside (LOPES NETO, sd).

[4]Cavalo bom, corredor, bonito, vistoso, fogoso.

[5]Construção existente nas estâncias destinada ao abrigo de homens e de animais e à guarda de material.

[6]Mate cevado sem açúcar; é preparado em uma cuia ou cabaça e sorvado (sugado) através de um

usavam roupas típicas do gaúcho do interior (pilcha), como a bombacha[7], bota, chapéu e lenço no pescoço. Vale destacar, que dessa associação participavam somente homens, conforme era a tradição na utilização dos galpões no interior (OLIVEN, 1991; FREITAS, 2009).

Para fazer jus ao maior objetivo do CTG que era reviver a tradição, foi necessário que se recriasse o que se imaginava ser os costumes do campo. Para tanto, a estrutura interna do Centro não incorporou o tradicional vocabulário das associações, mas adotou nomes utilizados na administração de estabelecimentos pastoris. Para as nomenclaturas: presidente, vice, secretário, tesoureiro, diretor, utilizou-se: patrão, capataz[8], sota-capataz, agregado[9], posteiro[10] (OLIVEN, 1991).

> No lugar de conselhos deliberativo e consultivo, criou-se o Conselho dos Vaqueanos[11]; em vez de departamentos, invernadas[12]. As atividades culturais, cívicas ou campeiras também receberam nomes ligados aos usos e costumes das estâncias gaúchas, como rondas[13], rodeios[14] e tropeadas[15](MARIANTE apud OLIVEN, 1991, p. 44).

Dentre as finalidades do 35 CTG que deu origem aos demais Centros, constava em seu estatuto o zelo pela tradição do Rio Grande do Sul, enfatizando suas histórias, suas lendas, canções e costumes; a divulgação dessas tradições ao restante do Brasil e países vizinhos; a elevação moral e cultural do Rio Grande do Sul e o incentivo à criação de núcleos regionalistas no Estado. O desenvolvimento de atividades político-partidárias, de cunho racial ou religioso era claramente descartado das finalidades do Centro (BARBOSA LESSA apud OLIVEN, 1991).

---

tubo metálico, com um ralo na extremidade inferior, ao qual se dá o nome de bomba.

[7]Calças muito largas, presas por botões logo acima do tornozelo.

[8]Administrador de uma estância ou de uma charqueada ou ainda o responsável pela condução de uma tropa.

[9]Pessoa pobre que se estabelece em terras alheias, com autorização do respectivo dono, sem pagar arrendamento, mas com determinadas obrigações.

[10]Agregado de estância que mora, geralmente, nos limites do campo, o qual é incumbido de zelar pelas cercas, cuidar do gado, não permitir invasão de estranhos, ajudar nos rodeios e executar outras tarefas.

[11]Pessoa que conhece perfeitamente os caminhos e atalhos de uma região podendo servir de guia aos que precisam percorrê-la. Pessoa que tem prática, habilidade, destreza, para qualquer trabalho ou arte.

[12]Extensão de campo cercado.

[13]Serviço de vigilância a que se submete a tropa de gado nos pousos ou sesteadas. Vigília, pastoreio.

[14]Lugar no campo de uma estância onde habitualmente se reúne o gado para contar, apartar, examinar, marcar, assinalar, castrar, vacinar, dar sal, etc.

[15]Ato de tropear. Caminhada com a tropa.

Para surpresa dos fundadores do 35 CTG, o segundo Centro criado, denominado Fogão Gaúcho, iniciou suas atividades menos de quatro meses depois do surgimento do 35 e em área de colonização alemã. Como eram finalidades do CTG pioneiro a divulgação da cultura gaúcha e o incentivo à criação de novos Centros nos demais Estados brasileiros e países vizinhos, um Centro formado por descendentes alemães se mostrava intrigante (OLIVEN, 1991; SOUZA, 2001; STEINHOEFEL, 2007).

Porém, essa iniciativa foi compreendida ao serem analisados os fatores históricos da imigração alemã e italiana para o Brasil. O excedente de mão de obra em seus países de origem em razão da expansão do capitalismo e as perseguições durante a Segunda Guerra Mundial, sendo em alguns casos, imigrantes alemães acusados de pertencerem a partidos de oposição, lhes obrigou a buscar novas alternativas, sendo uma delas, o refúgio no Brasil. Nesse contexto, sentiam dificuldade em integrar-se à sociedade rio-grandense e viram no CTG uma possibilidade de identificação com os brasileiros, pois sentiam a necessidade de se afirmar como gaúchos, e não como estrangeiros (OLIVEN, 1991; SOUZA, 2001; STEINHOEFEL, 2007).

Disseminando-se a princípio lentamente na capital e nas principais cidades do Rio Grande do Sul e a partir do início da década de 70, espalhando-se rapidamente também por outros Estados (DACANAL, 1993), os CTGs objetivaram prestigiar a figura humana do gaúcho, tendo no ritual do mate um ensinamento de cordialidade; a recuperação da prática esportiva com cavalos por meio da Invernada Campeira; na Invernada Artística, uma forma de preencher a lacuna deixada pelas escolas em relação à participação das crianças em atividades culturais; na Invernada Mirim, a transmissão aos pequenos, das noções básicas de sociabilidade, por meio da dança; e os Fandangos[16] como uma maneira de amenizar conflitos de gerações, tendo pais e filhos participando e compartilhando a alegria por meio da música e da dança, num mesmo patamar e num mesmo ambiente (BARBOSA LESSA, 1993).

O surgimento dos demais CTGs no restante do Brasil tem relação direta com o processo migratório de famílias de gaúchos para outros Estados. A migração para outras regiões se deu por vários motivos, dentre eles, o crescimento da economia agrícola no Rio Grande do Sul, especialmente nos anos 70 com o avanço dos

[16]Denominação genérica de antigos bailes campestres, constituídos de danças sapateadas, executadas alternadamente com canções populares, com acompanhamento de viola.

latifúndios, da monocultura e o processo de mecanização agrícola, ocasionando o encarecimento e a escassez de terras para a agricultura familiar. A alta taxa de natalidade e o consequente processo de divisões de terras entre familiares também teve grande peso, pois agravou a dificuldade da manutenção do modo de vida dos pequenos proprietários que trabalhavam não somente por realização econômica, mas também por realização pessoal (SOUZA, 2001).

A expulsão de 1.500 famílias de agricultores da reserva indígena de Nonoai por indígenas Kaingang, os quais estavam requerendo seu tradicional território que lhes foi tomado pelos governantes no século XIX, também foi um dos fatores que contribuíram para o processo migratório. Parte dessas famílias foi assentada no Mato Grosso pelo governo do Estado e da União, abrindo caminho para que outras partissem em busca de novas alternativas. Ademais, havia intenção do governo federal em colonizar o norte do Brasil, especialmente a região Amazônica, como forma de garantir a soberania nacional e para aliviar a pressão dos conflitos agrários em outras partes do país. Para tanto, foram abertas linhas de crédito subsidiado aos migrantes, o que incentivou o surgimento de muitas empresas colonizadoras, que venderam milhares de hectares a baixos custos aos gaúchos que empreenderam nas mais diversas regiões (WAGNER, 1995).

A manutenção do modo de vida gaúcho, como a forma de cultivar o solo e de comercializar seus produtos, os usos e costumes, a preservação da cultura mesmo após fixação em outros Estados foi uma das características no processo migratório dessa população (WAGNER, 1995). Nessas comunidades, o local construído e escolhido por excelência para suas reuniões foram os CTGs. Conforme Globo Rural (2012), na atualidade “[...] existem 2.555 CTGs no Brasil e 12 no exterior”, representando ambiente de integração, de valorização, transmissão e divulgação das práticas culturais da terra natal. Neste contexto é que podemos inserir o CTG Nova Querência de Boa Vista-Roraima.

2.7 O CTG Nova Querência como ambiente integrador e divulgador de cultura

O contingente populacional do Estado de Roraima constitui-se de 49,3% de imigrantes, sendo alguns estrangeiros e sua maioria vindos dos mais diversos Estados Brasileiros, dentre os quais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná

(IBGE, 2009). Esses imigrantes sulistas fixaram residência em Roraima com o objetivo principal de garantir a melhoria da renda familiar. Assim, instalaram-se no Estado, desenvolvendo diversas atividades, principalmente as ligadas à agricultura, à indústria madeireira e ao serviço público.

Nesse processo de migração, há uma ruptura com a vida cotidiana desses grupos sociais, pois mesmo adaptando-se a morar no novo território e, embora tarefa um tanto complexa, foi necessário reestruturar as relações humanas, espaciais e temporais. A convivência do migrante no novo espaço e com os que ali já habitam é exercida em uma via de mão dupla, sendo que o movimento de desenraizar e enraizar são constantes nesse ambiente de interação com outra cultura (WHITAKER; BEZZON, 2006).

Tylor apud Laraia (2008) foi quem definiu cultura pela primeira vez como a conhecemos atualmente, afirmando que: “[...] tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes, ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (TYLOR apud LARAIA, 2008, p. 25). Nesse sentido, Whitaker e Bezzon (2006) corroboram a ideia, afirmando que:

> Cultura deve ser entendida como um complexo estruturado, formado, não só de técnicas e práticas materiais, como também de valores, normas de conduta, juízos, leis, moral, artes e, principalmente, padrões de comportamento, tudo compondo uma trama de símbolos que dá significado às ações dos seres humanos que vivem essa cultura (WHITAKER; BEZZON, 2006, p.65).

Nesse contexto, no qual ocorrem os processos de interação e o que Laraia, chama de “endoculturação”, ou seja, o comportamento dos indivíduos mostrados como resultado de seus aprendizados (LARAIA, 2008), no caso dos CTGs, a noção de regionalismo é ampliada. Nesse sentido, parte-se do princípio que todo ser humano estabelece vínculos com o seu lugar de origem, reconhecendo nele referências que orientam sua vivência, evidenciando-se a associação entre espaço/cultura, independente do nível de integração com a nova cultura (WHITAKER; BEZZON, 2006). Essa característica é evidenciada com muita clareza em relação aos gaúchos, que mesmo deixando seu Estado de origem, valorizam e buscam preservar sua cultura regional. Ainda segundo Whitaker e Bezzon temos:

> Homens e mulheres, quando nascem, constituem apenas potências e possibilidades. Necessitam, portanto, desesperadamente, da cultura para se tornarem humanos. E para continuarem humanos! Quando se perdem da sua cultura, ou dela são desenraizados, correm o risco da desumanização (WHITAKER;BEZZON, 2006, p. 64) .

O Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Nova Querência, instalado na capital Boa Vista, é um exemplo disso. Sociedade sem fins lucrativos, fundado em 1981, conforme registro em sua primeira ata, o CTG busca divulgar as tradições e o folclore da cultura gaúcha, respeitando a forma como essas tradições foram codificadas e registradas por folcloristas reconhecidos. O Centro possui cerca de 400 sócios, dentre eles, sócios fundadores, sócios patrimoniais e sócios transitórios ou contribuintes. Essa comunidade visa à integração social dos participantes, que no caso de Roraima não se constitui somente de gaúchos, mas de pessoas das mais diversas naturalidades, devido ao multiculturalismo[17] evidente na região.

Nesse ambiente são promovidas atividades que buscam revitalizar, preservar e socializar os costumes gaúchos por meio das festas, danças, do esporte e das comidas típicas, especialmente o churrasco. Além das atividades desenvolvidas cotidianamente, no mês de setembro acontece uma semana de atividades que culmina com um desfile realizado no dia 20, quando se comemora o Dia do Gaúcho.

> O desfile do dia 20 de setembro representa o ponto culminante de uma semana – intitulada Semana Farroupilha – repleta de atividades organizadas e coordenadas pelos CTG em parceria com as prefeituras locais. Entre estas está o transporte da “Chama Crioula”, acesa no dia 14 de setembro, por grupos gaúchos que percorrem a cavalo o trajeto entre uma cidade e outra, acampando em estâncias que lhes cedem “pouso”. Todas as noites, nas sedes dos CTG – chamados “galpões”, em alusão ao espaço de reunião dos peões nas estâncias – organizam-se “mateadas” (encontros para tomar chimarrão/mate), bailes, jantares com comida típica (churrasco, arroz de carreteiro, etc) que visam, além de festejar a data, preparar o grupo para o desfile (HARTMANN, 2011, p. 240).

Vale destacar, que em Roraima, apesar de não serem desenvolvidas todas as atividades descritas por Hartmann (2011), a Semana Farroupilha é um período aguardado por muitos, gaúchos e não gaúchos. Além das apresentações dos grupos de dança, dos bailes realizados todas as noites com grupos tradicionalistas, apresentação de bandas locais e contratadas do Rio Grande do Sul e da realização de muitas das demais atividades mencionadas anteriormente, a cada noite é servido

[17]Ao tratar de multiculturalismo, em Pluralismo jurídico, direitos humanos e Interculturalidade, Wolkmer (2006) concebe como “coexistência de formas culturais ou de grupos caracterizados por culturas diferentes no seio da sociedade ‘moderna’. [...]” (SANTOS apud WOLKMER, 2006, p. 118).

um grande jantar, sendo apresentado a cada dia um cardápio diferente: comida típica gaúcha, italiana, alemã, uma noite especial para o churrasco e boi no rolete.

Em relação à cultura de se preparar diferentes pratos típicos que são servidos aos participantes da festa, é importante enfatizar que a preparação do alimento também é uma forma de expressão do ser humano, que traz consigo grande valor simbólico. É uma atividade que se dá num contexto cultural, caracterizando-se como um ritual de socialização, de partilha e de sentimento de pertença (ALMEIDA; GUTIERREZ; MARQUES, 2012).

Todas essas atividades, além de divulgarem a cultura gaúcha, representam momentos de encontro, socialização e lazer entre os participantes do CTG Nova Querência. “A cultura e o lazer possuem uma íntima relação. Muitas das atividades designadas lazer passam por manifestações de cultura. Os jogos, as brincadeiras, as expressões artísticas são lazeres e fazem parte da herança cultural de cada comunidade” (ALMEIDA; GUTIERREZ; MARQUES, 2012, p.69). O direito ao lazer, consta na Constituição Federal em vários artigos. Dentre eles, na Seção III, Artigo 217, § 3º, prevendo que “O Poder Público incentivará o lazer, como forma de promoção social” (BRASIL, 2012, p. 44).

O lazer, explícito na Constituição Federal como promotor social e como direito do cidadão deve ser entendido como uma possibilidade de produção e socialização da cultura, como elemento integrador do exercício da cidadania, campo privilegiado para a manifestação do elemento lúdico, da liberdade e do prazer, promotor do aperfeiçoamento da qualidade de vida e ainda como potente instrumento de mudança pessoal e social (MARINHO, 2005).

2.8 O CTG como ambiente educativo

Além de se constituir um ambiente promotor de lazer, os CTGs, por meio do tradicionalismo, conforme esclarece Brum (2009), demonstram preocupação em relação à transmissão dos valores morais, enaltecendo a amizade, a solidariedade e tendo a família como instituição essencial para a formação individual e da sociedade. Essa concepção é compartilhada por Barbosa Lessa (apud FREITAS, 2009), quando afirmou que a forma mais segura de garantir o ajustamento da criança à sociedade, para que ela se integre na cultura comum de maneira eficiente

é o ensinamento dos hábitos, dos valores, das emoções, em suma, da tradição, denominando de “patrimônio tradicional”. “O sentido e o valor do tradicionalismo” é considerada filosofia-matriz dos CTGs, desde a fundação do 35 CTG, esclarecido nas palavras de Barbosa Lessa:

> Na vida humana, a sociedade – mais que o indivíduo – constitui a principal força na luta pela existência. Mas, para que o grupo social funcione como unidade, é necessário que os indivíduos que o compõem possuam modos de agir e de pensar coletivamente. Isto é, conseguindo através da “herança social” ou da “cultura”. Graças à cultura comum, os membros de uma sociedade possuem a unidade psicológica que lhes permite viverem em conjunto, com um mínimo de confusão. A cultura, assim, tem por finalidade adaptar o indivíduo não só ao seu ambiente natural, mas também ao seu lugar na sociedade. Toda cultura inclui uma série de técnicas que ensinam ao indivíduo, desde a infância, a maneira como comportar-se na vida grupal. E graças à Tradição, essa cultura se transmite de uma geração a outra, capacitando sempre os novos indivíduos a uma pronta integração na vida em sociedade (BARBOSA LESSA apud HOWES NETO, 2009, p. 85).

Oliven (apud BRUM, 2009), reitera o caráter educativo das atividades como a dança e a própria convivência que o ambiente pode proporcionar. Reconhece esse processo como a produção do conhecimento com fins educacionais a partir de uma leitura do passado, por meio da linguagem tradicionalista, no qual se é capaz de construir um universo de culto às tradições, também para os não tradicionalistas que participam das atividades e assistem às encenações.

São consideradas atividades tradicionalistas, os eventos oficiais que ocorrem anualmente nos CTGs, reconhecidos pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), associação que congrega os CTGs. Dentre elas, está o Concurso de Prendas e o conjunto de atividades desenvolvidas, como os fandangos, os ensaios dos grupos de danças tradicionais, os Saraus de Prendas, os concursos internos dos CTGs, entre outras (BRUM, 2009).

A participação nesses eventos e no cotidiano do CTG pode ser caracterizada como um processo educativo, tanto da cultura rio-grandense como das mais diversas habilidades: físicas, intelectuais, emocionais e de convivência, ou seja, um espaço de educação informal, no qual muitos saberes se comunicam. Pois, conforme afirma Felipe (2001), tendo como referência Piaget, Vygotsky e Wallon, “[...] a capacidade de conhecer e aprender se constrói a partir das trocas estabelecidas entre o sujeito e o meio” (FELIPE, 2001, p. 27).

A mesma autora reforça como postulado de Vygotsky, o fato da aprendizagem ocorrer em um contexto social e histórico, de modo que a cultura, nessa perspectiva,

desempenha papel fundamental. Diante do exposto, concorda-se com a seguinte afirmativa: “A educação é, como outras, uma fração do *modo de vida* dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade” (BRANDÃO, 2007, p. 10).

Nesse sentido, compreende-se que o CTG Nova Querência representa um ambiente plural e educativo, que além de oferecer diversos e diferentes espaços nos quais podem ser realizadas atividades físicas em contato com a natureza, com a água entre outros, sujeitos de diversas culturas se encontram para elaborar e compartilhar conhecimentos, sonhos e desejos, num processo constante de construção e reconstrução social.

Essa dinâmica de interação favorece influência na identidade social dos grupos, gerando nesse processo um sentimento de pertinência à sociedade local. O indivíduo, como ser social, necessita ajustar-se ao mundo em que vive, sobretudo para adequar-se a ele, pois esse mundo é compartilhado com pessoas, objetos, acontecimentos, numa dinâmica nem sempre simples, mas em algumas situações de forma complexa e conflituosa, exigindo de cada um determinadas ressignificações e a valorização das construções coletivas, visando sua própria sobrevivência. Esse processo se dá por meio das representações sociais, que se definem como:

> Um sistema de valores, idéias e práticas com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambigüidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social (MOSCOVICI, 2007, p.21).

Nessa perspectiva visualiza-se a importância do sentido de pertencimento do sujeito. O sentimento de pertinência a uma comunidade surge como resultado de processos políticos, sociais e culturais, nos quais as pessoas se percebem com afinidades e interesses comuns, apesar das diferenças e divergências que possam ter. Pertencimento diz respeito ao sentir-se parte do lugar, reconhecer-se como alguém que faz diferença para aquele lugar ser como é (FASSINI, 2010).

A partir desse sentimento, as pessoas de fato se sentem cidadãs, cientes de direitos e obrigações, uma vez que participam da construção e execução de projetos coletivos, sentindo-se agregadas por elos culturais, políticos, sociais e afetivos que refletirão em sua autoestima, em seu processo de produção, na qualidade de vida e

na sociedade de forma geral.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesse capítulo são apresentadas todas as informações relativas a como, quando, onde e com quem se deu a pesquisa. É informado o modo de abordagem e o método utilizado, como ocorreu a coleta de dados e a análise dessas informações, quais instrumentos e técnicas foram utilizadas, bem como os critérios éticos observados para a realização de pesquisa com seres humanos.

3.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa, quanto ao modo de abordagem, foi qualiquantitativa, cuja união auxiliou no entendimento do que se desejava para o estudo: a pesquisa qualitativa trabalha com o exame rigoroso da natureza, do alcance e das interpretações possíveis para o fenômeno estudado, segundo Mezzaroba e Monteiro (2004), ou seja, ela “[...] proporciona melhor visão e compreensão do contexto do problema, enquanto a pesquisa quantitativa procura quantificar os dados e, normalmente, aplica alguma forma de análise estatística” (MALHOTRA, 2006, p. 155).

Neste sentido a abordagem do problema de pesquisa foi qualitativa, pois lida com um fenômeno subjetivo, ou seja, de que forma os participantes do CTG expressaram suas percepções sobre o conceito de qualidade de vida e outros aspectos referentes à sua vivência no Centro.

A abordagem qualitativa considera o sujeito de estudo em determinada condição social, pertencente a específico grupo social ou classe com suas crenças, valores e significados. Implica também considerar que o objeto das ciências sociais é complexo, contraditório, inacabado, e em permanente transformação, onde qualquer ser humano, grupo ou classe social envolve uma multiplicidade de relações

e interações (MINAYO, 2002).

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, crenças e valores dos indivíduos, que não podem ser quantificados. Esse conjunto de fenômenos humanos é compreendido como parte da realidade social, “[...] pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes” (MINAYO, 2011, p. 21).

No que se refere à abordagem quantitativa salienta-se que a pesquisa ocorreu por meio de observação sistemática, com mensurações de dados, sendo analisadas estatisticamente as respostas dos participantes do CTG. Conforme explica Silva (2001, p. 20) “[...] tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas (percentagem, média, moda, mediana, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão, etc.)”.

Quanto ao objetivo geral, a pesquisa foi descritiva. Para Gil (2006), as pesquisas descritivas são as mais solicitadas por pesquisadores sociais para desvendar estudos tanto no campo educacional como empresarial. Segundo o autor, esse tipo de pesquisa se presta para estudar características de grupo, como será o caso dos participantes do CTG Nova Querência de Boa Vista/RR.

3.2 Método

Quanto ao método, utilizou-se o indutivo, que, segundo Mezzaroba e Monteiro (2006) surge a partir da observação de um ou de alguns fenômenos particulares, uma proposição mais geral é estabelecida para ser aplicada a outros fenômenos.

3.3 Campo de investigação

A pesquisa foi realizada no Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Nova Querência de Boa Vista, localizado à Av. Brigadeiro Eduardo Gomes, nº 4008, no Bairro Aeroporto, no município de Boa Vista, capital do Estado de Roraima. A área total do CTG é de 25.686,72 m². Para acolher os participantes do Centro nas diversas atividades oferecidas, o mesmo dispõe de 02 galpões, sendo um com pista de dança, com piso em madeira, no qual ocorrem os principais bailes e festas com

maior número de participantes. O segundo galpão possui um palco, duas grandes churrasqueiras, um bar, uma cancha de bocha e amplo espaço com mesas e cadeiras.

Para as atividades externas aos galpões, há um campo de futebol, uma grande piscina em formato de cuia, sendo que na área da piscina há dois banheiros, dois vestiários e uma sauna. Há também no espaço do Centro, um parquinho com diversos brinquedos para atender as crianças e uma sala para as atividades da secretaria. O CTG dispõe de três cozinhas e dez banheiros, além dos dois da área da piscina, sendo cinco para uso feminino e cinco para uso masculino.

Para as reuniões menores, há dois espaços denominados ‘Piquetes’, com churrasqueira, bancos e mesas nos quais os frequentadores do Centro se reúnem para assar churrasco, compartilhar o alimento e se socializar. Há também um grande espaço para estacionamento. O local é arborizado com mangueiras, cajueiros e jambeiros. As cores que prevalecem em toda a estrutura em madeira e alvenaria do Centro são as da bandeira do Rio Grande do Sul: amarela, verde e vermelha.

3.4 Coleta dos dados

O estudo foi realizado com administradores, instrutores e participantes das diversas atividades físicas e culturais oferecidas no CTG Nova Querência de Boa Vista-RR e participantes de jantares e bailes que frequentavam no mínimo três vezes por mês o Centro, os quais foram convidados e participaram por adesão. Foram utilizadas como técnicas de pesquisa a aplicação de questionário de perfil do participante do CTG, composto por questões abertas e fechadas, entrevista com perguntas semiestruturadas individualmente com os dirigentes e orientadores de atividades físicas e culturais do Centro (APÊNDICE A) e por meio da técnica de Grupo Focal, também com perguntas semiestruturadas (APÊNDICE B).

Para Lervolino e Pelicioni (2001), o grupo focal pode ser considerado uma entrevista de grupo, porém, por meio de discussões, numa dinâmica de ouvir a opinião do outro e também posicionar-se, não se caracterizando como um processo de alternância entre perguntas e respostas. Consiste na interação entre pesquisador e participantes com o objetivo de colher informações, baseadas nas experiências e pontos de vista do colaborador a partir da discussão focada em tópicos específicos relativos à pesquisa.

Para se obter o escore de qualidade de vida dos participantes do CTG Nova Querência de Boa Vista-RR, identificar quais os domínios que determinam a sua qualidade de vida, foi aplicado o instrumento de avaliação *WHOQOL-Bref* aos sócios maiores de 18 anos, que mais frequentam o Centro.

O instrumento de avaliação *WHOQOL-Bref* (ANEXO 1), é um questionário autoaplicável e investiga a percepção do indivíduo a respeito da sua qualidade de vida, ou seja, "[...] a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações" (*WHOQOL GROUP* apud FLECK, 2000, p. 34).

O *WHOQOL-Bref* compreende 26 questões, denominadas facetas, por meio das quais são investigados quatro domínios: físico, psicológico, ambiental e das relações sociais e é a versão abreviada do instrumento *WHOQOL-100* que é composto por cem questões e contou com a participação de especialistas de diversos países para sua construção, para que se obtivesse um enfoque transcultural. A versão em português dos instrumentos *WHOQOL* foi desenvolvida no Centro *WHOQOL* para o Brasil, no Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1998, sob a coordenação do Dr. Marcelo Pio de Almeida Fleck. O instrumento *WHOQOL-Bref* foi validado no Brasil em 2000 após aplicação do instrumento com uma amostra de 300 indivíduos, na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul (Fleck et. al, 2000).

No referido instrumento é solicitado que o indivíduo pesquisado faça uma reflexão sobre as duas últimas semanas de sua vida e avalie como se sente em relação à sua qualidade de vida, tendo em mente seus valores, aspirações, prazeres e preocupações, devendo assinalar somente uma das 5 alternativas apresentadas para cada uma das 26 questões. As questões do *WHOQOL* foram formuladas para uma escala de respostas do tipo *Likert*, com uma escala de intensidade (nada-extremamente), capacidade (nada-completamente), frequência (nunca-sempre) e avaliação (muito insatisfeito-muito satisfeito; muito ruim-muito bom) (FLECK, et al., 1999).

A pesquisa é de natureza descritiva, na qual se procede a combinação de pesquisa bibliográfica, por meio da seleção de livros, revistas, jornais e documentos relacionados com o tema, e pesquisa de campo, focalizada no CTG. Para estruturar,

técnica e cientificamente esta pesquisa, identificar suas etapas de elaboração, estabelecer sua metodologia de trabalho e apresentar seu método de investigação, foram utilizadas as orientações prescritas no Novo Manual da Univates para Trabalhos Universitários – 2012 (CHEMIN, 2012).

3.5 Análise dos dados

As entrevistas foram gravadas, transcritas e os dados foram analisados sob a ótica do conteúdo, a partir das questões que compõem a própria entrevista semiestruturada. A análise de conteúdo é conceituada como sendo:

> Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2010, p. 44).

Os dados dos questionários foram tabulados a partir de ferramentas de estatística descritiva. Após a identificação dos resultados foi realizada a quantificação dos dados. Os dados do instrumento *WHOQOL-Bref* foram analisados conforme sintaxe prevista pelo grupo de estudos que realizou a tradução do documento (ANEXO 2). A análise estatística realizou-se utilizando estatística descritiva e inferencial. Para análise estatística, foi utilizado o software BIOESTAT 5.0 (AYRES et al., 2007). As variáveis quantitativas foram descritas através de média e erro padrão (média ±EP) e as variáveis qualitativas através de frequência absoluta e relativa. Os resultados foram apresentados em tabelas e gráficos. O teste t de Student, ANOVA (teste de Tukey), Kruskal-Wallis, correlação de Pearson e correlação de Spearman foram utilizados para comparação dos grupos. O nível de significância adotado foi de 5%, sendo considerados significativos valores de $p \leq 0,05$.

A análise e interpretação dos dados foram realizadas a partir do confronto do material bibliográfico com o resultado do material da pesquisa de campo. Posteriormente realizou-se uma análise descritiva dos resultados quantitativos e qualitativos, a partir dos dados obtidos por meio dos questionários aplicados e das percepções dos participantes do CTG acerca da influência desse ambiente em sua qualidade de vida. A apresentação da pesquisa se dá por meio de figuras e gráficos e em um texto expositivo e analítico.

3.6 Critérios éticos

Os critérios de inclusão e exclusão adotados no estudo foram os seguintes:

- Inclusão

Administradores, instrutores e participantes das diversas atividades oferecidas no CTG Nova Querência de Boa Vista-RR, tais como: dança de salão, bailes, jantares, bocha, jogos de mesa, futebol, hidroginástica e natação, que tinham participação mínima de três vezes por mês no Centro. Os participantes do CTG foram convidados e participaram por adesão. Os participantes que aderiram, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, sendo que uma via do TCLE ficou com o pesquisado e a outra com a pesquisadora.

- Exclusão

a) Foram excluídos os participantes que não tinham frequência mínima de três vezes ao mês nas atividades do Centro;

b) Foram excluídos os menores de 18 anos da aplicação do instrumento *WHOQOL-Bref*;

c) Foram excluídas as pessoas que participam somente das atividades físicas.

Como desconforto da pesquisa destaca-se que os participantes do CTG poderiam sentir-se expostos socialmente, dado o tema abordado. Para minimizá-lo a pesquisadora explicitou no TCLE e no texto de apresentação da pesquisa que estes dados serão utilizados somente para fins científicos. Que as informações fornecidas por estes por meio do questionário não caracterizarão quaisquer acréscimos de condutas. Que os questionários ficarão de posse da pesquisadora por um período mínimo de cinco anos e após este período serão eliminados.

O tempo despendido para responder aos questionários foi de aproximadamente 20 minutos, o que também poderia ser considerado um desconforto. Para minimizar este desconforto, a pesquisadora recomendou que o participante primeiro preenchesse o instrumento *WHOQOL-Bref* (ANEXO 1), realizasse uma pausa pelo tempo que julgasse necessário e em seguida respondesse ao questionário de perfil do participante do CTG Nova Querência de Boa Vista-RR.

Foi esclarecido também, que o pesquisado teria o direito de interromper a

participação na pesquisa caso julgasse necessário em qualquer tempo até a publicação dos resultados. E que esta decisão não lhe traria nenhum tipo de exposição, desconforto ou prejuízo.

Por fim, destacou-se que a pesquisa seria suspensa em qualquer momento, sem prejuízo ao sujeito participante, se ninguém aceitasse ou se recusasse a participar da pesquisa, fato que não ocorreu.

A coleta de dados iniciou-se no mês de outubro de 2012 e se estendeu até novembro do mesmo ano. Para autorização da realização da pesquisa, foi apresentado o projeto ao Patrão (administrador geral) do CTG Nova Querência de Boa Vista-RR e solicitada a sua autorização e assinatura na folha de rosto prevista pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP). Após aprovação pelo Patrão, o projeto foi encaminhado para avaliação do COEP da Univates e aprovado por meio do parecer nº. 78067, em 20 de agosto de 2012 (ANEXO 3).

Após a aprovação pelo Comitê de Ética, foi enviada uma solicitação para que o CTG encaminhasse a carta de apresentação da pesquisa, informando que a aplicação dos questionários e a realização dos grupos focais pela pesquisadora ocorreriam em data e hora combinadas com a diretoria do Centro e orientadores de atividades físicas e culturais.

Os questionários foram impressos em conjunto com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os participantes do CTG e o Termo de Aceite para a Diretoria do Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Nova Querência em duas vias. Foi solicitado que cada participante assinasse as vias correspondentes ao seu TCLE, ficando uma em posse do participante pesquisado e outra em posse da pesquisadora. O Termo de Aceite do CTG foi assinado pelo Patrão, em duas vias ficando uma em posse do CTG e outra em posse da pesquisadora.

O TCLE ressaltou a importância da participação dos usuários do Centro na pesquisa, bem como deixou claro que estes estariam isentos de qualquer tipo de custo. O termo frisou que os participantes tinham total liberdade para desistir do projeto quando desejassem, bem como que o projeto obteve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Univates. Foi informada a garantia do sigilo da identidade dos participantes e que os dados obtidos pela pesquisa poderão tornar-se públicos, nunca de forma individualizada ou identificando o participante, desde que sua publicação seja utilizada para fins científicos.

O resultado da pesquisa será publicado com a conclusão da dissertação e poderá gerar artigos acadêmicos a serem divulgados em periódicos especializados. Neste sentido, serão preservadas as fontes pessoais de informação, tal como a identidade da equipe administrativa, de instrutores de atividades e usuários do CTG, a fim de conservar a privacidade dos participantes da pesquisa. Os participantes poderão ter acesso aos resultados finais da pesquisa por meio do contato com a pesquisadora e uma cópia da dissertação será enviada ao CTG Nova Querência após sua conclusão.

Desta forma, acredita-se que o estudo cumpre as “diretrizes e normas que regulamentam pesquisas com seres humanos” (196/96), editadas pelo Conselho Nacional de Saúde e aprovado pelo Comitê de Ética do Centro Universitário da Univates.

3.7 As entrevistas individuais e coletivas

Para levantamento de dados qualitativos sobre o conceito dos participantes do CTG Nova Querência de Boa Vista a respeito de qualidade de qida, sobre o que o CTG representa para cada um deles e a influência desse ambiente em suas vidas e na qualidade de vida pessoal, foram realizadas entrevistas individuais com uma amostra dos administradores do Centro e com os orientadores de atividades físicas e culturais, bem como entrevistas coletivas denominadas Grupos Focais, com 5 diferentes grupos de participantes do Centro de diferentes faixas etárias.

As entrevistas individuais ocorreram no período de 20 a 28 de novembro de 2012. Os grupos focais foram realizados no período de 14 a 29 de novembro de 2012. Antecipadamente foi contatado o Patrão do CTG que designou a secretária do Centro para disponibilização de nomes e números de telefones dos administradores, orientadores de atividades físicas e culturais e de pessoas de diferentes grupos e idades que participam no Centro, bem como para a organização do espaço onde as reuniões aconteceriam.

Os grupos foram organizados da seguinte maneira: 1) Participantes da Invernada Artística Juvenil; 2) Participantes da Invernada Artística Adulta; 3) Pais de crianças e jovens que participam de atividades no Centro e que também são frequentadores assíduos; 4) Frequentadores mais antigos; 5) Componentes da

Invernada Artística Xirus.

A figura abaixo apresenta como os participantes desse estudo são identificados, bem como por meio de quais instrumentos participaram, fornecendo informações para a coleta de dados:

Figura 1. Identificação dos participantes da pesquisa e instrumentos aplicados

Nº	Sujeitos da pesquisa	Identificação	Instrumentos aplicados
1	Adolescentes	A	Grupo focal
2	Jovens	J	*Whoqol-Bref* - Grupo focal
3	Pais	P	*Whoqol-Bref* - Grupo focal
4	Mais antigos	MA	*Whoqol-Bref* - Grupo focal
5	Xirus	X	*Whoqol-Bref* - Grupo focal
6	Administradores	ADM	*Whoqol-Bref*- Grupo focal - Entrevista
7	Orientadores de atividades	OA	*Whoqol-Bref*- Grupo focal - Entrevista

A cada entrevistado em cada grupo corresponde um numeral a partir do número 1 até o número total de participantes. Ex.: A1 – Adolescente 1. J3 – Jovem 3. Com exceção das crianças e adolescentes que participaram somente do grupo focal, alguns participantes dos outros grupos responderam a mais de um instrumento, conforme verifica-se na Figura 1.

Para todos os participantes, foi entregue, antes de iniciadas as entrevistas, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE para leitura, ciência e assinatura em duas vias, cabendo uma ao entrevistado e a outra à pesquisadora. Foi entregue também para preenchimento o Questionário do Perfil do Participante do CTG e para os maiores de idade, o instrumento *WHOQOL-Bref* (Anexo 1). Para os menores de idade, o TCLE foi entregue com antecedência, para que os pais tomassem conhecimento da pesquisa e autorizassem a participação, bem como o Questionário do Perfil do Participante, que estes deveriam preencher e entregar no dia da reunião, juntamente com o TCLE.

As entrevistas e reuniões aconteceram em sala previamente preparada, com a colaboração da secretária do Centro. Foram organizadas cadeiras em torno de uma grande mesa, de maneira que todos que participariam da reunião pudessem se enxergar, estar próximos uns dos outros e atentos à participação de seus pares. A sala era climatizada e o mais afastada possível de ruídos externos, para garantir o bom andamento e gravação das entrevistas.

Antes do início de cada entrevista ou reunião, além da apresentação pessoal da pesquisadora, foram reforçados os objetivos da pesquisa e os principais itens do TCLE, principalmente sobre a liberdade de participação de cada um e a garantia da preservação da identidade pessoal dos participantes quando da divulgação dos resultados do estudo.

As entrevistas seguiram o roteiro (Apêndices A e B) elaborado para esse fim específico, que se caracteriza como semiestruturado, com perguntas dirigidas para a coleta das informações pertinentes ao tema, com o intuito de se buscar atingir os objetivos a que a pesquisa se destina.

O Grupo Focal 1, com os adolescentes participantes da Invernada Artística Juvenil do CTG Nova Querência de Boa Vista/RR, ocorreu no dia 14 de novembro de 2012. No dia 13 de novembro, o grupo estava reunido para mais um dos ensaios, quando foram chamados pelos professores de dança para interromperem a atividade por alguns minutos para uma breve reunião. Após a pesquisadora ser apresentada ao grupo formado por 12 pessoas, foi abordada a proposta da pesquisa e eles foram convidados a participar do grupo focal. Como na semana seguinte a maioria deles teria compromissos relacionados às avaliações escolares, eles mesmos sugeriram que a reunião se realizasse logo no dia seguinte.

Participaram oito adolescentes com idade entre 11 e 16 anos de idade, que compõem a Invernada Artística Juvenil. Quatro participantes são do sexo masculino e quatro do sexo feminino. Dois são sulistas e seis nasceram em Roraima. Todos são estudantes e a média de participação mensal no CTG é de 17 vezes, variando de oito a 30 vezes por mês.

No dia 22 de novembro de 2012 aconteceu o Grupo Focal 2 com parte do grupo que compõe a Invernada Artística Adulta do CTG Nova Querência. No dia 14 foi agendada a reunião para o dia 20, porém, somente dois participantes se fizeram presentes. Foi feito novo contato telefônico e remarcada a reunião para o dia 22. Dos 12 participantes, somente sete compareceram, dentre eles, os dois orientadores de dança.

O Grupo Focal 3, foi realizado com pais de crianças e jovens participantes das Invernadas Artísticas e que também são frequentadores do CTG. A reunião ocorreu no dia 27 de novembro de 2012. Quinze pessoas foram convidadas via contato telefônico, mas somente seis compareceram, sendo três do sexo masculino

e três do sexo feminino.

A reunião com o Grupo Focal 4 composto pelos fequentadores mais antigos do CTG, os pioneiros, aconteceu no dia 28 de novembro de 2012. Participaram sete pessoas, todas nascidas no Rio Grande do Sul, sendo cinco do sexo masculino e duas do sexo feminino. A maioria chegou em Roraima na década de 70.

O Grupo Focal 5 reuniu os Xirus e aconteceu no dia 29 de novembro de 2012. Participaram oito pessoas, sendo quatro homens e quatro mulheres. Seis são sulistas, um roraimense e uma nordestina.

Todas as reuniões foram marcadas para as 19h e 30min, porém iniciaram somente às 21h, devido ao atraso de alguns. A dinâmica para início das discussões com os adolescentes e jovens aconteceu de forma diferente dos demais grupos. Para eles, foram entregues dois retângulos de papel, nos quais eles deveriam, no menor, escrever seu nome, fazendo um crachá que deveria ser afixado no peito com fita crepe, e no segundo, fazer um desenho que demonstrasse o que o CTG representa para cada um, utilizando lápis de cores variadas e hidrocores que foram disponibilizados.

Após o tempo determinado para a conclusão dos desenhos, foi solicitado que um dos componentes iniciasse o relato, fazendo sua apresentação, dizendo nome, idade, naturalidade e então mostrasse seu desenho e falasse sobre ele. Os demais seguiram a mesma orientação.

Várias representações foram feitas, desde cuias de chimarrão com a bandeira do Rio Grande do Sul ao centro, corações, fazendo referência à afetividade que os adolescentes participantes sentem pelo CTG e pelas pessoas com as quais convivem no Centro, figuras de gaúchos pilchados, figuras humanas com expressões de alegria e principalmente casas. Em suas narrativas, foi frequente e ficou bastante claro o sentimento de que o CTG representa uma segunda casa, o segundo lar. Na sequência foram lançadas as demais perguntas.

O grupo adulto, composto por jovens, também fez suas representações com figuras humanas expressando alegria, corações, casas e figuras de prendas e peões pilchados. Para os adultos dos outros três grupos, foi solicitado que fizessem um a um uma breve apresentação pessoal e relatassem quais atividades participam no CTG e na sequência, relatassem de maneira espontânea, o que o CTG Nova Querência representa para si.

4 PERCEPÇÕES DOS PARTICIPANTES DO CTG NOVA QUERÊNCIA DE BOA VISTA-RR SOBRE QUALIDADE DE VIDA E INFLUÊNCIA DO AMBIENTE

Nesse capítulo, além de ser apresentado o perfil dos participantes do CTG, são abordados os principais aspectos relacionados sobre o que o Centro representa para os participantes da pesquisa, qual o conceito de cada um sobre qualidade de vida e como eles percebem a influência do Centro nesse contexto, bem como em suas relações familiares.

4.1 O perfil dos participantes do CTG Nova Querência de Boa Vista-RR

Foram convidados para a realização do presente estudo, após autorização pelo Patrão, os frequentadores mais assíduos do CTG Nova Querência. Esta seleção foi feita com o auxílio da secretária do Centro e de duas sócias pioneiras, que frequentam quase que diariamente o CTG. Foram distribuídos cerca de 100 instrumentos *WHOQOL-Bref*, sendo que 48 pessoas o preencheram, ou seja, 48% de retorno, bem acima da média de 15% para esse tipo de levantamento, conforme Malhotra (2006).

Participaram das entrevistas individuais, cinco orientadores de atividades físicas e culturais, que corresponde a 100% dos orientadores de atividades do Centro e sete membros da equipe administrativa, dos nove convidados. Para os Grupos Focais, foram convidadas 75 pessoas, e 36 participaram, compondo cinco grupos de diferentes faixas etárias, a partir dos 10 anos de idade, o que correspondeu a 48% dos convidados.

Participou um total de 59 pessoas da pesquisa. Desse total, alguns responderam ao instrumento *WHOQOL-Bref* e também participaram das entrevistas e outros participaram somente dos Grupos Focais, como os menores de idade, por exemplo. 56% da amostra foi do sexo masculino e 44%, do sexo feminino, o que caracteriza uma participação maior dos homens em atividades sociais.

Dentre os participantes, 54% são sulistas, migrantes dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná e 46% são não-sulistas, nascidos em Roraima ou oriundos de outros Estados brasileiros.

A idade dos participantes variou de 11 a 69 anos, sendo a média de 38 anos. Os entrevistados frequentam o CTG em média 13 vezes por mês e participam das atividades do Centro em média há 15 anos, sendo que a maior participação se dá entre os frequentadores com até 20 anos de idade, com uma média de 17 vezes por mês. A média de participação dos frequentadores de 21 a 40 anos é de 12 vezes ao mês e dos frequentadores maiores de 41 anos, de 11 vezes ao mês. As mulheres têm uma participação um pouco maior que os homens, frequentando o Centro 14 vezes ao mês, enquanto os homens, frequentam em média 13 vezes ao mês.

Em relação à escolaridade dos frequentadores do CTG Nova Querência de Boa Vista que participaram da pesquisa, 2% concluíram o Doutorado; 2% concluíram o curso de Mestrado; 2% cursam Mestrado; 15% têm Especialização completa; 2% cursam Especialização; 20% declararam que concluíram o Ensino Superior; 20% não concluíram ou ainda cursam o Ensino Superior; 10% concluíram o Ensino Médio; 10% não concluíram ou cursam o Ensino Médio; 5% concluíram o Ensino Fundamental; 10% não concluíram ou ainda cursam o Ensino Fundamental; e 2% não responderam esse questionamento.

Trevizan (2000, p. 180), aponta que: “Níveis de qualidade de vida estão, [...] diretamente relacionados a níveis de educação e de saúde”. Nesse sentido, o autor reforça que a capacidade crítica e o nível de escolaridade de uma população são condições preponderantes para a melhoria da sua condição de vida, pois o espírito crítico concebe o poder do discernimento e o nível de escolaridade pressupõe que o indivíduo teve acesso a determinado nível de informação, de conhecimento.

Esse acesso proporciona o desenvolvimento de habilidades pessoais e profissionais que são qualidades indispensáveis para a condição de vida do indivíduo. “Tais requisitos são condições de sustentabilidade [...], seja no mundo dos

valores, seja no campo material. Desta forma, a educação, além de ser um componente básico do processo, é também um termômetro das condições para o desenvolvimento” (TREVIZAN, 2000, p. 183).

Sobre a renda familiar, os participantes do CTG que responderam à pesquisa, declararam: 24% têm renda familiar mensal acima de 10 salários mínimos; 36% afirmaram que recebem uma renda mensal de 6 a 10 salários mínimos; 35% de 1 a 5 salários mínimos e 5% não respondeu esse questionamento.

Considerando a qualidade de vida como conceito ampliado de saúde, a Carta de Otawa (1986) orienta que a renda é uma das condições fundamentais para a saúde, além da habitação, paz, ecossistema estável, recursos sustentáveis, equidade e justiça social (BUSS, s.d, texto digital). A renda familiar é basicamente o que define as possibilidades de se adquirir bens e serviços. “É na família que a renda é reunida para organizar um orçamento comum que satisfaça as necessidades de cada membro” (IBGE, 2010, texto digital).

4.2 Representações do ambiente CTG Nova Querência para os participantes

Para a análise das narrativas dos participantes, considera-se necessário primeiramente, rever algumas concepções relacionadas aos conceitos de espaço e lugar.

No que diz respeito ao conceito de lugar, (TUAN apud CABRAL, 2007, p. 148), afirma que “Espaço e lugar são termos familiares e complementares: o que começa como espaço indiferenciado acaba assumindo a configuração de lugar, ao conhecermos e o dotarmos de valor”. Portanto, a essência do lugar é ser um núcleo onde são vivenciados os eventos mais significativos de nossa existência: o habitar, o viver, o trabalhar, o utilizar e consumir, o movimentar, o experienciar humano nas mais diferentes formas (CABRAL, 2007). Ou seja, lugar é “[...] o espaço imbuído do significado elaborado pelos seus utilizadores” (FELIPPE; KUHNEN, 2012, p. 611).

Nesse sentido, o lugar pode ser considerado para o indivíduo como seu suporte no mundo, como a base de sua identidade, como referências que tornam os homens sujeitos de seu tempo, pois: “A pluralidade do sujeito responde à multiplicidade dos espaços de referência: o sujeito constrói no seu próprio mundo um lugar que é o dele e que é coerente (SARTRE; BERDOULAY, 2005, p. 114).

Compreende-se a partir desses estudos, que lugar diz respeito ao ambiente de convivência social direta, na qual o cotidiano é compartilhado e vivenciado de maneira intensa e próxima, por meio da comunicação, onde ocorre, conforme afirma Cabral (2007, p. 149): a "[...] co-presença, a vizinhança, a intimidade, a emoção, a cooperação e a socialização com base na contiguidade". Nesses "lugares", os indivíduos compartilham de sua cultura, de seus valores e costumes, buscando, conforme afirma Oakes apud Cabral (2007), colocar-se como sujeitos da história e da espacialidade, apesar da constante tentativa de hegemonia histórica e espacial que tenta impor a ordem global.

Nos relatos dos participantes ficaram claras três diferentes representações em relação ao CTG Nova Querência de Boa Vista-RR, as quais serão analisadas. Primeiramente, observou-se que os mais jovens e os participantes que não são sulistas, buscam no Centro e o frequentam, por ali poderem encontrar e fazer amigos, festejar a vida, participando das atividades que são oferecidas, mas com o intuito maior de se reunir, de se sentirem acolhidos. Essa sensação de acolhimento lhes proporciona bem-estar e apego ao lugar, fazendo-os sentirem-se como se estivessem em sua própria casa.

Apegar-se pode ser entendido como afeiçoar-se, acostumar-se, habituar-se, colocar-se sob proteção de, ou até mesmo criar raízes (HOUAISS, 2010). Portanto, "[...] afeiçoar-se é vir a estimar, sentir afeto por algo ou alguém, [...] é acostumar-se, adaptar-se ou tornar familiar, o que significa fugir à estranheza ou não ser mais afetado por ela" (ALENCAR; FREIRE, 2007, p. 321-322).

Esse sentimento se evidencia na seguinte narrativa: "Para mim o CTG é amizade, companheirismo, uma segunda casa, onde você tem vários amigos e pode contar com eles" (A1, 14. Nov. 2012, p. 1). Essa ideia é compartilhada com outro adolescente que afirmou: "O CTG é uma segunda casa para mim. Me sinto bem aqui. Gosto muito das pessoas que estão em volta da gente. São pessoas boas e gosto da tradição gaúcha" (A2, 14. Nov. 2012, p. 1-2). Outro participante da Invernada Artística Xirus, relatou:

> Eu considero o CTG como o quintal da minha casa. Porque é realmente a segunda casa da gente. Aqui você pode vir, deixar seus filhos. A gente cuida um do outro [...]. A gente tem a segurança de estar aqui, por exemplo, eu estou aqui e o meu filho está correndo lá fora e eu sei que tem pessoas que me conhecem e que estão cuidando dele lá pra mim. [...] Então o CTG representa isso pra mim. É uma segurança, é você estar com pessoas

> queridas, entendeu? É isso pra mim. O CTG é o quintal da minha casa (X5, 29. Nov. 2012, p. 3-4).

É interessante observar a relação que é feita entre o ‘lugar’ CTG e a ‘casa’, lugar onde residem. Freitag apud Macedo et al. (2008), observa que a ‘casa’ tem sido encontrada na literatura como sendo um dos lugares mais queridos, mais amados pelos indivíduos, uma vez que lhes propicia elementos de regulação emocional, bem como oportuniza a reflexão sobre a sua identidade.

> Uma casa é ponto de referência espacial: imobilidade em meio aos deslocamentos do sair de ou do voltar para casa. Casa é ponto de referência afetivo: estar e ficar em si mesmo exatamente por poder estar e ficar em casa. Casa é lugar de pertença, presença, às vezes nascença e morte (GAUDÊNCIO; GAUDÊNCIO, 2011, p. 300-301).

Nessa perspectiva, Bachelard (1978, p. 200), assevera que “[...] a casa é nosso canto no mundo”. Prosseguindo com a mesma linha poética, o autor afirma: “A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano [...]” (BACHELARD, 1978, p. 201).

Damatta (1997) faz um comparativo entre as representações que são feitas sobre a casa e a rua, esses locais, que se constroem com relações e demarcações espaciais e sociais no decorrer do tempo e da história. Nessa perspectiva, a rua, segundo o autor, é considerada em nosso modelo ritual, como um local perigoso, repleto de movimento e de situações que transmitem insegurança. De maneira inversa, a casa é tida como um “[...] espaço de calma, repouso, recuperação e hospitalidade, enfim, de tudo aquilo que define a nossa ideia de ‘amor’, ‘carinho’ e ‘calor humano’ [...]” (DAMATTA, 1997, p. 57).

Pode-se dizer, portanto, que a casa representa um de nossos lugares preferidos, sentimento demonstrado por muitos entrevistados, em relação ao CTG. Macedo et al. (2008) afirmam que dentre as funções dos lugares preferidos, uma é permitir que os indivíduos vivenciem experiências restauradoras. “O fato de se estar em um lugar favorito induz mudanças fisiológicas ao proporcionar alterações de humor no sentido positivo, equilibrar a capacidade de atenção e possibilitar maior contemplação dos próprios sentimentos” (MACEDO et al., 2008, p. 442), conforme se observa na seguinte afirmativa: “O CTG representa felicidade, companheirismo,

amizade, a gente tem bastante amizade, né? [...] Eu tenho verdadeira paixão pelas danças do CTG, pelas danças tradicionais. Eu amo dançar, eu amo o CTG, eu amo estar aqui [...]" (J6, 22. Nov. 2012, p. 1). Outro participante afirmou:

> O CTG representa para mim e para a minha família, a principal opção de lazer que eu tenho aqui em Boa Vista. Hoje é sexta-feira, eu termino de tomar banho, troco de roupa e venho para o CTG. Quarta-feira também. Domingo também, enfim. É meu ambiente de lazer. Meus amigos estão aqui, meus principais amigos de Boa Vista estão aqui dentro. É aqui que a gente reúne no piquete na quinta-feira, assa uma carne e come, é aqui que a gente senta e joga um baralho e toma uma cerveja. É aqui que a gente marca um encontro em um "banho" num domingo. Então, o CTG é sem dúvida o meu ambiente de lazer de Boa Vista (ADM4, 24. Nov. 2012, p. 3).

O ADM4 evidencia em sua narrativa, a satisfação em participar do Centro com sua família, e por poder encontrar os amigos em momentos de lazer, nesse ambiente. Segundo Giuliani (2004), citada por Lima e Bomfim (2009), o apego ao lugar se dá pelas diferentes formas das pessoas sentirem afeto, tanto em relação aos lugares, como a acontecimentos vivenciados e a sujeitos com os quais interagem. Esse sentimento é observado também na seguinte afirmativa:

> [...] é um lugar bem familiar, [...] que tem uma paz, uma tranquilidade. É um lugar de segurança. É o único lugar que eu deixo meus filhos virem sozinhos. [...] Então, ele representa assim uma segunda casa. Um lugar bem tranquilo onde eu encontro muitos amigos [...] (P1, 27. Nov. 2012, p. 1).

Nas narrativas dos participantes imigrantes sulistas, que é composto pelo grupo com maior faixa etária, foi observado que o CTG representa principalmente, o lugar onde eles podem encontrar as pessoas que compartilham de hábitos semelhantes, cultuando os costumes e a cultura gaúcha, como se observa na afirmativa: "[...] representa a identificação com o Rio Grande do Sul, na verdade, né? A gente sai, sente saudade da comunidade que a gente tinha lá, e aqui no CTG a gente dá uma continuidade do que a gente tinha" (ADM5, 26. Nov. 2012, p. 2). Essa percepção é reforçada por um dos participantes mais antigos do Centro, quando diz:

> Eu venho para o CTG porque aqui a gente mantém as tradições do Rio Grande de pé, pois eu nasci lá, me orgulho muito de ser gaúcho. E também porque a gente tem afinidade de trocar conversa com amigos que têm algumas opiniões. Relembra de coisas antigas quando a gente toma um traguinho. A gente começa a falar do salame de porco, do radite, da polenta, da rúcula, da cachaça. Então, é um elo que a gente mantém como um umbigo lá do RS. Enfim, é a nossa casa para a gente manter a conversa dos parentes, a nossa região, município, enfim. Tudo isso a gente "bota" em dia aqui. [...] Traz na lembrança [...] um causo antigo lá do Rio Grande.

> Então, eu acho que é isso que imanta um pouquinho os gaúchos. Ah! Vamos ver o que tem de novo lá. E na Semana Farroupilha vêm aqueles que não vêm tanto, frequentar, que estão lá no sul do Estado. Eles dão um jeito de chegar aqui. "- Olha aquele velhinho que nunca mais vi lá, ele "ta" vivo". E aí já "botam" a conversa em dia com a gauchada. É isso em síntese que o CTG representa, passa pra gente (MA2, 28. Nov. 2012, p. 3-4).

Nesse contexto, observa-se a necessidade da preservação da identidade vinculada aos costumes sulistas. Para Alencar e Freire, (2007, p. 309), "[...] a idéia de identidade remete àquilo que é próprio do sujeito, ou seja, àquilo sobre o qual o sujeito imprime uma ação e se reconhece no produto (material ou imaterial) desta". Dessa maneira, o mesmo autor enfatiza a necessidade que os indivíduos sentem em buscar uma identidade em relação aos espaços, aos lugares, que "[...] traga sensação de familiaridade e segurança contra as 'interações ameaçadoras' [...] Daí a tão almejada privacidade, ou seja, a necessidade de um espaço do eu e para o eu, salvaguardando-o da 'afetação' pelo estranho, pelo indesejado, pelo ameaçador" (ALENCAR; FREIRE, 2007, p. 312). Essa concepção se confirma na fala de outro participante, que afirmou:

> O CTG Nova Querência para mim é uma continuidade da sociedade que eu frequentava lá (RS). Eu frequentava o CTG lá, vim aqui, encontrei o CTG Nova Querência, tive que frequentar, porque não consegui assimilar outra sociedade aqui em RR para eu frequentar. Nada contra, mas eu como eu vim de um CTG e encontrei outro CTG, tem que frequentar. Porque eu me identifico. Trouxe a cultura na cabeça e não muda. Mesmo tendo gente querendo mudar. Então, o CTG quer dizer tudo. Não participo de outro lugar. Só aqui. Eu e a minha família (P4, 27. Nov. 2012, p. 2).

O mesmo sentimento de busca pela afinidade, pela consolidação da identidade, a preocupação com o que parece ser estranho, é compartilhado por outro participante do grupo de sócios mais antigos do Centro.

> [...] Aqui a gente é bem quisto e é bem acolhido e às vezes a gente não dá o devido valor, às tradições, à cultura nossa lá no sul. O que a gente vê que lá no sul, talvez não se cultua a tradição, como a gente cultua aqui. Então, é uma coisa que une o gaúcho, porque vamos dizer: Quando tu "entra" num lugar estranho, tem que ter alguma coisa que una, que tenha uma afinidade. E o CTG é onde "que" tem essa afinidade (MA7, 28. Nov. 2012, p. 7).

Não se desconsidera, porém, o processo de hibridização das culturas, apesar de algumas resistências, pois o homem é um sujeito histórico e não vive isoladamente. Da mesma maneira que influencia, ele é influenciado, se fazendo indivíduo em seu processo de interação com os demais e por meio de suas escolhas. Em se tratando desse processo de construção da identidade, concorda-se

com a seguinte afirmativa: “Nenhuma identidade é fixa, imutável, permanente e dada numa essência, embora elas apareçam desse modo no senso comum e, mais claramente ainda, nas ideologias marcadas pelo radicalismo sectário” (DAMATTA, 2004, p. 24-25).

No que diz respeito à segmentação, o autor destaca questões relacionadas à compreensão da ideia sobre o que é nacional ou regional, reforçando as disputas políticas envolvidas nesse contexto. Historicamente, o sentido de regionalismo do Rio Grande do Sul é exemplificado como uma maneira de protesto contra “[...] aspectos percebidos como negativos da realidade nacional. [...] A separação ou a construção de uma identidade exclusiva seria a maior marca desta tendência [...] (DAMATTA, 2004, p. 26)

Nesse sentido, o autor argumenta que o resultado desse processo, que ele chama de “deslizamento simbólico” é uma compreensão do gaúcho a respeito de si próprio, como um sujeito com características superiores aos demais brasileiros, ou seja: “Tudo se passa como se o regional deste “sul” assim desenhado representasse de modo exemplar a ponta de um processo aculturativo à modernidade ao qual eles já teriam chegado, enquanto a maioria do Brasil seria atrasada, o “sul” já estaria lá” (DAMATTA, 2004, p. 27).

A construção identitária se dá nos processos sociais vivenciados desde a infância, nos quais são apreendidos conceitos e valores que compõem cada ser e cada sociedade. Compreende-se também, que o deslocamento em grupos, a integração com outras culturas e a busca por melhores condições de vida, diz respeito, à liberdade pessoal de escolher dentre vários modos de viver, um que considere melhor do que o que se tem ou que se tinha anteriormente, ampliando seus traços identitários. A motivação nessa situação tem como foco a liberdade.

A terceira diferente representação do CTG observada foi por meio dos relatos dos orientadores de atividades físicas e culturais. Evidenciou-se que a relação deles com o ambiente do CTG é, sobretudo profissional, conforme o seguinte relato: “[...] eu diria que é só mesmo como ambiente de trabalho. Por ser o que eu gosto, acabei me apegando muito ao lugar também” (OA5, 25. Nov. 2012, p. 1).

Nesse sentido, o Centro representa um local que os acolheu para a realização de suas atividades laborativas e em algumas situações, proporcionou-lhes oportunidades no campo pessoal e profissional, conforme se verifica na seguinte

narrativa:

> Hoje “pra” mim é a minha casa, porque [...] As coisas que hoje nós adquirimos foi tudo graças ao CTG que nos deu essa oportunidade da gente trabalhar aqui, de trazer a nossa experiência, trazer os nossos conhecimentos “pra” cá (OA1, 20. Nov. 2012, p. 2).

Esse entendimento novamente se apresenta na narrativa de outro participante, quando afirma:

> [...] O CTG hoje tem muita importância porque ele me deu a oportunidade de vir para cá (RR), de estudar, de trabalhar, de melhorar, entendeu? Não só a dança, mas se não fosse o CTG eu não estaria aqui, então eu posso dizer que o CTG fez com que eu desse um passo muito grande (OA2, 20. Nov. 2012, p. 2).

Considera-se, portanto, que o sentido e a qualificação, tanto positiva, quanto negativa da existência dos indivíduos, têm relação direta com os vínculos afetivos que se estabelecem com os lugares. Eles nos servem como instrumentos para a satisfação de nossas necessidades sociais, culturais, psicológicas e biológicas e consequentemente influenciam em nosso bem-estar (GIULIANI apud MACEDO, 2008). Nessa perspectiva, concorda-se com Giuliani, quando afirma:

> [...] o sentimento que possuímos em relação a alguns lugares e às comunidades que os lugares ajudam a definir e que são, por sua vez, definidos por elas – lar (família, parentes, amigos), local de trabalho, (colegas), igreja (os outros devotos), vizinhança (vizinhos), cidade, pais, continente –, certamente contribui, forte e positivamente, para definir nossa identidade, dar sentido à nossa vida, enriquecê-la com valores, metas e significado (GIULIANI apud LIMA ; BOMFIM, 2009, p. 496).

Verifica-se que as relações que se dão entre sujeito e ambiente são subjetivas, dinâmicas e variam conforme seus anseios e necessidades, seus projetos, bem como com as interações que ele mantém com pessoas e objetos, definindo, redefinindo, construindo e desconstruindo sua identidade, significando e resignificando sua vida e suas relações. Ademais, os indivíduos são sujeitos sociais, diversos, que apresentam relações e interações diferenciadas com os diferentes ambientes, sendo esses ambientes considerados como uma ‘construção’ ao mesmo tempo simbólica, social e material.

4.3 O conceito de qualidade de vida para os participantes da pesquisa e a influência do CTG Nova Querência nesse contexto

Como mencionado anteriormente, não há consenso em relação ao conceito de qualidade de vida. Cada indivíduo tem uma percepção diferente sobre a sua qualidade de vida e esse conceito pessoal é influenciado por vários fatores, como a cultura, a condição social, os valores, experiências tanto individuais, quanto coletivas e em diferentes épocas de sua vida. Portanto, o conceito é complexo, polissêmico e multidimensional (MINAYO; HARTZ; BUSS, 2000; FLECK, 2000; IRIGARAY; TRENTINI, 2009).

Por meio das análises feitas acerca das respostas dos participantes desse estudo, emergiram sete categorias em relação ao que eles consideram como qualidade de vida, conforme se observa na Figura 2 apresentada a seguir. As análises se deram pela frequência das respostas apresentadas, sendo que cada participante elencou mais de um aspecto em sua resposta.

Figura 2. Percepção (em percentual - %) sobre qualidade de vida dos participantes do CTG Nova Querência de Boa Vista – RR

Categoria	A	J	P	MA	X	ADM	OA
Estar na companhia de pessoas amigas	71	86	17	57	100	71	80
Ter saúde	43	71	17	86	50	43	20
Sentir-se bem nos lugares onde está	14	14	67	28	37	28	20
Ser feliz	28	43	17	43	25	57	40
Ter as necessidades fundamentais atendidas (educação, segurança, moradia, emprego, etc)	-	-	100	71	-	57	40
Ter bastante dinheiro	-	-	83	28	12	-	20
Lazer	-	-	33	-	25	14	20

Legenda: A - Adolescentes; **J -** Jovens; **P -** Pais; **MA -** Participantes mais antigos; **X -** Xirus; **ADM** - Administradores; **OA -** Orientadores de atividades físicas e culturais

Observa-se na Figura 2, que a Categoria “Estar na companhia de pessoas amigas” obteve maior destaque em cinco dos sete grupos entrevistados. O conceito de qualidade de vida associado às boas relações sociais, especialmente às amizades, evidencia-se nos seguintes relatos: “Qualidade de vida é a pessoa viver bem, com quem ela está, ser feliz com os amigos e aproveitar (A1, 14. Nov. 2012, p.

3); “É a gente se sentir bem onde a gente está, com os amigos [...]” (A6, 14. Nov. 2012, p. 3); “Qualidade de vida é ter um bom convívio com as pessoas à sua volta [...]” (J3, 22. Nov. 2012, p. 2). Outros participantes relataram também:

> Qualidade de vida pra mim começa por a pessoa ter saúde, um bom ambiente familiar, um bom ciclo de amizade. Ter o suficiente para ter aquelas coisas que a gente gosta de ter ou comprar. Não precisa sobrar nada, mas que também não falte. E a amizade e a satisfação de olhar pra frente e ver que a gente vai deixar alguma coisa boa aqui na Terra (MA4, 28. Nov. 2012, p. 7).

> Qualidade de vida é a gente viver no meio de um ambiente que a gente goste, que todos são amigos. Não ter nenhum inimigo. Do menor ao mais idoso, tudo “representa” pra gente. A gente tem esse carinho, esse amor por todos (X4, 29. Nov. 2012, p. 4).

Observa-se, portanto, que a vivência humana está intimamente ligada à presença, à participação ativa de outros indivíduos. No convívio social, são desenvolvidas as mais diversas formas de relações, proporcionando em muitos casos o apoio social entre os indivíduos, que é caracterizado pelo auxílio oferecido tanto por pessoas quanto por grupos com os quais se tem contato habitualmente (AMENDOLA; OLIVEIRA; ALVARENGA, 2011).

Esse auxílio produz efeitos positivos para quem o recebe e para quem o oferece. Trata-se de se perceber valorizado nos grupos dos quais se faz parte, percebendo que nesse grupo existem pessoas com as quais se pode contar nas mais diversas situações, recebendo auxílio sempre que necessário, podendo ser emocional ou afetivo, ou também, se for o caso, auxílio material, dependendo do grau de necessidade (AMENDOLA; OLIVEIRA; ALVARENGA, 2011).

Argyle (1991) destaca a relevância das amizades e do apoio social para o bem-estar do indivíduo e elenca o trabalho, o lazer e os relacionamentos como três fatores primordiais, responsáveis pela satisfação de uma pessoa com a vida, tendo sido identificados esses aspectos em diferentes culturas. No que tange ao fator relacionamento, a família, o romance e a amizade foram formas evidenciadas como as mais intimamente relacionadas à felicidade dos indivíduos. Nesse contexto, pesquisas confirmam que “[...] os relacionamentos são mais importantes para o bem-estar subjetivo do que o dinheiro” (VAILLANT, 2003, p. 1380).

A resposta “Ter saúde” apareceu com maior frequência nas narrativas dos Frequentadores Mais Antigos. Já o grupo de Pais destacou primeiramente o “Atendimento às necessidades fundamentais”, como o trabalho, a moradia,

educação, salário, segurança, etc, como principais elementos na definição da qualidade de vida, sendo esse aspecto apontado por 100% deles. Vale destacar, que 83% dos participantes do mesmo grupo, afirmaram que ter qualidade de vida significa “Ter bastante dinheiro”.

Nesse contexto, faz-se uma relação acerca do fato do Estado não garantir o oferecimento dos serviços para atendimento das necessidades básicas da população, principalmente com qualidade, apesar dos altos impostos recolhidos aos cofres públicos e a necessidade que os pais sentem em ter dinheiro suficiente para poder garantir a melhor educação, os melhores serviços de saúde, de segurança, entre outros, para sua família. Esses e os demais elementos citados anteriormente são verificados nas seguintes afirmativas:

> [...] É ser viva, ter saúde. Primeiro é ter saúde, sempre ter saúde. Saúde “pra” gente poder fazer o que a gente está fazendo hoje. É poder ver o CTG, é poder comer, é poder beber, é poder se divertir, é poder terminar de criar os nossos filhos e depois os nossos netos [...] (MA6, 28. Nov. 2012, p. 8).

> Qualidade de vida em primeiro lugar é ter saúde. Saúde e um bom salário para poder ter essa saúde. Outro “lugar” é a segurança. [...] E é claro que depois vem o lazer, boa remuneração para poder se ter as coisas materiais. E liberdade. Tudo isso somado dá uma liberdade. Qualidade de vida pra mim é isso (P4, 27. Nov. 2012, p. 3).

> Primeiro, para ter uma boa qualidade de vida, depende de um bom trabalho, um bom salário. Assim a gente pode sustentar bem a família, dar o conforto. Ter um espaço, uma comunidade onde a gente possa levar os filhos, levar a família, se divertir. Enfim, é poder realmente ter aquilo que a gente quer na vida. Ter o alimento, ter as coisas materiais e ter um ambiente aonde a gente possa encontrar os amigos (P2, 27. Nov. 2012, p. 2).

> Qualidade de vida pra mim é ter um lugar seguro para morar, ter as condições para manter uma casa e também ter um lazer, onde você pode ir com a sua família e que nesse lazer você pode ter uma segurança. [...] Então qualidade de vida pra mim é um espaço seguro, uma moradia segura e uma situação financeira “mais ou menos” (P1, 27. Nov. 2012, p. 2-3).

Conforme Brigagão (1999), os direitos humanos classificam-se em três gerações, tendo como referência a sua evolução histórica: a primeira delas é a geração dos direitos civis e políticos, na qual se encontra o direito à liberdade, à vida e ao voto por exemplo. A segunda diz respeito aos direitos sociais, direitos econômicos e culturais, que são eles: o direito à saúde, educação, trabalho, segurança, moradia, dentre outros. Os direitos: à paz, ao patrimônio comum da humanidade e ao desenvolvimento fazem parte da terceira geração. O mesmo autor

assevera que os direitos sociais, econômicos e culturais são direitos que devem ser garantidos pelo Estado. Para tanto, há a necessidade de uma postura comprometida e de empenho por parte dos governantes para que esses direitos sejam efetivamente desfrutados por todos os cidadãos.

Na Constituição Federal (1988), consta no Art. 6º do Capítulo II, que trata dos Direitos Sociais, o seguinte texto: “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (BRASIL, 2012, p. 7).

Nesse contexto, os direitos sociais buscam a qualidade de vida dos indivíduos e consequentemente, se atendidos, expandem as liberdades individuais. Para Sen, (1993, texto digital): “O conjunto de capacidades representa a liberdade pessoal de realizar várias combinações de efetivações”. O mesmo autor defende, portanto, que:

> Expandir as liberdades que temos razão para valorizar não só torna nossa vida mais rica e mais desimpedida, mas também permite que sejamos seres sociais mais completos, pondo em prática nossas volições, interagindo com o mundo em que vivemos e influenciando esse mundo (SEN, 2010, p. 29).

Observa-se nesse contexto, que as percepções sobre qualidade de vida são multidimensionais e diferem de pessoa para pessoa. Porém no grupo estudado, constatou-se que há uma valorização maior do ser ao ter. Percebe-se que além da necessidade de se ter acesso aos bens e serviços que proporcionam ao indivíduo a dignidade e a liberdade do bem viver enquanto cidadão é valorizada sobremaneira a vivência ao lado do outro, na companhia do outro, uma vez que esse contato, quando positivo, certamente é um ingrediente fundamental no fortalecimento da autoestima e na satisfação geral do ser humano.

Com exceção de um único participante da pesquisa, os demais foram unânimes em afirmar que o CTG Nova Querência influencia positivamente em sua qualidade de vida. Justificativas como o fato de poder encontrar com amigos e pessoas em quem se pode confiar, a importância da integração social, a possibilidade de participar em atividades de lazer e descontração e o fato de o ambiente proporcionar felicidade, segurança e bem-estar, foram elementos que se sobressaíram, como é possível observar nas seguintes narrativas, ao serem questionados se o CTG influencia em sua qualidade de vida: “Acho que sim, porque

aqui no CTG a minha vida muda. Fica mais divertido. Eu tenho prazer de estar aqui" (A6, 14. Nov. 2012, p. 3). Outros participantes relataram:

> A minha participação no CTG influencia na minha vida, de modo que digamos que, faz bem para mim, para o meu interior, para a minha vida, "pro" meu coração, "pra" mim. Pelo fato de eu vir aqui, rever meus amigos, ver, conversar, sair entre amigos, dançar, ter um contato (J6, 22. Nov. 2012, p. 2).

> Influencia muito. Até no trabalho, porque quando a gente está cansado do trabalho, quer um lugar para o lazer, para descansar, para distrair. Vou onde? Para o CTG. Em casa, quando estou cansado da rotina, com a família, quero fazer alguma coisa diferente, penso, aonde eu vou? Vou para o CTG. Então, aqui é onde eu me divirto. Jogo meu futebol, jogo meu baralho... Então, influencia muito (P2, 27. Nov. 2012, p. 4).

> [...] Eu sempre fui apegado a esse clube. Eu deixava de ir em clubes "normais" na cidade para frequentar esse clube. Porque é um clube que você tem uma certa tranquilidade, você conhece as pessoas do teu círculo de amizades, até de negócios. Então, de certa maneira ele contribuiu realmente. Até de uma certa "porcentagem" grande, porque é o clube que você participa a vida inteira. A gente "gastou", 10, 15, 20, 30 anos frequentando esse clube e convivendo com pessoas. Então, essas pessoas também influenciaram na vida da gente de uma maneira ou de outra (MA1, 28. Nov. 2012, p. 8).

> [...] Como eu disse, "pra" mim, o mais importante aqui é ter uns amigos "pra" trocar ideias, "pra" conversar, "pra" se atualizar. Então, ele tem tido influências. Porque a vida é efêmera e quem fica 25 anos frequentando sempre o mesmo lugar, é porque tem importância sim e tem, porque senão não teria sentido de nós estarmos sempre aqui (MA2, 28. Nov. 2012, p. 8-9).

Verifica-se nessas narrativas, que as pessoas fizeram uma avaliação de suas vidas no contexto de determinado ambiente, nesse caso o CTG. Nessa avaliação pode ser observado o seu bem-estar subjetivo. Para Campbell (1976), o bem-estar subjetivo pode ser considerado como uma experiência interna, própria de cada indivíduo. Ademais, além da conexão que se faz com a felicidade, estado de espírito, afeto positivo e satisfação, o construto do bem-estar subjetivo também está relacionado à avaliação subjetiva da qualidade de vida (NOGUEIRA, 2001; ALBUQUERQUE; TRÓCCOLI, 2004).

Foi elencado como um dos principais fatores que influenciam na qualidade de vida dos pesquisados, o fato de no Centro, eles poderem vivenciar momentos de integração social, principalmente com pessoas amigas. Sousa e Cerqueira-Santos (2011, p. 63), fazem uma comparação das relações familiares com as relações de amizade. Eles afirmam: "Amigos criam relações com grande probabilidade de serem mais recíprocas, imparciais e menos estressantes. Amigos oferecem companhia,

oportunidades para o riso, para o partilhar de atividades [...]". Como, de modo geral os amigos provêm do mesmo grupo, há um enriquecimento das relações, visto que ocorre um compartilhar de histórias, da cultura, de brincadeiras e canções que fizeram parte das experiências vividas e que se tornaram favoritas, bem como das vivências e aprendizados sociais (BEE, 1997). Nesse sentido, considera-se sobremaneira a importância das relações de amizade para o bem viver humano e para o aperfeiçoamento da qualidade de vida.

Ao terem sido questionados se consideram que frequentar o CTG faz com que eles se sentissem mais ativos e felizes ao desenvolver suas atividades em ambientes fora do Centro (trabalho, escola etc.), observou-se que os sentimentos que são despertados nos participantes do Centro, relacionados ao bem-estar, aos aspectos concernentes ao processo de aprendizagem e de desenvolvimento da autoestima que se dão naquele ambiente, também têm influência significativa nas demais atividades desenvolvidas no dia a dia, conforme se observa nos seguintes relatos:

> [...] Eu frequento o CTG e sou feliz. E você sendo feliz, você sempre está disposto a fazer tudo, sem se preocupar com nada. Você nunca vive estressado se você está feliz e você na escola, presta mais atenção [...] Você também perde um pouco da sua vergonha. Por exemplo. Você vai apresentar um seminário na escola para um número de vinte pessoas, mas comparando para um número que você dança num baile aqui, não tem nem comparação. Você perde muito a vergonha. Ajuda muito na escola, nas apresentações nos trabalhos [...] (A2, 14. Nov. 2012, p. 4).
>
> O CTG ele me ajuda sim, em partes. Eu me sinto reconhecida pelos meus amigos fora do CTG, pelos amigos de escola, amigos do trabalho... Sempre tem os eventos aqui do CTG e tem os eventos na região, quando a gente viaja. Aí eles dizem: "Ah, eu te vi, te vi na televisão e você estava linda". Isso incentiva a gente e muito né, faz com que a gente se sinta reconhecido pelo que a gente faz, pelo que a gente gosta (J6, 22. Nov. 2012, p. 3).
>
> Eu acho que sim, porque quem está aqui dançando, está porque gosta e se tu "ta" fazendo o que tu "gosta", tu "acaba" ficando com a autoestima mais elevada e isso te ajuda no que tu "vai" fazer lá fora (J3, 22. Nov. 2012, p. 4).

Gaspar et al. (2008) asseveram que um desenvolvimento saudável e positivo, o comportamento, as crenças e atitudes das crianças e adolescentes são consequências, além de fatores biológicos, das relações que esses estabelecem com a família, com a comunidade, com o ambiente físico e com a cultura que emana dessas relações. Partindo do princípio que a qualidade de vida desses sujeitos tem

íntima relação com a sua saúde mental e bem-estar subjetivo, é essencial lhes proporcionar um bom ambiente sociocultural para que eles possam exercitar e desenvolver as mais diversas competências, como a empatia, a comunicação, o respeito ao próximo e às suas diferenças, a promoção do aperfeiçoamento da criatividade, do sucesso escolar e consequentemente da sua autoestima e autoconfiança.

O sentimento de bem-estar, as relações interpessoais positivas, o convívio e aproximação da família, permitir-se esquecer momentaneamente os problemas externos e vivenciar o lazer foram elementos que se evidenciaram nas falas dos participantes com mais idade, em relação à influência da sua participação nas atividades do CTG e as consequências em sua vida externa ao Centro, conforme se pode verificar nas narrativas a seguir:

> Influencia sim, porque toda vez que eu venho aqui, eu acho que eu nunca saio triste, eu saio feliz, animada. Principalmente quando eu venho nos bailes. Atualmente eu danço muito. Faz bem para o corpo e o que faz bem para o corpo, faz bem para a alma, para a mente. Então influencia a minha pessoa, meu marido e meus filhos também. Então, vem a família toda para um baile, para um almoço e volta a família toda junta, todos tranquilos seguros e felizes (P1, 27. Nov, 2012, p. 5).

> Eu acho que se você se sente bem aqui, você faz um relax, você vem aqui porque gosta, claro que influencia na tua vida, no desempenho da tua vida, dos teus negócios, porque você “ta” fazendo uma terapia aqui que vai te deixar com menos pressão [...] você fica mais tranquilo. Eu acho que sim, que influencia, porque senão não tem sentido você fazer um relax. Pra quê? É só para aquele momento? Não. Ele vai te influenciar na vida [...] Isso aqui também, é uma coisa que faz bem também pra alma, como se diz e reflete sim. Se você se sente bem aqui, ele reflete no seu desempenho [...] reflete lá fora sim (MA2, 28. Nov. 2012, p. 10).

> Aqui no CTG a gente vem pra cá pra quê? Pra se distrair, esquecer dos problemas um pouco, lá do trabalho, do dia a dia. Então a gente vem pra cá mais ou menos pra isso. Se encontrar com os amigos, se divertir, brincar um pouco e esquecer... dá uma relaxada muito grande. E no outro dia você já está revigorado novamente (X2, 29. Nov. 2012, p. 6).

> Ah, como certeza. [...] A gente vem pra cá, se lembra do ensaio [...] eu puxando meu marido. Então “era” uma coisa o nosso ensaio. “Era” hilário. Ensaio de casal, então imagina. Muito hilário. Então, lembrando das situações, no outro dia a gente se pega rindo sozinha. Desestressa, é muito legal... Com certeza colabora (X5, 29. Nov. 2012, p. 6).

As mudanças nos hábitos de vida do homem contemporâneo têm lhe trazido consequências as mais diversas, dentre elas o estresse, que ocasiona problemas

tanto para o corpo, quanto para a mente. ‘‘A competição excessiva, o desejo intenso de "possuir", a pressa, o medo do outro ser humano, a pressão diária [...] afetam sua qualidade de vida. [...] pois uma vida de insegurança e incerteza necessariamente fica aquém do que se almeja como uma vida de boa qualidade” (LIPP, 2001).

Nesse sentido, a busca por um ambiente que ofereça oportunidades para a promoção do lazer, consequentemente promoverá a saúde de seus participantes, aliviando o sentimento de estresse, pois essa prática pode proporcionar ao indivíduo o desenvolvimento de condições favoráveis para o seu bem-estar social, para uma participação mais ativa em sua vida familiar, profissional, cultural e comunitária, atendendo suas necessidades individuais de modo geral (PEREIRA; BUENO, 1997).

Há que se considerar, porém, que não foram observados somente aspectos positivos em relação à participação nas atividades do CTG e as consequências para a vida pessoal de seus participantes. Além dos aspectos positivos que são evidenciados, os compromissos que são firmados em relação aos ensaios, para que os participantes das Invernadas Artísticas possam representar bem o Centro em apresentações a nível local ou nacional, demandam tempo e esforço individual. Isso acaba gerando certo desconforto, tendo em vista que muitas vezes, eles têm que abrir mão de outras atividades e da companhia da família e de outros amigos para estarem no Centro. Esse sentimento foi observado somente no grupo da Invernada Adulta, composta por jovens, conforme evidenciado nas narrativas a seguir:

> [...] A minha participação no CTG influencia na minha vida, de modo que digamos que, faz bem para mim, para o meu interior [...] Mas já na outra parte, digamos que eu me distancio da minha família e isso gera contenda na minha casa, devido ao meu trabalho. O CTG querendo ou não é bom para mim, mas tira boa parte do meu tempo. Requer dinheiro, incentivo para dançar. É difícil, é difícil, a gente gosta, a gente está aqui porque gosta, porque ama, porque ama a querência, gosta de dançar, mas é difícil, porque a gente tem que abrir mão de coisas para ter outras, digamos assim, para estar aqui (J6, 22. Nov. 2012, p. 2).

> Eu tenho certeza que influencia, tanto de maneira positiva, quanto de maneira negativa. Positiva porque a gente faz o que gosta, está entre amigos, está convivendo com pessoas que a gente quer estar perto, quer estar junto. E de maneira negativa [...] a gente abre mão de passear no final de semana, de estudar, de ter um momento com a família para estar no CTG, para estar dançando, para estar ensaiando. Eu vejo dessa forma (J4, 22. Nov. 2012, p. 3).

> [...] tem o lado positivo e o lado negativo. O positivo é a atividade física que a gente tem quando a gente está ensaiando, quando a gente se reúne o grupo todo para a gente poder conversar, sair, se divertir entre o grupo. E a parte ruim é isso, que quando a gente entra para o CTG a gente firma um

> compromisso, né? E muitas vezes a gente tem que largar mão de viajar com os amigos, ir para uma balada com os amigos, porque a gente está aqui ensaiando, com o que a gente se comprometeu que é dançar (J5, 22. Nov. 2012, p. 3).

Fica claro, que o fato de comprometerem-se com as atividades artísticas nas quais representarão o Centro gera compromisso, que origina outras consequências em ambientes externos ao Centro, como na família por exemplo. Esses compromissos dizem respeito a uma das escolhas desses indivíduos, dentre as várias que o ser humano necessita fazer no dia a dia, tendo em vista que as escolhas fazem parte da vida do homem e o acompanham em todas as suas experiências emocionais, implicando em abdicar outras opções (ALMEIDA; PINHO, 2008). Porém, apesar das consequências desagradáveis em algumas situações, observa-se que as declarações acerca dos benefícios trazidos pela participação no Centro, são unânimes entre os pesquisados.

4.4 A participação no CTG e o reflexo na vida familiar dos participantes da pesquisa

Nos relatos de alguns adolescentes e jovens foram mencionadas algumas dificuldades enfrentadas com a família, relacionadas à participação no CTG, especialmente no que diz respeito aos horários dos compromissos e às constantes idas e vindas ao Centro para os ensaios. Apesar dessa constatação, verifica-se, conforme mencionado no item anterior, que de modo geral, os participantes da pesquisa percebem que a participação nas atividades do CTG Nova Querência, influencia positivamente em sua vida familiar. Uns com mais intensidade, outros com menos.

Alguns dos aspectos positivos que se sobressaem nas narrativas dos adolescentes e jovens são: o fato de estarem participando de atividades culturais e educativas; o fato do CTG representar um ambiente seguro; a possibilidade de dialogar com seus pais, compartilhando do mesmo espaço e de atividades sociais em clima familiar, ou mesmo em casa, contando como as coreografias e os encontros acontecem no Centro e o fato de estarem fazendo parte de grupos os quais consideram positivos para seu processo de formação e de convivência social. Isso se evidencia nos seguintes relatos:

> Pra mim, a relação entre os filhos e os pais fica boa porque a gente fica entusiasmado para mostrar para os pais como vai ficar, como está a apresentação, as novas músicas... assim a gente passa a interagir mais com os pais e eles com a gente (A1, 14. Nov. 2012, p. 5).
>
> Eu acho que ajuda a eu falar mais com meus pais, porque eu não falo muito essas coisas... Agora eu falo dessas coisas de apresentação... eu gosto de mostrar os novos passos, eu fico mostrando... às vezes ela nem olha, mas eu mostro de qualquer jeito (A8, 14. Nov. 2012, p. 5).
>
> [...] Se você é um adolescente que não faz nada, às vezes você tem uns conflitos, umas brigas com os pais, mas se você faz alguma atividade, você se empenha para mostrar aquilo, você acaba conversando, se entretendo mais com os pais, eu acho que isso ajuda muito na relação familiar (A7, 14. Nov. 2012, p. 5)
>
> Eu acredito que sim, até porque eu frequento o CTG junto com a minha família, aí, meus pais, minha família já está vendo o que eu faço, estão sempre junto comigo e isso ajuda bastante. Estar sempre junto, harmonia entre a família (J2, 22. Nov. 2012, p. 4)
>
> [...] quando a gente nasce, cresce, vai crescendo, vai se tornando adolescente, adulto, etc, a gente sempre vai procurando grupos, né? Grupos. Eu procurei o grupo de dança. Eu busquei a dança e tem jovens que procuram outros caminhos, né? Então, eu acho que como é do nosso instinto, é da gente, jovens, buscar grupos, né? Grupos de amigos, grupos da dança, grupos musicais. Eu acho que a minha família gosta porque sabe que aqui é um lugar familiar, que é um lugar aconchegante, que aqui tem os meus amigos e estamos entre família (J6, 22. Nov. 2012, p. 4).

Observa-se, portanto, que esses adolescentes e jovens, percebem as consequências positivas em suas relações com os pais, pelo fato de frequentarem o CTG. Há que se considerar também, o empenho despendido pelos pais para que os filhos participem das atividades no Centro, uma vez que o entendem como ambiente seguro e educativo. Ademais, fazer parte dos grupos de dança gera a necessidade de uma organização do tempo dos pais para levá-los aos ensaios, bem como a disponibilidade de recursos financeiros para a aquisição do figurino para as apresentações, artigos geralmente bastante onerosos, mas essas dificuldades são minimizadas pelos familiares.

Nesse contexto, há que se considerar que a organização de ambientes favoráveis para o desenvolvimento das crianças, permite-lhes protegê-las de situações ameaçadoras a que habitualmente podem estar expostas (CIA; PAMPLIN; DEL PRETTE, 2006), isso se aplica também aos adolescentes e jovens e poderá

promover o diálogo entre pais e filhos, conforme verificado anteriormente em suas afirmativas. Esse sentimento é compartilhado pelos pais, conforme se constata a seguir:

> [...] Só o fato de os meus filhos serem adolescentes, me acompanharem, acompanharem a mim e ao meu marido, em todos os lugares... Onde a gente vai eles estão com a gente. Eles poderiam estar em outro lugar [...]. Eles poderiam escolher outros amigos, outros lugares, mas eles preferem trazer os amigos pra cá, estar junto da nossa família, então, essa influência de gostar daqui também, traz os filhos "pra" próximo dos pais. Hoje em dia é muito difícil. [...] É muito difícil hoje você controlar um adolescente, uma criança. Elas já nascem com uma personalidade muito forte e quando você se torna uma referência, você mostra que aqui é bom, que eles podem trazer outras pessoas para esse local que é bom... Ele acaba aprendendo um caminho muito mais justo, muito mais... sabe? Que a família é a base de tudo. Então, aqui no CTG, participamos juntos. Vem todo mundo junto, se tiver que dançar, dança todo mundo junto, se tiver que brigar, briga todo mundo junto, resolve tudo junto. Esse fator é extremamente importante para os nossos filhos. Eles estarem perto. [...] Os nossos filhos têm que nos dar oportunidades da gente poder orientar eles. Muitos filhos não se abrem, não falam com os pais. Então, só o fato deles estarem perto da gente, num ambiente que tem outras pessoas, que têm outra cultura, com outras ideias diferentes, é maravilhoso (P6, 27. Nov. 2012, p. 5-6).

> Traz sim, porque aqui os filhos têm orgulho de vir com os pais, de braços dados e entrar junto. Enquanto que se eles vão em outra festa, como já aconteceu, eles chegam e dizem: "- Mamãe, a senhora já pode voltar daqui, porque eu vou ficar com os meus amigos". Aqui jamais. Aqui eles vão dizer: "- Mamãe, vamos lá com os "nossos" amigos". Aqui então, você senta; uma, duas, três famílias na mesa que é a família; não é o jovem, ou os pais. Então, essa é a diferença [...]. É a oportunidade que você tem de conversar com a sua família, com os amigos, conhecer os amigos deles. Então eles acabam trazendo os outros amigos pra cá. Então isso é muito bom, porque é o momento que você tem para conversar com seus filhos, que às vezes você não tem na sua casa. Aqui você tem tempo. Você senta, conversa, almoça, janta, ou fica mesmo simplesmente conversando. Então, aqui é um ambiente bem familiar (P1, 27. Nov. 2012, p. 6).

Cia, Pamplim e Del Prette (2006) asseguram que um ambiente acolhedor é capaz de promover uma comunicação adequada entre pais e filhos, auxiliando na diminuição das possibilidades desses apresentarem problemas de comportamento, bem como na promoção de uma melhor interação social deles com seus pares. Stengel (2011) ressalta a adolescência como um momento importantíssimo na vida de uma pessoa, sendo as experiências vividas nesse período, decisivas para o seu futuro.

A autora afirma: ‘‘O tempo da adolescência é mais do que um tempo cronológico, ele é o momento da realização das tarefas psíquicas que levam os adolescentes à elaboração de nova identidade: a identidade de adulto” (STENGEL, 2011, p. 505-506). Daí a importância, dos adultos propiciarem às crianças, adolescentes e jovens, espaços e momentos de integração em clima de afetividade, diálogo e lazer, especialmente em família, tendo em vista que essa vivência repercutirá positivamente em vários aspectos, para todos os membros desse grupo.

Não somente entre os mais jovens, mas também para a pessoa adulta, as experiências familiares cotidianas positivas exercem papel fundamental para a sua saúde mental, para a boa integração social, para o estímulo ao desenvolvimento da personalidade e consequentemente à satisfação pessoal de modo geral. De maneira inversa, os desgastes familiares podem trazer sintomas como a ansiedade, depressão e dificuldades nos relacionamentos interpessoais (ZIMERMAN apud LINS; NUNES; VASCONCELOS, 2010).

Observa-se, deste modo, que os participantes da pesquisa, buscam na dança, nas festas e nos momentos de integração no Centro, promover momentos de lazer, de diálogo, de interação e diversão que repercutem em seu bem-estar e na convivência do lar, conforme se evidencia nos seguintes relatos:

> [...] Influenciou muito e acho que a nossa qualidade de vida, com o advento da gente participar das invernadas do CTG, a nossa qualidade de vida familiar aumentou muito. O fato de dançar, do casal dançar é muito bom, porque aproxima muito a gente. As querelas que a gente tem, a gente aproveita e rasga tudo ali no salão (risos). E acho que isso tudo ajuda a gente [...] (X1, 29. Nov. 2012, p. 7).

> Na verdade, sempre trouxe benefícios. Pra começar, eu conheci minha esposa aqui no CTG, onde a gente se conheceu e estamos até hoje, há 23 anos juntos. Os nossos filhos se sentem bem. Todos os benefícios possíveis da vida familiar. Os filhos gostam, a gente gosta e é o lugar onde a gente se sente bem (P2, 27. Nov. 2012, p. 7).

> Essa questão de família foi muito boa. Reuniu mais a minha família. A minha mãe dança na invernada Xirua, eu danço com a minha esposa, tem o meu irmão que também está dançando, meu filho também dança. Então isso aí, fora as outras... minhas sobrinhas e os outros agregados, e os outros amigos. Então a gente faz uma família muito grande aqui no CTG. Isso a gente leva pra casa com o maior prazer do mundo. De vez em quando se reúne na casa de um, na casa de outro, e com isso aí vai indo. Então essa que é a integralidade, a união do CTG faz com que isso ocorra... família muito grande que é o nosso CTG mesmo (X2, 29. Nov. 2012, p. 7-8).

> Influencia. Influencia. Agora eu “tô” dançando. Eu nunca dancei na minha vida. Agora “tô” eu e o meu esposo aí dançando. Volta e meia a gente “tá” em casa também ensaiando. Volta e meia a gente dançando, a gente dá uma pegada, de vez em quando a gente se pega dançando volta e meia (risos). Tem o meu filhinho dançando. Tenho três sobrinhos que dançam. Então assim... todo mundo...Tem a minha sogra, tem o meu cunhado. Então, “tá” todo mundo ali junto dando risada. Se encontra fora e dá risada. Fala o que o outro errou, que o outro fez isso que o outro fez aquilo, então estamos sempre juntos. Sempre, sempre, sempre. É bom (X4, 29. Nov. 2012, p. 8).

Concorda-se com Lins, Nunes e Vasconcelo (2010, p. 158), quando afirmam que: “A busca do bem-estar, motor do desenvolvimento humano, está diretamente relacionada com as experiências mais precoces do sujeito em sua família [...]”. Dessa maneira, compreende-se que a família é a responsável social mais importante por facilitar o bem-estar dos indivíduos que dela fazem parte, gerando e promovendo a sua saúde mental, física e emocional. Por meio de relações positivas, afetivas, do acolhimento, do permitir-se estar junto, compartilhando experiências e vivências, dialogando e mesmo lidando com conflitos, os indivíduos se fortalecem mutuamente, aprendendo a ser e a conviver, num processo que lhes permitirá serem mais livres, mais autoconfiantes e felizes. Esses sentimentos, conhecimentos e posturas tendem a se irradiar em suas demais teias de convivência, como que num ciclo virtuoso, influenciando positivamente os demais grupos sociais.

5 QUALIDADE DE VIDA DOS PARTICIPANTES DO CTG NOVA QUERÊNCIA A PARTIR DO INSTRUMENTO *WHOQOL-BREF*

Na sequência, são abordadas as questões evidenciadas nas respostas ao instrumento *WHOQOL-Bref*, que dizem respeito à qualidade de vida dos participantes do CTG Nova Querência de Boa Vista-RR, com idade igual ou superior a dezoito anos, bem como a relação entre a qualidade de vida de sulistas e não sulistas, participantes das atividades do Centro.

A população analisada foi composta por 48 participantes do CTG Nova Querência, sendo 29 sulistas e 19 não sulistas. A maioria dos sulistas é do sexo masculino (68,96%) e a maioria dos não sulistas é do sexo feminino (57.89%). A faixa etária dos sulistas é de 49,50 ±2,67 anos e dos não sulistas é de 34,16 ±2,74 anos. Os sulistas participam do CTG há 16,98 ±1,75 anos enquanto que os não sulistas participam há 15,32 ±1,94 anos.

Os questionamentos sobre qualidade de vida atribuem um escore para quatro domínios: físico, psicológico, social e ambiental. Para melhor compreensão das pontuações, a escala foi divida em cinco itens, seguindo a proposta de Padrão apud Koetz (2011, p. 52): Péssimo: 0 a 20; Ruim: 21 a 40; Nem ruim, nem boa: 41 a 60; Boa: 61 a 80 e Muito Boa: 80 a 100. O percentual de indivíduos de acordo com os escores, por domínio, pode ser observado no Gráfico 01.

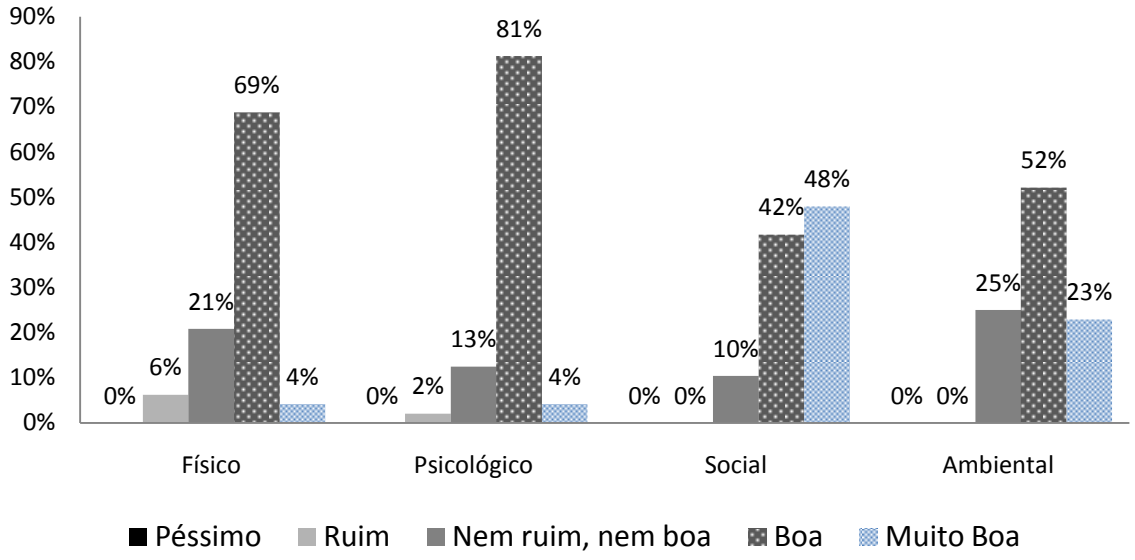

Gráfico 01 – Percentual de distribuição dos escores de qualidade de vida de acordo com os domínios analisados

Fonte: pesquisa realizada pela autora.

As médias das respostas dos participantes do CTG para o instrumento *WHOQOL-Bref* apontam para uma boa qualidade de vida em todos os domínios analisados, sendo que o maior escore encontra-se no domínio social e o menor, no domínio físico.

O domínio físico, avaliado com a menor média: 63,47 ±1,55; determina a percepção em relação à dor, necessidade de tratamento médico, a energia e capacidade para realizar as atividades do dia a dia, capacidade de locomoção e para o trabalho e sono. Apesar de ter sido identificado o menor escore nesse aspecto, essa média aponta para uma qualidade de vida considerada boa.

Para identificação do escore de qualidade de vida no que diz respeito ao aspecto ambiental, foi solicitado aos participantes da pesquisa que avaliassem questões como: sua sensação de segurança no dia a dia, se o ambiente físico no qual convivem (poluição, clima, barulho) pode ser considerado saudável, se a quantidade de dinheiro de que dispõem é suficiente para satisfazer suas necessidades, bem como o quanto os mesmos têm oportunidades para o lazer. Foram questionados também, sobre o quanto estão satisfeitos com as condições do local onde moram, com o acesso aos serviços de saúde e aos meios de transporte. Este aspecto obteve média 69,25 ±1,88, apontando para uma qualidade de vida boa.

Para identificar o escore de qualidade de vida em relação aos aspectos

psicológicos, os participantes do CTG Nova Querência foram questionados sobre o quanto consideram que aproveitam a vida, o quanto a sua vida tem sentido, se o entrevistado consegue se concentrar, além da sua percepção sobre a aceitação em relação à sua aparência física, se está satisfeito consigo mesmo e a frequência que percebe ter sentimentos como desespero e ansiedade. Nesse aspecto, a qualidade de vida dos participantes do CTG Nova Querência também foi considerada boa, com uma média de 69,81 ±1,44.

Em relação ao domínio social, no qual os participantes registraram os maiores escores, com uma média de 79,08 ±2,03, foi questionado sobre sua satisfação com suas relações pessoais (amigos, parentes, conhecidos, colegas), o quanto estão satisfeitos com sua vida sexual e o quanto estão satisfeitos com o apoio que recebem dos amigos. Na sequência, questões relacionadas ao aspecto social e consequentes contribuições para o aperfeiçoamento do bem-estar humano serão melhor discutidas, reforçando algumas ideias apresentadas anteriormente, especialmente no que tange às relações pessoais e ao apoio recebido pelos amigos.

Segundo Bee (1997), vários autores como Piaget e Freud, dentre outros, defendem que, no início do desenvolvimento humano, não existe uma separação do outro e do eu (*self*). Esse outro pode ser entendido como objeto do *self*, tendo como função única, o atendimento às suas necessidades. A mesma autora assevera, porém, que no decorrer do processo de desenvolvimento do indivíduo há o estabelecimento da percepção de seu próprio corpo como algo distinto dos objetos, como um corpo existente entre outros corpos que também vivem, como o pai e a mãe, por exemplo.

Dessa maneira, o indivíduo vai se formando e se construindo, porém, sua existência só é possível num processo de encontro com o outro, pois ele é uma criação da humanidade, uma criação do outro. Somente haverá indivíduo, se houver ‘grupos’ de indivíduos. Nesse sentido, todos os componentes do grupo social, participam ativamente e são necessários para a formação do indivíduo, visto que as relações sociais, as formas de se viver coletivamente, norteiam a construção humana (GÓES, 2000; MAHEIRIE, 2002; SOUSA; CERQUEIRA-SANTOS, 2011).

Considera-se, contudo, a dinamicidade e a unicidade de cada indivíduo. O homem edifica seu existir, agindo sobre a realidade, objetivando a satisfação de suas necessidades. Por meio de sua ação, o indivíduo cria suas condições de

existência e transforma a realidade objetiva em realidade humana (AGUIAR, 2000; MAHEIRIE, 2002). Nessa dinâmica, ele transforma-se a si próprio e tem influência sobre o meio em que vive. Nesse sentido: “Homem e sociedade vivem [...] uma relação de mediação, em que cada pólo expressa e contém o outro, sem que nenhum deles se dilua no outro ou perca sua singularidade” (AGUIAR, 2000, p. 127).

A partir dessa relação intrínseca e dinâmica, cada sujeito, que é singular e histórico, também é constituído pelo outro por meio dos encontros e desencontros, da negociação e do confronto, em busca de um espaço de entendimento, de um espaço comum, de significação e produção de sentidos para o viver e para o mundo. Essa consciência sobre o mundo social e físico se dá pelo pensar, pelo agir, pelo sentir e sonhar, devendo a ética nortear todo esse processo, como condição necessária à vida em sociedade (SAWAIA, 2006). “A emoção deve, portanto, ser vista como dimensão fundamental da consciência, um de seus elementos constitutivos, ao lado da linguagem e do pensamento” (AGUIAR, 2000, p. 134).

Nessa perspectiva, levam-se em consideração os relatos dos participantes desta pesquisa, quando afirmam sobre a satisfação e sobre as emoções que sentem quando da participação nas atividades sociais no CTG Nova Querência, principalmente dos contatos sociais que se estabelecem, dos laços afetivos que se constroem nessas dinâmicas. Os dados constantes na aplicação do instrumento *WHOQOL-Bref*, corroboram essa constatação.

Considera-se nesse contexto, que a qualidade de vida positiva no aspecto social, dos participantes dessa comunidade, se dá também pelo contágio das emoções ali vivenciadas. Segundo um estudo realizado nos Estados Unidos por Fowler e Christakis no período de 1983 a 2000 com 4.739 indivíduos (SOUSA; CERQUEIRA-SANTOS, 2011), que tinha como objetivo avaliar se a felicidade contagia as pessoas que fazem parte de uma rede social, foi verificado que havia pessoas felizes e infelizes na rede e que existia relação no que dizia respeito à felicidade delas. Constataram que “[...] uma pessoa tem aproximadamente 15% mais probabilidade de ser feliz se alguém diretamente conectado a ela [...] estiver feliz” (SOUSA; CERQUEIRA-SANTOS, 2011, p. 58).

Porém, os mesmos autores consideram que o aprimoramento da felicidade se dá também pela própria vivência do relacionamento, significando que o fato por si só de se ter um amigo, uma pessoa com quem se possa contar e confiar, já torna a

pessoa feliz independente do contágio da emoção de seus pares. Ademais, Lejarraga (2010) faz uma comparação sobre as diferentes formas de se relacionar, com um amor, com a família e com um amigo. Ela afirma:

> Enquanto o amor pode não ser correspondido, a amizade exige sempre alguma forma de reciprocidade, já que aponta para uma relação igualitária. As relações de amizade são livres e não são obrigatórias como os laços familiares. Embora a escolha amorosa seja também livre, gera mais compromissos e obrigações que a amizade (LEJARRAGA, 2010, p. 87).

Portanto, por meio das relações sociais positivas e das amizades construídas a partir dessas relações, os indivíduos recebem apoio social, sentindo-se amados e respeitados e aperfeiçoando sua qualidade de vida. O apoio, ou suporte social diz respeito aos "[...] aspectos positivos das relações sociais, como o compartilhar informações, o auxílio em momentos de crise e a presença em eventos sociais" (ANDRADE; VAITSMAN, 2002, p. 928). Nesse contexto, julga-se importante mencionar a relação que Zygmunt Bauman (2011) faz entre o fato do indivíduo se sentir amado e seu amor-próprio. Ele afirma:

> [...] para ter amor-próprio, precisamos ser amados ou ter a esperança de ser amados. A recusa do amor – uma censura, uma rejeição, uma negação do *status* de objeto digno de amor – gera *ódio-próprio. O amor-próprio é feito do amor oferecido a nós pelos outros.* Os outros têm de nos amar primeiro, para que possamos começar a amar a nós mesmos (BAUMAN, 2011. p. 40).

Sentir-se amado, segundo o autor, significa sentir-se respeitado, pelo que se é, pelo que se faz e pela maneira como se pensa. É perceber que existe interesse do interlocutor pelo que é falado, e que esse interlocutor está disposto e aberto ao diálogo, disponível a responder e compartilhar suas ideias com interesse pelo que está ouvindo. É sentir que a nossa existência faz diferença, que nós fazemos diferença, que merecemos ser queridos e cuidados (BAUMAN, 2011).

O cuidado que oferecemos e que necessitamos receber é um sentimento e uma atitude que faz sentirmo-nos pertencentes ao grupo e à vida dos pares que nos são caros, da mesma maneira que os sentimos fazendo parte de nossas vidas. "Cuidar e ser cuidado são duas demandas fundamentais de nossa existência pessoal e social" (BOFF, 2012, p. 29). Cuidar nesse sentido é participar e sentir satisfação pelos sucessos do outro, auxiliar em suas dificuldades e batalhas, bem como perceber esse mesmo sentimento e essa mesma atitude por parte do outro. O

cuidar e ser cuidado nessa perspectiva garante e amplia a humanidade do indivíduo (BOFF, 2012). Fazendo menção a Winnicot, o mesmo autor afirma:

> A dupla ser cuidado e cuidar constitui a energia fontal e seminal que vai construir, ao longo do tempo e do espaço, a humanidade do ser humano. O cuidado aparece, então, como uma atitude amorosa, acolhedora e envolvente (BOFF, 2012, p. 58).

Ademais, nas relações mais amistosas, ou nos vínculos de amizade, existe um zelo e uma consideração maior com o outro, levando o indivíduo a procurar reparar possíveis equívocos e prejuízos causados ao seu par, devido às diferenças pessoais. Não se desconsidera, porém, que discordâncias e conflitos fazem parte do conviver humano. “De alguma forma, o círculo benigno de machucar e reparar, de sentir raiva, atacar e cuidar, está sempre se repetindo, de diversos modos, nos vínculos afetivos construtivos e duradouros” (LEJARRAGA, 2010, p. 96).

Observa-se, portanto, que os relacionamentos sociais dizem respeito a um processo duradouro de frequentes interações entre indivíduos, mantendo determinado padrão, e que está envolto por sentimentos positivos e negativos, nos quais o sujeito percebe o outro e se percebe, havendo com seus diversos pares, distintos níveis de afetividade (ERBOLATO apud RESENDE et al., 2006). Nesse contexto, concorda-se com Nogueira (2001), quando afirma que por meio das relações sociais significativas há o desenvolvimento do *self*, sendo que essas relações dão sentido às experiências pessoais e oferecem apoio, requisitos fundamentais no processo de adaptação, principalmente em momentos de transição da vida adulta.

Como mencionado anteriormente, a desterritorialização dos sulistas de seus Estados de nascimento, lhes trouxe várias perspectivas, dentre elas a transição de uma forma de vida para outra na qual tiveram que se adaptar. Sendo um dos objetivos desse estudo, identificar se há diferença entre a qualidade de vida de sulistas e não sulistas participantes do CTG, constatou-se por meio dos dados coletados, que não há diferença estatística significativa nas médias de qualidade de vida, nos domínios físico, psicológico, social e ambiental entre esses dois grupos. A média de qualidade de vida tanto de sulistas, quanto de não sulistas foi maior no domínio social, sendo que os não sulistas apresentaram uma média de 82.68 ±2,96 e os sulistas, a média foi 76.72 ±2,69.

Em ambos os grupos, a qualidade de vida no domínio físico foi a que

apresentou menores escores. A média da qualidade de vida nesse domínio dos não sulistas foi 63.15 ±1,89 e dos sulistas foi 63.67 ±2,73. No domínio psicológico a média de qualidade de vida dos não sulistas foi 70,39 ±2,21 e dos sulistas, 69,42 ±1,92. Já no domínio ambiental, a média de qualidade de vida dos não sulistas foi 69,50 ±3,07 e os sulistas apresentaram média de 69.07 ±2,42.

Portanto, pode-se considerar que tanto os sulistas quanto os não sulistas que frequentam o CTG Nova Querência e que participaram desta pesquisa, apresentaram boa qualidade de vida, de forma geral.

6 CONCLUSÕES

Sendo o objetivo principal desse estudo, identificar a qualidade de vida dos participantes do CTG Nova Querência de Boa Vista nos aspectos físico, psicológico, social e ambiental, verificando a influência desse ambiente nesse processo, constatou-se que os participantes da pesquisa com idade igual e superior a dezoito anos, por meio da aplicação do instrumento *WHOQOL-Bref*, apresentaram uma boa qualidade de vida em todos os domínios analisados. Observa-se que, apesar da qualidade de vida ter sido apontada como boa em todos os domínios, o domínio físico apresentou menor escore, enquanto que o domínio social se destacou entre os demais, apresentando um escore maior.

Não houve diferença estatística significativa entre os escores de qualidade de vida dos sulistas e não sulistas. Os mesmos aspectos foram melhores avaliados e piores avaliados nos dois grupos, ou seja, a média da qualidade de vida do domínio social se apresentou como maior e no domínio físico se apresentou como menor nos dois grupos.

Constatou-se também, que os participantes do CTG Nova Querência de Boa Vista-RR que fizeram parte desse estudo e têm idade entre 11 e 69 anos, consideram que aquele ambiente influencia positivamente em sua qualidade de vida de maneira geral, tanto em sua saúde física e emocional, quanto repercutindo nas relações familiares e sociais. O sentimento de pertencimento e de apego àquele ambiente foi mencionado por vários participantes do estudo, que o compararam com sua própria casa. Relataram que no CTG eles se sentem seguros e acolhidos, pertencentes a um grupo social, que de modo geral lhes apoia, fazendo parte de sua vida, de seu cotidiano, fazendo com que reconheçam aquele ambiente, como um lugar favorito, o que lhes proporciona bem-estar. Portanto, as hipóteses levantadas

inicialmente nesse estudo, foram confirmadas.

Além dos benefícios proporcionados tanto em nível fisiológico por poderem desfrutar de um ambiente no qual se sentem bem, se sentem alegres, participando de atividades que lhes proporcionam prazer e lhes desestressam, favorecendo a contemplação dos próprios sentimentos, o grupo estudado demonstrou reconhecer que qualidade de vida significa além de se ter acesso, com qualidade aos bens e serviços para atendimento das necessidades básicas como educação, segurança, moradia, emprego, infraestrutura, serviços de saúde, entre outros, também é ter saúde, ser feliz, estar bem, sobretudo ao lado do outro e em família. Em suma, os participantes da pesquisa demonstraram considerar que o 'ser' apresenta-se como ingrediente indispensável e preponderante ao 'ter'.

Diante das evidências emergentes da pesquisa, concluiu-se que os CTGs, mais especificamente o CTG Nova Querência de Boa Vista, é uma comunidade de sentidos que auxilia na promoção e manutenção da qualidade de vida positiva de seus participantes, sejam eles sulistas ou não sulistas. No caso dos sulistas, por ser um local que além de ser considerado como favorito por muitos dos pesquisados, principalmente por poderem estar entre amigos e familiares, em ambiente que consideram seguro em todos os aspectos, proporciona a possibilidade desses sujeitos manterem vivas as tradições, revivendo-as, compartilhando-as, valorizando-as e deixando-as como herança para seus filhos.

Para os não sulistas, é uma forma de igualmente aos sulistas, ampliar sua rede social, participando de um processo de interação e de aprendizado numa via de mão dupla, na qual ao mesmo tempo em que aprendem alguns aspectos de uma cultura diferente da sua, também ensinam, acolhendo, respeitando, fazendo parte e admirando a tradição gaúcha, mas também deixando seus traços culturais, num processo dinâmico.

Reitera-se, portanto, que a busca por uma qualidade de vida positiva é responsabilidade de todos. Além do dever do Estado em implementar políticas públicas e agir de maneira ética, aplicando recursos para garantir a todos os indivíduos, o acesso a bens e serviços com qualidade, cada pessoa e a sociedade de modo geral deve se empenhar no sentido de promover ações que melhorem a qualidade de vida individual e coletiva da sociedade. Os sulistas, especialmente os gaúchos e os que a eles se uniram, desde antes de 1981, quando da fundação do

CTG Nova Querência até a atualidade, estão fazendo sua parte. Mobilizam-se e lutam pela conquista e manutenção de um lugar no qual possam se encontrar, se confraternizar, aprender, compartilhar sua cultura, se divertir e acolher, buscando se sentirem mais ativos, felizes e realizados.

Espera-se, nesse sentido, que os sujeitos que compõem o processo multicultural do Estado de Roraima, ampliem sua cultura de participação e valorização das atividades físicas, culturais e sociais desenvolvidas em ambientes como o CTG e que as pessoas que compõem a sociedade do CTG Nova Querência se unam cada vez mais para a garantia e fortalecimento da preservação dos princípios que regem os CTGs, de maneira a assegurar a continuidade e ampliação desse ambiente plural e educativo.

Pois, pelas evidências, constatou-se, que a participação nesse ambiente e nas atividades por ele oferecidas proporcionam bem-estar aos indivíduos, alegria, melhores relações interpessoais na família e em outros grupos de convivência. Provavelmente esses fatores contribuirão para a diminuição pela procura por serviços de saúde, melhoria da autoestima, maior produção nos ambientes de trabalho e como consequência, possibilitando aos indivíduos terem melhor qualidade de vida, irradiando esse sentimento em suas teias de convivência social.

REFERÊNCIAS

A1 – Entrevistado A1: **depoimento** [14 nov. 2012]. Entrevistador: Silvana Aparecida Mendes Matsdorff. Boa Vista (RR): s.e., 2012. Gravação em máquina digital.

A2 – Entrevistado A2: **depoimento** [14 nov. 2012]. Entrevistador: Silvana Aparecida Mendes Matsdorff. Boa Vista (RR): s.e., 2012. Gravação em máquina digital.

A6 – Entrevistado A6: **depoimento** [14 nov. 2012]. Entrevistador: Silvana Aparecida Mendes Matsdorff. Boa Vista (RR): s.e., 2012. Gravação em máquina digital.

A7 – Entrevistado A7: **depoimento** [14 nov. 2012]. Entrevistador: Silvana Aparecida Mendes Matsdorff. Boa Vista (RR): s.e., 2012. Gravação em máquina digital.

A8 – Entrevistado A8: **depoimento** [14 nov. 2012]. Entrevistador: Silvana Aparecida Mendes Matsdorff. Boa Vista (RR): s.e., 2012. Gravação em máquina digital.

ADM4– Entrevistado ADM4: **depoimento** [24 nov. 2012]. Entrevistador: Silvana Aparecida Mendes Matsdorff. Boa Vista (RR): s.e., 2012. Gravação em máquina digital.

ADM5– Entrevistado ADM5: **depoimento** [24 nov. 2012]. Entrevistador: Silvana Aparecida Mendes Matsdorff. Boa Vista (RR): s.e., 2012. Gravação em máquina digital.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. Reflexões a partir da Psicologia Sócio-histórica sobre a categoria consciência. **Cadernos de Pesquisa**, nº 110, jul, p. 125-142, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n110/n110a05.pdf>Acesso em: 20 jun. 2013.

ALBUQUERQUE, Anelise Salazar; TRÓCCOLI, Bartholomeu Tôrres. Desenvolvimento de Uma Escala de Bem-Estar Subjetivo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa,** Mai-Ago., Vol. 20, n. 2, p. 153-164, 2004. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v20n2/a08v20n2.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2013.

ALENCAR, Helenira Fonsêca de; FREIRE, José Célio. O lugar da alteridade na psicologia ambiental. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, [online], vol.7, n.2, p. 305-

328, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482007000200005&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 abr. 2013.

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; GUTIERREZ, Gustavo Luis; MARQUES, Renato. **Qualidade de vida:** definição, conceitos e interfaces com outras áreas, de pesquisa**,** São Paulo. 1. ed: Escola de Artes, Ciências e Humanidades– EACH/USP, 142p, 2012. Disponível em: <http:/www.each.usp.br/edicoes-each/qualidade_vida.pdf>. Acesso em: 15 set. 2013.

ALMEIDA, Maria Elisa Grijó Guahyba de; PINHO, Luís Ventura de. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, 2008 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652008000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 abr. 2013.

AMENDOLA, Fernanda; OLIVEIRA, Maria Amélia de Campos; ALVARENGA, Márcia Regina Martins. Influência do apoio social na qualidade de vida do cuidador familiar de pessoas com dependência. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 45, n. 4, Ago, 2011. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000400013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 abr. 2013.

ANDRADE, Gabriela R. B. de; VAITSMAN, Jeni. Apoio social e redes: conectando solidariedade e saúde. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro , v. 7, n. 4, 2002 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232002000400023&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 nov. 2013.

ARAÚJO, Denise Sardinha Mendes Soares de; ARAÚJO, Claudio Gil Soares de. Aptidão física, saúde e qualidade de vida relacionada à saúde em adultos. **Revista Brasileira Med. Esporte**, v. 6, n.5, p. 194-203, set-out, 2000. Disponível em: <http://www.cdof.com.br/07.PDF>. Acesso em: 29 mai. 2012.

ARGYLE, Michael; MARTIN, Maryanne. The psychological causes of Happiness. In. STRACK, Fritz; ARGYLE, Michael; SCHWARZ, Norbert (edited by). **Subjective Well-Being**: An Interdisciplinary Perspective. Oxford u.a. : Pergamon Press, 1st ed. v. 21, 1991. Disponível em: <http://opus.bibliothek.uni-wuerzburg.de/volltexte/2007/2170/pdf/subjwellbeing.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2013.

ASSUMPÇÃO, Luis Otávio Teles; MORAIS, Pedro Paulo de; FONTOURA, Humberto. Relação entre atividade física, saúde e qualidade de vida. Notas Introdutórias. **Revista Digital**, Universidade Católica de Brasília, Buenos Aires, v.8, n.52, p.1-3, Set, 2002. Disponível em: http://www.efdeportes.com/efd52/saude.htm>. Acesso em: 15 jun. 2012.

AYRES, Manuel et al. **Bioestat** - aplicações estatísticas nas áreas das Ciências Biomédicas. 5.ed., Belém: Pará, 2007.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, p. 181-349, 1978.

BARBOSA LESSA, Luís Carlos. Porteira aberta. In. GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luis Augusto**.** (coord.). **Nós os gaúchos**. 2.ed. Porto Alegre: UFRGS, p. 72-76, 1993.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. Que oportunidade tem a ética no mundo globalizado dos consumidores? In: BAUMAN, Zygmunt. **A Ética é possível num mundo de consumidores?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 37-83, 2011.

BEE, Helen. **O ciclo vital**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário**: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Projeto Promoção da Saúde. **As Cartas da Promoção da Saúde** / Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Projeto Promoção da Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução CNS nº 196/96**. **Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/bioetica/res19696.htm>. Acesso em: 06 mai. 2012.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988: atualizada até a Emenda Constitucional número 70 de 29 de março de 2012. Senado Federal. Secretaria Especial de Editoração e Publicações. Subsecretaria de Edições Técnicas. Brasília. 2012. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_29.03.2012/CON1988.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2012.

BRASIL, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE**; Informação Demográfica e Socioeconômica número 27 - Síntese de Indicadores Sociais - Uma Análise das Condições de Vida da População Brasileira, 2010**. Disponível em: < http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsociais2010/SIS_2010.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2013.

BRIGAGÃO, Clóvis; RODRIGUES, Gilberto. **Globalização a olho nu.** O mundo conectado, São Paulo: Moderna, 1999.

BRUM, Ceres Karam. Tradicionalismo e educação no Rio Grande do Sul. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n.138, p. 775-794, set- dez., 2009. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/cp/v39n138/v39n138a05.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2012.

BUSS, Paulo Marchiori. Promoção da saúde e qualidade de vida. **Revista Ciência e**

Saúde Coletiva, v.5, n.1, p.163-177, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v5n1/7087.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2012.

BUSS, Paulo Marchiori. Saúde, sociedade e qualidade de vida. **FIOCRUZ**, [texto digital] Disponível em: <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=34&sid=8>. Acesso em: 03 abr. 2013.

BUSS, Paulo Marchiori; PELLEGRINI FILHO, Alberto. A saúde e seus determinantes sociais. **PHYSIS: Revista Saúde Coletiva**, RJ, v.17, n.1, p. 77-93, 2007. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/saudeedeterminantessociais_artigo.pdf >. Acesso em: 06 jun. 2012.

CABRAL, Luiz Otávio. Revisitando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica. **Revista de Ciências Humanas,** Florianópolis, v. 41, n. 1 e 2 abr./out. p. 141-155, 2007.

CAMPBELL, Angus. Subjective Measures of Well-Being**. American psychologist**. feb. p. 117-124, 1976.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARTA DE OTAWA, [texto digital], Otawa, 1986. Disponível em: <http://www.mp.ba.gov.br/atuacao/cidadania/gesau/legislacao/internacionais/carta_ottawa.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2013.

CARVALHO, Sérgio Resende. **Saúde coletiva e promoção à saúde**: uma reflexão sobre os temas do sujeito e da mudança. 2002. 184f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva). Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas/Unicamp. Campinas/ SP, fevereiro, 2002. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000284868&fd=y>. Acesso em: 27 nov. 2013.

CARVALHO, Sérgio Resende; GASTALDO, Denise. Promoção à saúde e empoderamento: uma reflexão a partir das perspectivas crítico-social pós-estruturalista. **Ciência saúde coletiva,** [online], v.13, n.2, p. 2029-2040, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000900007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 mai. 2012.

CHEMIN, Beatris Francisca. **Manual da Univates para trabalhos acadêmicos**: planejamento, elaboração e apresentação. 2. ed. Lajeado: Univates, 2012. E-book. Disponível em: <www.univates.br>. Acesso em: 24 jun. 2012.

CIA, Fabiana; PAMPLIN, Renata Christian de Oliveira; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. Comunicação e participação pais-filhos: correlação com habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos, **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 35, Dez, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-

863X2006000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 Mai. 2013.

COIMBRA, José de Ávila. **O outro lado do meio ambiente.** São Paulo: CETESB/ASCETESB, 1985.

DACANAL, José Hildebrando. Origem e função dos CTGs**.** In. GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luís Augusto**.** (coord.). **Nós os gaúchos**. 2.ed. Porto Alegre: UFRGS, p. 81-90, 1993.

DAMATTA, Roberto. Nação e região: em torno do significado cultural de uma permanente dualidade brasileira. In: BORDINI, Maria da Glória; SCHÜLER, Fernando Luís (Orgs.). **Cultura e identidade Regional.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DESOUSA, Diogo Araújo; CERQUEIRA-SANTOS, Elder. Relacionamentos de amizade e coping entre jovens adultos. **Psic.: Teor. e Pesq**., Brasília , v. 28, n. 3, Set., 2012 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722012000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29 ago. 2013.

DRESSLER, William W.; BALIEIRO, Mauro Campos; SANTOS, José Ernesto dos. The cultural construction of social support in Brazil: Associations with health outcomes. **Culture, Medicine and Psychiatry**, n. 21, p. 303-335, 1997. Disponível em: <http://link.springer.com/article/10.1023/A%3A1005394416255#page-1>. Acesso em: 27 nov. 2013.

FASSINI, Edi. **Identidade Individual e Coletiva:** Percepções e Representações das Mulheres na sua Participação em um Clube de Mães no Interior do Rio Grande do Sul. 2010. 93 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) - Centro Universitário UNIVATES, Lajeado/RS, Abril, 2010.

FELIPE, Jane. O desenvolvimento infantil na perspectiva sociointeracionista: Piaget, Vygotsky, Wallon. In. CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E (orgs). Educação Infantil pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

FELIPPE, Maíra; KUHNEN, Ariane. O apego ao lugar no contexto dos estudos pessoa-ambiente: práticas de pesquisa**. Estudos de Psicologia**, Campinas. Outubro-Dezembro, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v29n4/v29n4a15.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2013.

FLECK, Marcelo Pio de Almeida. et al. Desenvolvimento da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da OMS (WHOQOL-100). **Revista Brasileira Psiquiatria**, v.21, n.1, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v21n1/v21n1a06.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2012.

FLECK, Marcelo Pio de Almeida. et al. Aplicação da versão em português do instrumento abreviado de avaliação da qualidade de vida “WHOQOL-bref”. **Revista Saúde Pública,** 34 (2): 178-83, 2000. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v34n2/1954.pdf>. Acesso em: 26 set. 2013.

FLECK, Marcelo Pio de Almeida. O instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (*WHOQOL-100*): características e perspectivas. **Revista Ciência e Saúde Coletiva,** [online], v. 5, n. 1, p. 33-38, 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/csc/v5n1/7077.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2012.

FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen. Lições de identidade presentes em livros didáticos de séries iniciais. **Educar**, Curitiba, n. 34, p. 201-213, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n34/12.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2012.

GASPAR, T.; RIBEIRO, J. L. Pais; MATOS, M. G. e LEAL, I. Promoção de qualidade de vida em crianças e adolescentes. ***Psicologia, Saúde & Doenças*** ,[online], vol.9, n.1, p. 55-71, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/psd/v9n1/v9n1a06.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2013.

GAUDÊNCIO, Mahayana Nava de Paiva; GAUDÊNCIO, Edmundo de Oliveira. Casa, uma casa, minha casa: cartografia afetiva do morar. In. SILVEIRA, Maria de Fátima de Araújo; SANTOS JUNIOR, Hudson Pires de O. (orgs.) **Residências terapêuticas**: pesquisa e prática nos processos de desinstitucionalização [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Disponível em: <http://static.scielo.org/scielobooks/pgwpg/pdf/silveira-9788578791230.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2006.

GLOBO RURAL. CTGs mantêm canções e danças tradicionais dos Pampas Gaúchos. **Globo.com,** 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/agronegocios/vida-rural/noticia/2012/02/cgts-mantem-cancoes-e-dancas-tradicionais-dos-pampas-gauchos.html>. Acesso em 17 mai. 2012.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. A formação do indivíduo nas relações sociais: Contribuições teóricas de Lev Vigotski e Pierre Janet. **Educação & Sociedade**, ano XXI, nº 71, Julho.2000. Disponível em:< http://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a05v2171.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2013.

GOMES, Romeu; DESLANDES, Suely Ferreira. Interdisciplinaridade na saúde pública: um campo em construção. **Revista Latino-americana. Enfermagem,** Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 103-114, jul. 1994 . Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v2n2/v2n2a08.pdf>. Acesso em 28 mai. 2012.

GUEDES, Dartagnan Pinto. Atividade física, aptidão física e saúde. In: CARVALHO, Tales de; SILVA, José Galdino Silveira da; GUEDES, Dartagnan Pinto (orgs). **Orientações básicas sobre atividade física e saúde para profissionais das áreas de educação e saúde**. Brasília: Ministério da Saúde e Ministério da Educação e do Desporto, 1ª ed. 1995. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001874.pdf>. Acesso em: 27

nov. 2013.

HÄDRICH, Wanise; RUSCHEINSKY, Aloísio. Educação ambiental para a qualidade de vida: suas conexões com o social, a estética e a saúde. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá/MT, v. 16, n. 30, p. 45-61, jan-abr. 2007. Disponível em: <http://www.ie.ufmt.br/revista/arquivos/ED_30/9_educ%20ambienta%20p%20quali%20vida.pdf>. Acesso em: 9 out. 2011.

HARTMANN, Luciana. Performances culturais: expressões de identidade nas festas da fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai**. Etnografia**, v.15, n. 2, p. 233-259, Jun. 2011. Disponível em: http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/etn/v15n2/v15n2a02.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2012.

HEIDMANN, Ivonete T. S. Buss.et al. Promoção à saúde: trajetória histórica de suas concepções. **Texto contexto - enferm.** [online], v.15, n.2, p. 352-358. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072006000200021&script=sci_arttext>. Acesso em: 06 jun. 2012.

HOWES NETO, Guilherme. **De bota e bombacha: um estudo antropológico sobre as identidades gaúchas e o tradicionalismo.** 2009. 134f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria/RS, 18. Dez. 2009.

HOUAISS, Antônio. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 4 ed. rev. e aumentada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

IBGE – Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio**, 2009.

IBGE, Diretoria de Pesquisas (DPE), Coordenação de População e Indicadores Sociais (COPIS). **BRASIL:Tábua Completa de Mortalidade** - Ambos os Sexos, 2010.

IRIGARAY, Tatiana Quarti; TRENTINI, Clarissa Marceli. Qualidade de vida em idosas: a importância da dimensão subjetiva**. Estudos de Psicologia**. (Campinas), Campinas, v. 26, n. 3, Set. 2009 . Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2009000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 abr. 2013.

J2– Entrevistado J2: **depoimento** [22 nov. 2012]. Entrevistador: Silvana Aparecida Mendes Matsdorff. Boa Vista (RR): s.e., 2012. Gravação em máquina digital.

J3– Entrevistado J3: **depoimento** [22 nov. 2012]. Entrevistador: Silvana Aparecida Mendes Matsdorff. Boa Vista (RR): s.e., 2012. Gravação em máquina digital.

J4– Entrevistado J4: **depoimento** [22 nov. 2012]. Entrevistador: Silvana Aparecida Mendes Matsdorff. Boa Vista (RR): s.e., 2012. Gravação em máquina digital.

J5– Entrevistado J5: **depoimento** [22 nov. 2012]. Entrevistador: Silvana Aparecida Mendes Matsdorff. Boa Vista (RR): s.e., 2012. Gravação em máquina digital.

J6– Entrevistado J6: **depoimento** [22 nov. 2012]. Entrevistador: Silvana Aparecida Mendes Matsdorff. Boa Vista (RR): s.e., 2012. Gravação em máquina digital.

KOETZ, Lydia Christmann Espindola. **Qualidade de vida de professores de instituições de ensino superior comunitárias: relações entre ambiente e saúde**. 2011. 76f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento). Centro Universitário UNIVATES. Lajeado/RS. 9. Dez. 2011.

LARAIA, Roque de Barros**. Cultura**: um conceito antropológico. 23. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LEAL, Carla Manuela da Silva. **Reavaliar o conceito de qualidade de vida.** Universidade dos Açores. 2008. Disponível em: <http://www.porto.ucp.pt/lusobrasileiro/actas/Carla%20Leal.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2012.

LEJARRAGA, Ana Lila. A noção de amizade em Freud e Winnicott. **Natureza Humana**, vol.12, n.1, pp. 1-20. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v12n1/v12n1a03.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2013.

LERVOLINO, Solange Abrocesi; PELICIONI, Maria Cecília Focesi. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde**. Revista da Escola de Enfermagem**, v.35**,** n.2, p. 115-121, jun. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v35n2/v35n2a03.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2012.

LIMA, Déborah Maia de; SILVA NETO, Norberto Abreu e. Danças brasileiras e psicoterapia: um estudo sobre efeitos terapêuticos. **Psicologia:** Teoria e Pesquisa, v.27, n.1 p. 41-48. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v27n1/a06v27n1.>. Acesso em: 15 jun. 2012.

LIMA, Deyseane; BOMFIM, Zulmira. Vinculação afetiva pessoa-ambiente: diálogos na psicologia comunitária e psicologia ambiental. **Psico.** Porto Alegre. PUCRS, v. 40, n. 4, p. 491-497, out./dez. 2009. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/4711/4936>. Acesso em: 09 abr. 2013.

LINS, Samuel Lincoln Bezerra; NUNES, Aline Vieira de Lima; VASCONCELO, Isabel. Escala de emoções vivenciadas em ambiente familiar - **BEAF. Arq. bras. psicol**., Rio de Janeiro , v. 62, n. 2. 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 29 ago. 2013.

LIPP, Marilda Emmanuel Novaes. Estresse emocional: a contribuição de estressores internos e externos. **Rev. Psiq. Clín**, v. 28, n. 6, p. 347-349, 2001. Disponível em: < http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol28/n6/artigos/art347.htm>. Acesso em: 27 nov. 2013.

LOPES NETO, J. Simões. **Glossário de termos gauchescos**. sd. Disponível em:<http://pelotas.ufpel.edu.br/glossario.html>. Acesso em: 07 jun. 2012.

MACEDO, Danielle. et al . O lugar do afeto, o afeto pelo lugar: o que dizem os idosos?**Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v. 24, n. 4, dez. 2008 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722008000400007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 abr. 2013.

MA1– Entrevistado MA1: **depoimento** [28 nov. 2012]. Entrevistador: Silvana Aparecida Mendes Matsdorff. Boa Vista (RR): s.e., 2012. Gravação em máquina digital.

MA2– Entrevistado MA2: **depoimento** [28 nov. 2012]. Entrevistador: Silvana Aparecida Mendes Matsdorff. Boa Vista (RR): s.e., 2012. Gravação em máquina digital.

MA4– Entrevistado MA4: **depoimento** [28 nov. 2012]. Entrevistador: Silvana Aparecida Mendes Matsdorff. Boa Vista (RR): s.e., 2012. Gravação em máquina digital.

MA6– Entrevistado MA6: **depoimento** [28 nov. 2012]. Entrevistador: Silvana Aparecida Mendes Matsdorff. Boa Vista (RR): s.e., 2012. Gravação em máquina digital.

MA7– Entrevistado MA7: **depoimento** [28 nov. 2012]. Entrevistador: Silvana Aparecida Mendes Matsdorff. Boa Vista (RR): s.e., 2012. Gravação em máquina digital.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Interações**, vol.7, n.13, p. 31-44. 2002. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/inter/v7n13/v7n13a03.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2013.

MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MARINHO, Alcyane. Atividade na Natureza, Lazer e Educação Ambiental: Refletindo sobre algumas possibilidades**. Motrivivência,** Revista de Educação Física, Esporte e Lazer. 2005. Disponível em: <http://journal.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/1184/1919>. Acesso em: 9 out. 2011.

MATSUDO, Sandra Mahecha; MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues; BARROS NETO, Turíbio Leite. Efeitos benéficos da atividade física na aptidão física e saúde mental durante o processo de envelhecimento. **Rev. Bras. Atividade Física e Saúde**, vol. 5, n. 2, 2000. Disponível em: <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/RBAFS/article/viewFile/1004/1158>. Acesso em: 27 nov. 2013.

MEZZAROBA, Orides; MONTEIRO, Cláudia Servilha. **Manual de metodologia da pesquisa no Direito**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2004.
MINAYO, Maria Cecília de Souza. Interdisciplinaridade: Funcionalidade ou utopia? **Saúde e Sociedade**, v.3, n.2, p.42-64. 1994. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v3n2/04.pdf>. Acesso em 28 mai. 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; HARTZ, Zulmira Maria de Araújo.; BUSS, Paulo Marchiori. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.5, n.1, p. 7-18. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v5n1/7075.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; MIRANDA, Ary Carvalho de (org.). **Saúde e Ambiente Sustentável:** estreitando nós. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In. MINAYO, M. C. de S. (org.); DESLANDES; S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social:** Teoria, método e criatividade. 30 ed. Petrópolis: Vozes, p. 9-29. 2011.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro, 5ª ed. – Petrópolis. RJ: Vozes, 2007.

NOGUEIRA, Eliete Jussara. **Rede de relações sociais:** um estudo transversal com homens e mulheres pertencentes a três grupos etários. 2001. 117f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação UNICAMP. Campinas/SP, Agosto, 2001. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000235568&fd=y>. Acesso em: 03 dez. 2013.

OA1– Entrevistado OA1: **depoimento** [20 nov. 2012]. Entrevistador: Silvana Aparecida Mendes Matsdorff. Boa Vista (RR): s.e., 2012. Gravação em máquina digital.

OA2– Entrevistado OA2: **depoimento** [20 nov. 2012]. Entrevistador: Silvana Aparecida Mendes Matsdorff. Boa Vista (RR): s.e., 2012. Gravação em máquina digital.

OA5– Entrevistado OA5: **depoimento** [20 nov. 2012]. Entrevistador: Silvana Aparecida Mendes Matsdorff. Boa Vista (RR): s.e., 2012. Gravação em máquina digital.

OLIVEN, Ruben George. Em busca do tempo perdido: o movimento tradicionalista gaúcho. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 6, n. 15.1991.

OLIVEN, Ruben George. A dupla desterritorialização da cultura gaúcha**.** In. FONSECA, C. (org.) **Fronteiras da cultura:** horizontes e territórios da antropologia na América Latina. Porto Alegre: UFRGS, p. 24-40. 1993.

P1– Entrevistado P1: **depoimento** [27 nov. 2012]. Entrevistador: Silvana Aparecida Mendes Matsdorff. Boa Vista (RR): s.e., 2012. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Silvana Aparecida Mendes Matsdorff.

P2– Entrevistado P2: **depoimento** [27 nov. 2012]. Entrevistador: Silvana Aparecida Mendes Matsdorff. Boa Vista (RR): s.e., 2012. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Silvana Aparecida Mendes Matsdorff.

P4– Entrevistado P4: **depoimento** [27 nov. 2012]. Entrevistador: Silvana Aparecida Mendes Matsdorff. Boa Vista (RR): s.e., 2012. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Silvana Aparecida Mendes Matsdorff.

P6– Entrevistado P6: **depoimento** [27 nov. 2012]. Entrevistador: Silvana Aparecida Mendes Matsdorff. Boa Vista (RR): s.e., 2012. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Silvana Aparecida Mendes Matsdorff.

PELUSO, Marco Aurélio Monteiro; ANDRADE, Laura Helena Silveira Guerra de. Atividade física e saúde mental: a associação entre exercício e humor. **Clinics**, São Paulo, v. 60, n. 1, p. 61-70 Fev. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-59322005000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 dez. 2013.

PEREIRA, Maria Elizabeth Roza; BUENO, Sônia Maria Villela. Lazer - um caminho para aliviar as tensões no ambiente de trabalho em UTI: uma concepção da equipe de enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 4, Out. 1997 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11691997000400010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 abr. 2013.

PETO, A. C. Terapia através da dança com laringectomizados: relato de experiência. **Revista Latino-americana de enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 6, p. 35-39. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v8n6/12346.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2012.

RESENDE, Marineia Crosara de; BONES, Vanessa Mistieri; SOUZA, Ive Sene e GUIMARAES, Najara Knipel. Rede de relações sociais e satisfação com a vida de adultos e idosos. **Psicologia para América Latina**. n.5. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1870-350X2006000100015&script=sci_arttext>. Acesso em: 05 jul. 2013.

SACHS, Ignacy. Brasil rural: da redescoberta à invenção**. Estudos avançados** [online], vol.15, n.43 p. 75-82. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n43/v15n43a08.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2012.

SACHS, Ignacy. **Inclusão social pelo trabalho**. Desenvolvimento humano, trabalho decente e o futuro dos empreendedores de pequeno porte no Brasil. Rio de Janeiro:Garamond, 2003.

SARTRE, Xavier Arnauld; BERDOULAY, Vincent. Teoria do sujeito, geografia e desenvolvimento local. **Novos Cadernos NAEA**, v. 8, n. 2, p. 109-124, dez. 2005. Disponível em: < http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/viewFile/54/52>. Acesso em: 27 nov. 2013.

SAWAIA, Bader Burihan. Psicologia Social: aspectos epistemológicos e éticos. In: **Novas veredas da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, Educ, p. 45-54, 2006.

SCATTOLIN, Fátima Ayres de Araújo. Qualidade de vida: A evolução do conceito e

os instrumentos de medida. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, v.8, n. 4, p. 1-5. 2006. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/175>. Acesso em: 25 mai. 2012.

SEN, Amartya. O desenvolvimento como expansão de capacidades. **Lua Nova**, São Paulo, n. 28-29, Abr.1993 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451993000100016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 abr. 2013.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**/ Edna Lúcia da Silva, Estera Muszkat Menezes. – 3. ed. rev. atual.– Florianópolis: UFSC,121p. 2001. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/2367267/DA-SILVA-MENEZES-2001-Metodologia-da-pesquisa-e-elaboracao-de-dissertacao>. Acesso em: 09 out. 2011.

SOUSA, Diogo Araújo; CERQUEIRA-SANTOS, Elder. Redes sociais e Relacionamentos de amizade ao longo do ciclo vital. **Revista Psicopedagogia,** 28(85): 53-66. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v28n85/06.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2013.

SOUZA, Carla Monteiro de. **Gaúchos em Roraima.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

STEINHOEFEL, Soraia. **A indumentária gaúcha nos Centros de Tradições Gaúchas: O CTG Bento Gonçalves no Vale do Taquari.** 2007. 93 f. Monografia (Graduação em História) - Centro Universitário UNIVATES. Lajeado/RS, 2007.

STENGEL, Márcia. O exercício da autoridade em famílias com filhos adolescentes. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 502-521, dez. 2011. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=O+exerc%C3%ADcio+da+autoridade+em+fam%C3%ADlias+com+filhos+adolescentes&oq=o+exerc%C3%ADcio&aqs=chrome.0.69i59j69i57j0l4.6654j0j9&sourceid=chrome&espv=210&es_sm=122&ie=UTF-8>. Acesso em: 28 mai. 2013.

TREVIZAN, Salvador dal Pozzo. Ciência, meio ambiente e qualidade de vida: uma proposta de pesquisa para uma universidade comprometida com sua comunidade.**Ciência saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1. 2000 . Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v5n1/7088.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2013.

VAILLANT, George E. Mental Health. **Am J Psychiatry**, v.160, n. 8, p. 1373–1384 August. 2003. Disponível em: <http://ajp.psychiatryonline.org/data/Journals/AJP/3751/1373.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2013.

VILELA, Elaine Morelato; MENDES, Iranilde José Messias. Interdisciplinaridade e

saúde: estudo bibliográfico. **Revista Latino-americana Enfermagem**, v.11, n.4, p. 525-531, jul./ago. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v11n4/v11n4a16.pdf>. Acesso em: 05 out. 2011.

WAGNER, Carlos. **O Brasil de bombachas**. Porto Alegre: L&PM, 1995.

WHITAKER, Dulce; BEZZON, Lara. **A Cultura e o Ecossistema:** Reflexões a partir de um Diálogo**.** Campinas: Alínea, 2006.

WOLKMER, Antônio Carlos. Pluralismo jurídico, direitos humanos e Interculturalidade. **Revista Sequência**, n.53, p.113-128, dez. 2006. Disponível em: <http://www.journal.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/15095/13750>. Acesso em: 16 out. 2011.

X1– Entrevistado X1: **depoimento** [29 nov. 2012]. Entrevistador: Silvana Aparecida Mendes Matsdorff. Boa Vista (RR): s.e., 2012. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Silvana Aparecida Mendes Matsdorff.

X2– Entrevistado X2: **depoimento** [29 nov. 2012]. Entrevistador: Silvana Aparecida Mendes Matsdorff. Boa Vista (RR): s.e., 2012. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Silvana Aparecida Mendes Matsdorff.

X4– Entrevistado X4: **depoimento** [29 nov. 2012]. Entrevistador: Silvana Aparecida Mendes Matsdorff. Boa Vista (RR): s.e., 2012. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Silvana Aparecida Mendes Matsdorff.

X5– Entrevistado X5: **depoimento** [29 nov. 2012]. Entrevistador: Silvana Aparecida Mendes Matsdorff. Boa Vista (RR): s.e., 2012. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Silvana Aparecida Mendes Matsdorff.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Roteiro de Entrevista com Dirigentes e Instrutores de Atividades Físicas e Culturais do CTG Nova Querência de Boa Vista

1. Por que você acha que as pessoas frequentam o CTG?

2. Qual a importância da atividade que você coordena, para a sua vida e para a vida dos seus alunos/sócios?

3. Em sua opinião, quais os fatores que mais motivam e quais que mais desmotivam os sócios a participarem do CTG?

4. O que o CTG Nova Querência representa para você?

5. O que é qualidade de vida para você?

APÊNDICE B

Roteiro de Entrevista para o Grupo Focal com participantes do CTG Nova Querência de Boa Vista

1. O que o CTG Nova Querência representa para você?

2. O que é qualidade de vida para você?

3. Você considera que a participação no CTG Nova Querência influencia na sua qualidade de vida? Como?

4. Você acha que frequentar o CTG faz com que você se sinta mais ativo e feliz ao desenvolver suas atividades em seu ambiente de trabalho/escola?

5. Participar do CTG traz algum benefício para sua vida familiar? Quais?

ANEXOS

ANEXO 1 - ***WHOQOL-Bref***

QUESTIONÁRIO *WHOQOL-Bref*

Instruções:

Este questionário é sobre como você se sente a respeito de sua qualidade de vida, saúde e outras áreas de sua vida. **Por favor, responda a todas as questões**. Se você não tem certeza sobre que resposta dar em um questão, por favor, escolha entre as alternativas a que lhe parece mais apropriada. Esta, muitas vezes, poderá ser sua primeira escolha.

Por favor, tenha em mente seus valores, aspirações, prazeres e preocupações. Nós estamos perguntando o que você acha de sua vida, tomando como referência as **duas últimas semanas.** Por exemplo, pensando nas últimas duas semanas, uma questão poderia ser:

Questão	Nada	Muito pouco	Médio	Muito	Completa-mente
Você recebe dos outros o apoio de que necessita?	1	2	3	4	5

Você deve circular o número que melhor corresponde ao quanto você recebe dos outros o apoio de que necessita nestas últimas duas semanas. Portanto, você deve circular, por exemplo, o número 4 se você recebeu “muito” apoio como abaixo.

Questão	Nada	Muito pouco	Médio	Muito	Completa -mente
Você recebe dos outros o apoio de que necessita?	1	2	3	(4)	5

Por favor, leia cada questão, veja o que você acha e circule no número que lhe parece a melhor resposta

	Questão	Muito ruim	Ruim	Nem ruim nem boa	Boa	Muito boa
1	Como você avaliaria sua qualidade de vida	1	2	3	4	5

	Questão	Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem insatisfeito nem satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito
2	Quão satisfeito(a) você está com a sua saúde?	1	2	3	4	5

As questões seguintes são sobre o quanto você tem sentido algumas coisas nas últimas duas semanas

	Questão	Nada	Muito pouco	Mais ou menos	Bastante	Extrema-mente
3	Em que medida você acha que sua dor (física) impede você de fazer o que você precisa?	1	2	3	4	5
4	O quanto você precisa de algum tratamento médico para levar sua vida diária?	1	2	3	4	5
5	O quanto você aproveita a vida?	1	2	3	4	5
6	Em que medida você acha que sua vida tem sentido?	1	2	3	4	5
7	O quanto você consegue se concentrar?	1	2	3	4	5
8	Quão seguro(a) você se sente em sua vida diária?	1	2	3	4	5
9	Quão saudável é o seu ambiente físico (clima, barulho, poluição e atrativos)?	1	2	3	4	5

As questões seguintes perguntam sobre o quão completamente você tem sentido ou é capaz de fazer certas coisas nestas últimas duas semanas

	Questão	Nada	Muito pouco	Médio	Muito	Completa-mente
10	Você tem energia suficiente para seu dia a dia?	1	2	3	4	5
11	Você é capaz de aceitar sua aparência física?	1	2	3	4	5
12	Você tem dinheiro suficiente para satisfazer suas necessidades?	1	2	3	4	5
13	Quão disponível para você estão as informações que precisa no dia a dia?	1	2	3	4	5
14	Em que medida você tem oportunidades de atividade de lazer?	1	2	3	4	5

As questões seguintes perguntam sobre quão bem ou satisfeito você se sentiu a respeito de vários aspectos de sua vida nas últimas duas semanas

	Questão	Muito ruim	Ruim	Nem ruim nem bom	Bom	Muito bom
15	Quão bem você é capaz de se locomover?	1	2	3	4	5

	Questão	Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem insatisfeito nem satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito
16	Quão satisfeito(a) você está com seu sono?	1	2	3	4	5
17	Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade de desempenhar as atividades do seu dia a dia?	1	2	3	4	5
18	Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade para o trabalho?	1	2	3	4	5

	Questão	Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem insatisfeito nem satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito
19	Quão satisfeito(a) você está consigo mesmo?	1	2	3	4	5
20	Quão satisfeito(a) você está com suas relações pessoais (amigos, parentes, conhecidos, colegas)?	1	2	3	4	5
21	Quão satisfeito(a) você está com sua vida sexual?	1	2	3	4	5
22	Quão satisfeito(a) você está com o apoio que você recebe dos seus amigos?	1	2	3	4	5
23	Quão satisfeito(a) você está com as condições do local onde mora?	1	2	3	4	5
24	Quão satisfeito(a) você está com o seu acesso aos serviços de saúde	1	2	3	4	5
25	Quão satisfeito(a) você está com seu meio de transporte?	1	2	3	4	5

A questão seguinte refere-se a com que frequência você sentiu ou experimentou certas coisas nas últimas duas semanas

	Questão	Nunca	Algumas vezes	Frequentemente	Muito frequentemente	Sempre
26	Com que frequência você tem sentimentos negativos tais como mau humor, desespero, ansiedade, depressão?	1	2	3	4	5

Alguém lhe ajudou a preencher este questionário?_____

Quanto tempo você levou para preencher este questionário?_____

Você tem algum comentário sobre o questionário?

_____

_____

OBRIGADA PELA SUA COLABORAÇÃO!

ANEXO 2 – SINTAXE PARA DEFINIÇÃO DOS ESCORES

STEPS FOR CHECKING AND CLEANING DATA AND COMPUTING DOMAIN SCORES FOR THE WHOQOL-BREF

(prepared by Alison Harper and Mick Power on behalf of the WHOQOL Group)

Steps	SPSS syntax for carrying out data checking,cleaning and computing total scores
Check all 26 items from assessment have a range of 1-5	RECODE Q1 Q2 Q3 Q4 Q5 Q6 Q7 Q8 Q9 Q10 Q11 Q12 Q13 Q14 Q15 Q16 Q17 Q18 Q19 120 Q21 Q22 Q23 Q24 Q25 Q26 (1=1) (2=2) (3=3) (4=4) (5=5) (ELSE=SYMSIS). (This recodes all data outside the range 1-5 to system missing)
Reverse 3 negatively phrased items	RECODE Q3 Q4 Q26 (1=5) (2=4) (3=3) (4=2) (5=1) (This transforms negatively framed questions to positively framed questions)
Compute domain scores	COMPUTE PHYS= MEAN.6(Q3,Q4,Q10,Q15,Q16,Q17,Q18)*4. COMPUTE PSYCH= MEAN.5(Q5,Q6,Q7,Q11,Q19,Q26)*4. COMPUTE SOCIAL=MEAN.2(Q20,Q21,Q22)*4. COMPUTE ENVIR=MEAN.6(Q8,Q9,Q12,Q13,Q14,Q23,Q24,Q25)*4. (These equations calculate the domain scores. All scores are multiplied by 4 so as to be directly comparable with scores derived from the WHOQOL-100. The ".6" in "MEAN.6" specifies that 6 items must be endorsed for the domain score to be calculated.)
Transform scores to 0-100 scale	COMPUTE PHYS=(PHYS-4)*(100/16). COMPUTE PSYCH=(PSYCH-4)*(100/16). COMPUTE SOCIAL=(SOCIAL-4)*(100/16). COMPUTE ENVIR=(ENVIR-4)*(100/16)
Delete cases with > 20% missing data	COUNT TOTAL=Q1 TO Q26 (1 THRU 5) (This command creates a new column "total". "Total" contains a count of the WHOQOL-BREF items with values 1-5 that have been endorsed by each subject. The "Q1 TO Q26" means that consecutive columns from "Q1", the first item, to "Q26", the last item, are included in the count. It therefore assumes that data is entered in the order given in the assessment.) SELECT IF (TOTAL>21). EXECUTE (This second command selects only those cases where "total", the "total number" of items completed, is greater than or equal to 80%. It deletes the remaining cases from the dataset.)

ANEXO 3 – PARECER - COEP

Plataforma Brasil - Ministério da Saúde

Centro Universitário UNIVATES

PROJETO DE PESQUISA

Título: AMBIENTE E QUALIDADE DE VIDA: UM ESTUDO NO CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS (CTG) NOVA QUERÊNCIA DE BOA VISTA/RR

Área Temática:

Pesquisador: Silvana Aparecida Mendes Matsdorff **Versão:** 1

Instituição: Centro Universitário UNIVATES **CAAE:** 06065412.5.0000.5310

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Número do Parecer: 78067

Data da Relatoria: 20/08/2012

Apresentação do Projeto:

A qualidade de vida é um tema, que tem recebido atenção especial nos últimos anos, por antropólogos, sociólogos, políticos e profissionais da saúde, entre outros. Entendida
como um conceito polissêmico, a qualidade de vida é interpretada e sentida pelas pessoas de maneira diferente, dependendo de sua cultura, suas crenças, acesso a conhecimentos, posição social e conjunto de valores, podendo variar também para o mesmo indivíduo em diferentes momentos de sua existência.
compreende-se que a promoção da saúde e consequentemente a busca pela melhoria da qualidade de vida é responsabilidade de todos. Além da necessidade da implementação de políticas públicas pelo Estado, indivíduos e sociedade devem estar imbuídos do desejo de promover ações que melhorem a qualidade de vida individual e coletiva. Dentre elas, a organização e participação em espaços organizados nos quais as pessoas possam se reunir para se confraternizar, conversar, compartilhar sonhos, dificuldades e desejos, participar de atividades físicas e culturais, desfrutar de boa gastronomia, reviver e compartilhar sua cultura, enfim, participar de momentos de lazer, constitui-se como uma alternativa. Em Boa Vista, Roraima, o Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Nova Querência, representa um desses espaços. Com o presente estudo, busca-se obter o escore de qualidade de vida dos participantes do CTG Nova Querência de Boa Vista-RR, identificar quais os domínios que determinam a sua qualidade de vida e para suscitar a reflexão sobre as percepções dos usuários do CTG acerca da influência desse ambiente para sua qualidade de vida.

Objetivo da Pesquisa:

Avaliar a qualidade de vida dos participantes do CTG Nova Querência de Boa Vista nos aspectos físico, psicológico, social e ambiental e a influência desse ambiente nesse processo.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Como riscos têm-se a exposição social, que será minimizada pelo sigilo dos dados; tempo para responder ao questionário, neste caso serão efetuadas pausas para evitar cansaço.
Os benefícios, segundo o pesquisador, é que os administradores, profissionais e participantes do CTG, terão a condição de analisar de maneira mais consciente e fundamentada, as atividades desenvolvidas no ambiente do Centro e os resultados positivos que as mesmas promovem no âmbito da qualidade de vida. Dessa maneira espera-se que haja uma cultura de participação e valorização das atividades físicas e culturais ali desenvolvidas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa não possui restrições éticas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

TCLE de acordo com a legislação.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Recomenda-se aprovação.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Do ponto de vista ético foram atendidos todos requisitos previstos na Resolução 196/96.

LAJEADO, 20 de Agosto de 2012

Assinado por:
Cátia Viviane Gonçalves